



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Câmpus de São José do Rio Preto

Lucas Marques de Oliveira

**Léxico, cultura e ideologia:**  
representações da homossexualidade na mídia

São José do Rio Preto  
2022

Lucas Marques de Oliveira

**Léxico, cultura e ideologia:**  
representações da homossexualidade na mídia

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angélica Karim Garcia Simão

São José do Rio Preto  
2022

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O48l | <p>Oliveira, Lucas Marques de</p> <p>Léxico, cultura e ideologia: representações da homossexualidade na mídia / Lucas Marques de Oliveira. -- São José do Rio Preto, 2022</p> <p>145 f. : fotos</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto</p> <p>Orientadora: Angélica Karim Garcia Simão</p> <p>1. Estudos do Léxico. 2. Ideologia. 3. Discurso. 4. Ciberjornalismo.</p> <p>I. Título.</p> |
|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Lucas Marques de Oliveira

**Léxico, cultura e ideologia:**  
representações da homossexualidade na mídia

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Nome do Programa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Nome do Programa, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Comissão Examinadora

Titulares

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angélica Karim Garcia Simão  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto  
Orientador

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rebeca Lins Simões de Oliveira  
Universidade de Pernambuco (UPE)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Zavaglia  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto  
08 de setembro de 2022

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Celso e Flávia, a minha avó Regina, por sempre respeitarem minha escolha por estudar e me apoiarem dentro das possibilidades.

À minha orientadora, a Professora Doutora Angélica Karim Garcia Simão, que nesses anos de estudos e reuniões me ensinou muito, não apenas conteudisticamente falando. Angélica, obrigado por todos os momentos juntos, pelas risadas, pelas broncas, por todos os ensinamentos e, especialmente, por acreditar em mim. Levarei, para sempre, você comigo.

Ao Ibilce, por me acolher desde 2013 e por haver sido muito importante no meu desenvolvimento pessoal e profissional. Hoje, estou seguro que deixo a instituição repleto de boas lembranças e muitas lições aprendidas.

À Professora Doutora Claudia Zavaglia, por ser um grande nome nos estudos do Léxico, por zelar tão bem pelo nosso programa de pós e, especialmente, pela linha de pesquisa “Lexicologia e Lexicografia”. Pela ótima disciplina de “Estudos Aprofundados em Lexicografia” e por ter aceitado participar da minha banca.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rebeca Lins Simões de Oliveira, pelas contribuições feitas desde o debate do Selin e por ter aceitado participar da banca de defesa.

Ao professor Doutor Sebastião Carlos, a quem tenho muita admiração, pelo amplo conhecimento na Linguística e por ser uma pessoa adorável

Aos meus melhores amigos da vida, os quais desde 2013 foram fundamentais na minha jornada. Em especial, Michelle Nunes, Mariana Pelegrini e Lua Camilo Nogueira.

Aos amigos novos que fiz durante a pós-graduação, por compartilhar tanto os momentos bons quanto os ruins e fazer com que esse período fosse mais leve. Em especial, a minha amiga Denise Bordin que, com certeza, foi o meu maior presente.

Aos meus alunos, pelo carinho e por me ajudarem, diretamente, nesse período de desafios e desenvolvimento pessoal e profissional. Em especial, agradeço à Thais Vick, por todas as conversas e as trocas.

Agradeço à Univesp (Universidade Virtual do Estado de São Paulo), pela oportunidade na atuação como tutor durante 24 meses, além da ajuda financeira.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os argumentos que circularam na imprensa brasileira com relação ao uso das unidades lexicais “homossexualismo” e “homossexualidade” em textos jornalísticos do século XXI, mais especificamente a concorrência desses dois itens lexicais, fato que suscitou tanto o uso do binômio de modo concomitante como também o debate em torno do seu emprego. Após o processo de despatologização da homossexualidade, no final da década de 1990 do século XX, muitos discursos passaram a sustentar argumentos de que o uso da unidade lexical “homossexualismo” fosse “politicamente incorreto”, propondo sua substituição pela unidade “homossexualidade”. Tal reivindicação se pautou, em alguns casos, na ideia de que o sufixo “-ISMO”, em oposição ao sufixo “-DADE”, contenha valores semânticos atrelados à patologia, o que, direta ou indiretamente, expressaria, por meio do discurso, aspectos de preconceito e discriminação social. Dessa forma, a reivindicação do emprego de “homossexualidade” em vez de “homossexualismo” passou a se manifestar como uma forma de reivindicação ou representação de uma identidade social. Pode-se dizer que essa discussão inseriu o debate linguístico em torno do uso do léxico, para além da esfera morfológica, no âmbito ideológico. Nesse sentido, procuramos analisar os discursos que circularam em textos jornalísticos de jornais de grande circulação em torno desse debate e os vieses ideológicos presentes na discussão. Assim, o foco é analisar a argumentação e a identificação das ideologias linguísticas que subjazem desta discussão em torno do emprego e da escolha das diferentes unidades lexicais. O *corpus* do trabalho é composto por textos (*web* notícias) do jornal Folha de S. Paulo (Brasil), publicados no período de janeiro de 2000 a julho de 2020. Para desenvolver nosso trabalho, usamos como referencial teórico autores da área do Léxico e do Discurso, como Polguère, Biderman, Borba, Van Dijk e Thompson.

**Palavras-chave:** Léxico. Ideologia. Discurso. Ciberjornalismo.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the arguments that circulated in the Brazilian press regarding the use of the lexical units “homossexualismo” and “homossexualidade” in journalistic texts of the 21st century, more specifically, the concurrence of these two lexical items, a fact that raised the use of the binomial concomitantly as well as the debate around its use. After the process of depathologizing homosexuality, in the late 1990s of the 20th century, many discourses began to support arguments suggesting that the use of the lexical unit “homossexualismo” was “politically incorrect”, proposing its replacement by the unit “homossexualidade”. Such claim was based, in some cases, on the idea that the suffix “-ISMO”, as opposed to the suffix “-DADE”, contains semantic values related to the pathology, which, directly or indirectly, would express, through discourse, aspects of prejudice and social discrimination. In this way, the demand for the use of “homossexualidade” instead of “homossexualismo” began to manifest itself as a form of claim or representation of social identity. It can be said that this discussion inserted the linguistic debate, around the use of the lexicon, in the ideological sphere, going beyond the morphological sphere. In this sense, we seek to analyze the discourses that circulated in journalistic texts from large-circulation newspapers about this debate and the ideological biases present in the discussion. Thus, the focus is to analyze the argumentation and the identification of the linguistic ideologies that underlie this discussion over the use and choice of different lexical units. This work's corpus is composed of texts (web news) from the newspaper Folha de S. Paulo (Brazil), published from January 2000 to July 2020. To develop our work, we used, as theoretical references, authors from the Lexicon and Discourse areas, such as Polguère, Biderman, Borba, Van Dijk, and Thompson.

**Keywords:** Lexicon. Ideology. Discourse. Cyberjournalism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 – Organização do corpus                                                      | 61 |
| Gráfico 1 – Buscas no Google Trends das lexias “homossexualismo” e “homossexualidade” | 81 |
| Figura 1 – Layout do site Folha de S. Paulo                                           | 60 |
| Figura 2 – Buscador de notícias do jornal Folha de S. Paulo                           | 60 |
| Figura 3 – Verbete “Homossexualismo”                                                  | 85 |
| Figura 4 – Verbete “Homossexualidade”                                                 | 85 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|                 |                                                                        |
|-----------------|------------------------------------------------------------------------|
| <b>FSP</b>      | Folha de São Paulo                                                     |
| <b>OMS</b>      | Organização Mundial da Saúde                                           |
| <b>LGBTQIA+</b> | Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo e assexuais |
| <b>ABGLT</b>    | Associação brasileira de lésbicas, gays, travestis e transsexuais      |

## SUMÁRIO

|                                                                                                              |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                            | <b>10</b> |
| <b>CAPÍTULO 1 – O LÉXICO</b>                                                                                 | <b>12</b> |
| 1.1 O léxico como objeto de estudo                                                                           | 12        |
| 1.2 A palavra e a unidade lexical                                                                            | 16        |
| 1.3 A derivação como processo de formação de palavras por meio da sufixação: o uso dos sufixos –ISMO e –DADE | 19        |
| <b>CAPÍTULO 2 – LÉXICO, IDENTIDADE E IDEOLOGIAS</b>                                                          | <b>29</b> |
| 2.1 Identidade e Identidade homossexual                                                                      | 29        |
| 2.2 O que são ideologias?                                                                                    | 33        |
| 2.3 Ideologias linguísticas                                                                                  | 36        |
| 2.4 Ideologias linguísticas, léxico e mídia                                                                  | 39        |
| <b>CAPÍTULO 3 – LÉXICO E JORNALISMO</b>                                                                      | <b>43</b> |
| 3.1 Ciberjornalismo: a <i>web</i> notícia                                                                    | 43        |
| 3.2 Perfis editoriais: Folha de São Paulo                                                                    | 47        |
| 3.3 Manuais de uso “correto” da língua                                                                       | 50        |
| 3.4 Ideologias linguísticas e escolhas lexicais: o politicamente correto na mídia                            | 53        |
| <b>CAPÍTULO 4 – FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS</b>                                                                | <b>58</b> |
| 4.1 Descrição do <i>corpus</i> e seleção de dados                                                            | 58        |
| 4.2 Procedimentos de análise                                                                                 | 58        |
| <b>CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS DADOS</b>                                                                        | <b>63</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                                  | <b>86</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                                           | <b>88</b> |
| <b>ANEXO A – CORPUS RECOLHIDO - FOLHA DE S. PAULO</b>                                                        | <b>92</b> |

## INTRODUÇÃO

A língua é um espaço de disputa e de exercício de poder e os usos que fazemos dela acabam se apresentando como uma marca de identidade social e política. Observamos, na contemporaneidade, em diferentes plataformas midiáticas (jornais, revistas, televisão e internet), a reivindicação pelo emprego de unidades lexicais no discurso a fim de garantir a representatividade de grupos minoritários. Como exemplos, podemos citar os debates em torno das unidades lexicais “preto”, “negro” e “escravo”, no âmbito das questões raciais, as marcas de gênero gramatical, presente nos debates feministas, e o uso do gênero neutro, requerido por alguns segmentos da comunidade LGBTQIA+ como uma forma de luta contra a LGBTfobia.

As transformações sociais, culturais e científicas experienciadas ao longo do século XX levaram a um novo entendimento sobre a sexualidade humana, sobretudo da perspectiva médica e psicossocial. A homossexualidade, instituída como “personalidade patológica” (1948) e, posteriormente, como “desvio e transtorno sexual” (1965), foi retirada dessa categoria no dia 17 de maio 1990 pela Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>1</sup>.

Essas transformações afetaram diretamente movimentos sociais e políticos e refletiram na proposta de adoção de novos termos e nomenclaturas para designar fenômenos que envolviam não só os homossexuais, mas também outros grupos minoritários. Pode-se afirmar que movimentos sociais influenciam, então, o uso da língua, assim como o uso da língua influencia os movimentos sociais, fato que reforça a ideia de que ambos fenômenos – cultural e linguístico – são indissociáveis.

Dentre muitas discussões que começaram a ser pautadas, tem-se a proposta de substituição da unidade lexical “homossexualismo” por “homossexualidade”, em que muitos entendem como sendo fruto da onda do “politicamente correto”, que nasceu nos Estados Unidos, nos anos 90, e começou a dar voz para grupos sociais reivindicando mudanças em vários âmbitos, como o social, o laboral e o linguístico.

Essa discussão linguística, que se apresenta, inicialmente, pelo viés morfológico, pois se centra na substituição de sufixos, passou a fazer parte da mídia. Presenciamos, então, ao longo dos últimos vinte anos que marcaram o início do século XXI, discussões que nortearam o debate em torno do uso da língua, centradas em argumentos linguísticos, mas que deixaram

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101984000500002>

implícitas questões ideológicas subjacentes no âmbito das relações entre língua, linguagem e transformações socioculturais.

Nessa perspectiva, no presente trabalho, propomos, à luz da Lexicologia, analisar quais argumentos circularam na imprensa brasileira em torno da adoção de novas unidades do léxico, mais especificamente com relação ao uso do binômio homossexualismo/homossexualidade, a fim de observar como se deu o fenômeno de mudança lexical e o debate em torno dessa mudança, que se apoia em argumentos que transitaram entre o caráter linguístico (morfológico) e político (ideológico).

Para a execução do presente trabalho, lançamos mão da versão *on-line* do jornal Folha de S. Paulo. Nele fizemos as buscas e selecionamos nosso *corpus* para, então, dar continuidade à pesquisa. No capítulo “Fundamentos Metodológicos” explicaremos melhor o passo a passo.

Para tanto, neste trabalho partimos, no capítulo 1, da discussão do léxico como objeto de estudo das ciências lexicais (Lexicologia, Lexicografia e Terminologia) e de sua relação com a sociedade, configurando-se como um elemento de representação identitária. Nesse sentido, buscamos evidenciar seu caráter social e ideológico na constituição dos discursos que circulam nos meios de comunicação. Discutimos os processos de formação de palavras, mais especificamente o aspecto morfológico e semântico implicado no uso dos sufixos -ISMO e -DADE, a fim de buscar as diferenças de uso de caráter linguístico. Tecemos algumas considerações sobre ideologias e ideologia linguística e suas relações com o léxico.

Para dar suporte ao ciberjornalismo, exploramos suas características gerais, focando na *web* notícia, diferenciando-a da notícia impressa e, também, destacando suas características. Nessa mesma seção, discutimos o perfil editorial da Folha de S. Paulo, o politicamente correto e os manuais de uso “correto” da língua.

O capítulo dos processos metodológicos descreve as etapas da montagem do *corpus* até chegar na análise. Possui duas figuras ilustrativas e, também, a tabela com o *corpus* organizado.

O último capítulo é referente à análise. Nela, lançamos mão de excertos do nosso *corpus* para argumentar e refletir sobre o tema principal do presente trabalho: a substituição de -ISMO por -DADE no binômio “homossexualismo” e “homossexualidade”.

A parte final da estrutura da dissertação consta das referências bibliográficas, a qual registra todos os textos e autores que usamos para desenvolver o trabalho, além dos “Anexos” com todos os textos jornalísticos usados no *corpus*.

## 1 O LÉXICO

### 1.1 O léxico como objeto de estudo

Em todo capítulo 1 vamos tecer considerações sobre o arcabouço teórico da teoria do léxico usada para sustentar o presente trabalho. No capítulo 1, serão desenvolvidos argumentos sobre o Léxico, o qual segmentamos em “O léxico como objeto de estudo”, “A palavra e a unidade lexical” e “Processo de formação de palavras por sufixação: os sufixos –ISMO e –DADE.

O estudo do léxico conta com três ciências principais: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. A Lexicologia entende, como objeto de estudo, o léxico de uma determinada língua como um conjunto de unidades de naturezas distintas que compõem o seu universo lexical. Para Henriques (2018), a Lexicologia é responsável também por sua significação. Já a Lexicografia está relacionada com a composição, organização e definição dos elementos do dicionário e sua principal função é a descrição do léxico (HENRIQUES, 2018). A Terminologia diz respeito aos termos específicos e vocabulários especializados de determinado campo de conhecimento.

Uma das maiores complexidades nos estudos do léxico é que, apesar de ser familiar a todos, definir seu conceito não é nada simples, pois ele é complexo e sujeito a diversas análises, a depender da perspectiva de observação, além de apresentar um forte componente interdisciplinar, não apenas com outros ramos da Linguística, mas também com outros campos do conhecimento. É possível partir de definições mais simples, até às mais complexas e completas. Henriques (2018, p. 19) trabalha com a seguinte definição: “Léxico é uma palavra familiar a todos, no entanto é difícil chegar a uma definição exata. Muitos a tem como sinônimo de vocabulário, glossário, dicionários. Mas, às vezes esses termos têm definições diferentes entre si”.

Ainda na perspectiva das diversas possibilidades de definições para léxico, Rey-Debove (1984) afirma que, a depender das necessidades do lexicólogo, as definições podem ser exploradas de distintos modos. Vejamos:

As diversas definições do léxico são exploráveis segundo as necessidades. Finalmente, escolher-se-á a definição do léxico que pareça mais bem adaptada ao trabalho a efetuar, guardando presentes no espírito as insuficiências de cada solução. Para uma mesma língua, o gramático preferirá sempre falar de morfemas e o lexicólogo (o antropólogo, o sociólogo) de palavras. Além disso, existem tipos de língua que impõem uma definição do léxico de preferência a uma outra, segundo a disposição de suas unidades significativas. O ponto essencial para o linguista é admitir que a oposição léxico/gramática concebida como a oposição unidades significativas/regras que as combinam, se ela é suscetível a rigor de dar uma descrição

da gramática, não pode bastar para dar uma ideia do léxico (REY-DEBOVE, 1984, p. 51).

Zavaglia (2012) afirma que “O léxico é, pois, o conjunto de todos os itens lexicais existentes em uma língua natural, incluso aí expressões, fraseologismos, itens gramaticais. É um conjunto aberto, em contínua expansão, impossível de ser delimitado em sua totalidade (p. 231)”. Para Villalva & Silvestre (2014), o léxico é um repositório das unidades lexicais de uma língua. Uma entidade abstrata que se obtém por acumulação e que é também degradável (é ganhado, perdido, transformado e herdado). Trask (2011) tem uma definição mais ampla sobre o léxico, como veremos a seguir:

É muito comum que o léxico seja entendido apenas como uma longa lista de palavras. Ao contrário, concebemos o léxico com o um conjunto de recursos lexicais que incluem os morfemas da língua e mais os processos disponíveis na língua para construir palavras com esses recursos (TRASK, 2011, p. 155).

É interessante pensar que todas as definições, embora diversas, não estão incorretas, pois tudo dependerá da definição que se tem do conceito de língua, variedade, dialeto ou de um socioleto, conceitos amplos que podem pertencer ao âmbito político-social, mais que da análise linguística.

Entender o léxico de uma língua também é muito complexo, pois a construção do repertório lexical se dá por acumulação: as palavras em uso de cada falante de uma comunidade se juntam às palavras em uso por outra comunidade, palavras contemporâneas se juntam com palavras que eram usadas no passado, somam-se dados da língua escrita com da língua oral. Contando, nesse percurso, com as variações internas de cada comunidade, pois, não necessariamente duas pessoas que são da mesma comunidade falarão de maneira análoga, uma vez que o léxico pode também mudar de pessoa para pessoa.

Segundo Batista (2011), ao léxico individual se denomina léxico mental, que é reflexo das experiências linguísticas individuais, o que um sujeito ouve, o que lê, o que fala, sobre o que escreve. Vale ressaltar, também, que uma pessoa não fala determinada língua só pelo fato de ter nascido e crescido no país onde essa língua é oficial, mas, sim, porque esses foram os dados linguísticos aos quais esteve exposta. Ainda para Batista (2011), o léxico que um falante possui em uma determinada época da vida pode não ser o mesmo de outras épocas, pois o léxico é cumulativo e degradável, assim, todas as experiências linguísticas vividas pelo falante serão cruciais para possíveis mudanças no saber lexical.

Villalva e Silvestre (2011, p. 24) citam Aitchison (1987), que estabelece a divisão de léxico mental em léxico passivo e léxico ativo. Segundo o autor, o léxico ativo é mais reduzido e está disponível para a produção verbal, ao passo que o léxico passivo, por sua vez, é mais extenso e é usado nas operações de reconhecimento de enunciados linguísticos. Para Batista (2011) o léxico deve ser dividido em léxico interno e externo, este diz respeito ao conjunto de palavras utilizadas pelos falantes, aquele é o conjunto de conhecimento que o falante nativo tem a respeito da estrutura, dos significados, das composições e das formações de estrutura. Em outras palavras, o léxico interno é a competência lexical do falante e o léxico externo é o conjunto de palavras que podem ser verificadas nos enunciados da língua.

A nomeação é resultado de um processo exclusivo dos seres humanos, uma vez que se tem a necessidade de dar nome para tudo que existe, seja pelo traço semântico ou pela função que lhe é designada. Entretanto, antes da nomeação propriamente dita, a entidade é conceptualizada, o que seria a parte cognitiva; por conseguinte, algo é conceptualizado no mundo e, depois, é nomeado. O ser humano desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos, fazendo com que elas atuem como uma espécie representação da realidade.

Para Biderman (1998) o léxico de uma língua é o registro do conhecimento do universo, uma fotografia, pois congela o léxico atual de determinada sociedade, que é um instrumento de poder e prestígio. Nesse sentido, a autora aponta que

O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. É por esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais (BIDERMAN, 1998, p. 91-92).

Para Lara (2006), o léxico tem um papel muito importante perante a sociedade, por transcender o nível linguístico e manifestar-se como símbolo social, articulando atitudes normativas e prescritivas de caráter ideológico, por meio de nomeação de ações, objetos, valores e tabus. Em função de tal manifestação, o léxico deixa de ser apenas um signo linguístico e, conseqüentemente, começa a fazer parte, também, do âmbito da moral e da ideologia, conceito que trataremos adiante. Ao considerar o léxico como símbolo social, Lara (2006) aclara que não é aconselhável entender as palavras somente como sendo motivadas ou, então, como sendo arbitrárias, conforme a teoria da arbitrariedade dos signos linguísticos, desenvolvida no Curso de Linguística Geral, de Saussure, mas, sim, como uma tradição verbal

que é singular a cada língua e é refletida, diretamente, por meio da cultura e da ideologia, e vice-versa.

Com o passar dos anos, os valores sociais usam a palavra como objeto e criam regras e convenções em torno delas, estabelecendo o que se deve e o que se pode dizer, ou não, em determinados contextos. É sugerível que se fale palavras aceitas, ou no máximo, toleráveis. Toda palavra que não é bem vista, por qualquer viés, como o religioso, por exemplo, é um tabu social e lexical. As palavras tabu serão diferentes em cada sociedade, ainda que muitas possam ser incomuns, porque os fatores culturais, políticos e ideológicos influenciam para que uma palavra seja socialmente aceita ou não.

Para Borba (2006), o léxico é um conjunto de representações da realidade e é responsável por fazer a conexão entre a língua, como entidade abstrata, e a realidade, o mundo dos objetos. Cada comunidade representa o mundo de uma maneira, a partir de suas perspectivas, ideologias, crenças. Deste modo, cada comunidade lança mão de determinado léxico para melhor representar sua realidade. O léxico pode se manifestar a partir de vários pontos de vista: social, político, linguístico, histórico, etc. Cada palavra remete a uma particularidade, cabendo ao lexicólogo, cientificamente, mostrar a sua significação. Para o autor, a relação entre língua e sociedade tem como produto final elementos ideológicos, culturais e linguísticos, como um processo cíclico e interligado. Essa interrelação resulta em discussões de língua como identidade social, em oposições como normas linguísticas x normas sociais, e da língua como instrumento para defender a posição social de um sujeito a partir de um viés ideológico.

Bem como Borba (2006), Zavaglia (2012) também argumenta sobre a relação direta entre léxico e cultura e sobre o impacto direto que eles têm com os falantes de determinada língua. Zavaglia (2012) afirma que

O léxico está intimamente vinculado à cultura de uma nação e, portanto, à sua história. Com efeito, uma língua pode, potencialmente, expressar qualquer conteúdo, dependendo de sua tradição histórico-cultural, em termos de criação vocabular, que não se realiza em um espaço curto de tempo. De fato, o léxico é enraizado aos costumes, às tradições, à moral de uma determinada cultura e de seus habitantes; ele expressa uma visão de mundo particular de uma língua específica (ZAVAGLIA, 2012, p. 232).

## 1.2 A palavra e a unidade lexical

De acordo com Batista (2011), há muitas definições para o conceito de palavra, que pode ser visto de diferentes perspectivas, no entanto, nenhuma delas consegue conceituar de uma maneira satisfatória em razão dos conceitos serem mais ou menos adequados a depender da língua que será estudada. A respeito da definição de palavra, Biderman argumenta:

Por conseguinte, nossa tese é a de que não é possível definir a palavra de maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua. A afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa no discurso, com uma inegável individualidade. Os seus contornos formais situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa – o morfema – e uma unidade sintagmática maior – o sintagma (BIDERMAN, 1978, p. 85).

Segundo Biderman (1978, p. 119), cabe ao linguista identificar a unidade léxica da língua que está analisando, delimitá-la e conceituá-la, para, então, saber qual definição de palavra deverá seguir. Além disso, a autora afirma que

Não pode haver definição geral da palavra válida para todas e cada uma das línguas. Esta categoria, como todas as categorias linguísticas, deve ser estabelecida e justificada para a língua que se analisa. Mas se em alguma língua se puder chegar a critérios cientificamente objetivos para a divisão das palavras... a palavra pode corretamente servir como uma base para a análise fonológica e gramatical ulterior [...] (BIDERMAN, 1963, p. 27)

Lara (2006) problematiza a discussão do conceito de palavra ao argumentar que há uma maior familiaridade com o termo, inferindo que a nomenclatura se refira a palavra gráfica, pois a maior parte das pessoas que passam por um processo de escolarização sempre tiveram contato com ela. Além disso, a ideia de palavra como configuração gráfica separada por espaços brancos é subsidiada pelo sistema escolar. Para Lara (2006), pensar em palavra como unicamente a parte escrita da língua não é o suficiente, pois

[...] temos duas razões para não nos contentar com o conceito de palavra gráfica: uma de disposição intelectual para abrir os variados fenômenos linguísticos do gênero humano, que são maioritariamente falados e não escritos, e a capacidade metódica para poder delimitar uma unidade que parece ter tanto valor organizativo e cognitivo em todas as línguas (p. 19).<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Todas as traduções presentes neste trabalho são de nossa autoria.

“[...] tenemos dos buenas razones para no contentarnos con el concepto gráfico de la palabra: una de disposición intelectual para abrirnos a los muy variados fenómenos lingüísticos del género humano, que son mayoritariamente hablados y no escritos, y otra de capacidad metódica para poder delimitar una unidad que parece tener tanto valor organizativo y cognoscitivo en todas las lenguas.”

Somados a vaga ideia de palavra como palavra gráfica e o fato de que cada língua entende a unidade palavra de uma maneira diferente, por exemplo, Lara (2006) diz que há três características para definir a unidade palavra e contemplá-la de forma mais universal, que são: a fonológica, a semântica e a morfológica. Segundo Lara (2006), tais características formam uma ideia suficiente na definição de palavra, passando pela palavra gráfica, pela formação de sílaba e funções demarcativas e, por fim, pela denominação e características morfológicas. Seguindo na perspectiva de Biderman, Polguère (2018) defende que definir a unidade palavra se torna complexo, pois sua definição é ampla e ambígua. À luz dos Estudos do Léxico, ele diz, que convencionou-se usar os termos *lexia*, *unidade lexical* ou *item lexical*, para justamente não correr o risco de usar uma definição não tão apropriada e, também, para manter o caráter científico da área. Polguère (2018) argumenta:

O termo *palavra* é, pois, de emprego arriscado em Lexicologia. Quando se trata do léxico, seria preciso ao menos, [...] o cuidado de especificar em que sentido estamos empregando palavra – o que seria no mínimo fastidioso. Para evitar qualquer confusão, não utilizamos jamais *palavra* como termo linguístico técnico, preferindo recorrer a um sistema bastante rico, mas indispensável, de termos específicos: *lexia*, *forma de palavra*, *lexema*, *locução* e *vocábulo* (POLGUÈRE, 2018, p. 51).

Ele ainda acrescenta que a palavra é um signo linguístico que possui um nível de autonomia no funcionamento no sistema, em função das múltiplas opções para cada posição dentro de um sintagma e também das várias opções de posição em diferentes contextos.

Neste trabalho optamos por adotar o conceito de *lexia* de Polguère (2018) que, segundo o autor, também pode ser nomeada como *unidade lexical*. A *lexia* é a unidade funcional significativa do discurso, opondo-se, assim, ao morfema, que é a menor unidade linguística dotada de significação, e a palavra, que é a unidade mínima construída. É importante ressaltar, também, que os afixos (sufixos e prefixos) são considerados *lexias*, pois carregam significados.

Polguère (2018) define *vocábulo* como junção de *lexias* que estão associadas aos mesmos significantes e apresentam uma inter-relação semântica evidente. São denominadas como *acepções* as diferentes *lexias* de um *vocábulo*. Quando um *vocábulo* tem mais de uma *lexia*, tem-se o fenômeno da polissemia; já quando duas *lexias* diferentes se associam ao mesmo significante, embora sem nenhuma relação, tem-se o fenômeno da homonímia.

Para o presente trabalho, nos apoiamos e nos identificamos com a perspectiva de Polguère (2018). É possível entender, então, o binômio “homossexualismo” e “homossexualidade” como sendo dois *vocábulos* diferentes que se associam a um mesmo

significado: *homossexualismo* e *homossexualidade*, para referir-se à orientação sexual. É notório que no caso de *homossexualismo* x *homossexualidade*, o uso de um em detrimento do outro, não é necessariamente arbitrário, há questões de outras ordens que podem influenciar diretamente na escolha lexical, como as crenças e os posicionamentos políticos e sociais dos falantes inseridos em um contexto discursivo. A escolha lexical, nesse exemplo, manifesta muitos aspectos sobre o enunciador, que apesar de parecer pertencer unicamente à esfera linguística, perpassa outras esferas, como a ideológica e a política. Em se tratando do discurso, é possível estudar o funcionamento das lexias, por diversas motivações. São muitos os fatores que podem interferir nas opções de escolhas lexicais: a intencionalidade, a natureza dos espaços, eventos sociais, etc.

Antunes (2012, p. 53) argumenta sobre alguns dos principais fatores motivadores das ocorrências das unidades léxicas no discurso. Para a autora, o primeiro elemento diz respeito à seleção de palavras, isto é, o que temos a dizer, a ideia que desejamos expressar. O próximo fator está relacionado à intencionalidade, não falamos apenas para expressar sentido, mas, também, para alcançar determinada intenção. O gênero textual em questão também é muito importante, pois, dependendo de qual for, serão impostas algumas delimitações na seleção de palavras. Antunes diz que a modalidade da língua, oral ou escrita, também influencia na escolha lexical. Ainda ligado à modalidade, o nível de formalidade do texto também é determinante para as eventuais escolhas, pois, salvo algumas exceções, a língua falada aceita a informalidade melhor do que a língua escrita.

Biderman (1998) argumenta sobre a importância da palavra na sociedade, pois é a partir dela que as entidades da realidade são nomeadas e identificadas. Para nomear a realidade, é necessário, a princípio, fazer a categorização, que segundo Biderman (1998, p. 88) é a classificação de objetos feita por um sujeito humano, a qual pode ser subdividida, segmentada e suprimida em categorias gerais e específicas. Os critérios da categorização são processos dinâmicos e cognitivos e fluem entre as realidades, para denominar criações novas da mente humana, invenções existentes em determinada sociedade.

Entendemos o léxico como uma entidade complexa que flui no sistema linguístico, podendo fazer intersecções com diversas áreas afins. Estudar e entender o léxico de uma língua é extremamente relevante e necessário para entender a língua, não apenas como normas e regras, mas também para poder acessar a história, a cultura e a identidade de uma comunidade. Claudia Zavaglia (2012, p. 233) aponta que:

É o léxico, em formas de palavras e por meio da linguagem, que conta a história “milenar” de povo para povo; é o léxico que transmite os elementos culturais de um conjunto de indivíduos; é o léxico que “proíbe” manifestações, ou então as “incita”; é o léxico que “educa” ou “deseduca”; é o léxico que permite a manifestação dos sentimentos humanos, de suas afeições ou desagradados, via oral ou via escrita. É o léxico que registra o desencadear das ações de uma sociedade, das suas mudanças, do seu progresso ou regresso.

Assim, entendemos a importância da investigação das unidades lexicais, visto que suas escolhas em dados discursos e gêneros textuais, inseridos em contextos de uso específicos, resultam na produção de sentidos que geram implicações extralinguísticas. No caso do nosso trabalho, trata-se da concorrência entre os usos de *homossexualismo* ou *homossexualidade* em textos midiáticos e os argumentos utilizados para tais escolhas.

### **1.3 A derivação como processo de formação de palavras por meio da sufixação: o uso dos sufixos –ISMO e –DADE**

A presente seção tem como objetivo introduzir algumas ideias sobre o fenômeno de formação de palavras na língua portuguesa, com foco na derivação, para, então, argumentar sobre os sufixos –ISMO e –DADE.

Sandmann (1992, p. 11) afirma que a palavra é o objeto de estudo da Morfologia, no entanto, delimita como foco da Morfologia o estudo das classificações das palavras, sem entrar necessariamente em suas possíveis funções, já que essas são foco de outras áreas da Linguística. De acordo com Sandmann,

O estudo da morfologia é então o estudo da palavra, não das funções que ela pode desempenhar dentro da frase, o que seria objeto da sintaxe, nem de sua composição fônica ou silábica, o que seria tarefa da fonologia, mas de sua composição ou estrutura: se palavra variável ou invariável, isto é, se, em função de sua semântica ou papel na frase, ela pode ser ou não acrescida de unidades constitutivas, em geral significativas, chamadas flexões; se palavra simples ou complexa, quer dizer, se constituída apenas de raiz ou radical (ontem, relógio) ou se de mais morfemas lexicais, a saber, se de mais de um radical ou raiz (presidente-músico) ou se de radical mais um ou vários afixos (superpacote, de super- + pacote, chanchadeiro, de chanchada + -eiro e mididesvalorização, em que se podem admitir as seguintes etapas de complexificação: valor + -izar = valorizar, valorizar + -ção = valorização ou des- + valorizar = desvalorizar e, por prefixação ou sufixação, desvalorização e por fim de valorização (do cruzeiro, uma prefixação) (p. 11-12).

O presente trabalho se ocupa de estudar um fenômeno linguístico - e social - que perpassa também pela discussão dos sufixos. Sendo assim, é necessário discorrer sobre a parte da morfologia que se debruça sobre os afixos e como se formam palavras na língua portuguesa,

a Morfologia Lexical. Como já foi mencionado, a Morfologia tem como objeto de estudos as palavras e suas classificações. A morfologia lexical, por sua vez, tem como foco estudar as possíveis formações de palavras a partir de afixos (prefixos e sufixos).

Basilio (1987) argumenta que a competência lexical, isto é, a competência dos falantes em criar novas palavras, acontece em dois aspectos diferentes, mas complementares. O primeiro aspecto é o “Regras de Formação de Palavras” (RFPs), que são as regras já conhecidas pelos falantes da língua, bem como seus paradigmas de formação de palavras. O segundo aspecto é o “Regras de Análise Estrutural” (RAEs), que tem um caráter mais ativo do falante, possibilitando-lhe formar novas palavras a partir do seu prévio conhecimento das RFPs. Ainda segundo Basilio, as RFPs e as RAEs estão em constante interação, ora por estruturas mais produtivas e conhecidas no português, ora por estruturas menos produtivas, entretanto, o falante sempre se respalda nas RFPs para “criar” outras palavras, na ótica da morfologia lexical.

A constituição das palavras e os processos pelos quais elas são construídas são abordados pela Morfologia, área que se relaciona também com outras áreas da Linguística, como a Lexicologia, a Semântica e a Sintaxe, a depender da perspectiva a ser estudada. Simões (2009) argumenta sobre o potencial grau de intersecção da formação de palavras, para além da morfologia, apontando que

Os processos de formação de palavras são entendidos historicamente como procedimentos morfológicos e em relação com o léxico, a fonologia, a sintaxe e a semântica e que, a partir de determinadas bases, constroem outros elementos delas decorrentes. É ao nível lexical que a construção de vocábulos fundamenta os elementos de que se serve para dar origem a novos itens lexicais. Por sua capacidade de combinação, ela opera com a fonologia a fim de readequar certas estruturas lexicais. Também possui intersecções com a sintaxe e com a semântica, já que criar palavras implica uma combinatória de elementos de diferentes níveis linguísticos (SIMÕES, 2009, p. 25).

Os processos de formação de palavras são variáveis, uma vez que cada língua tem seus paradigmas e suas regras de composição específicas, que se manifestam por mecanismos diferentes. Dessa forma, ao pensar sobre os processos de formação, deve-se ter em mente qual língua e quais paradigmas são exequíveis em cada uma, e não pressupor que tais processos sejam universais. A seguir, faremos algumas considerações sobre os processos e regras de formação de palavras na língua portuguesa.

Segundo Basilio (1987), as palavras são elementos de que dispomos permanentemente para formar enunciados. A autora relata que muitas vezes o uso da palavra é feito de maneira automática, e alguns processos de formação de palavras passam despercebidos, por exemplo,

ao falar, ler ou ouvir a palavra *facilmente*, nem todos estão cientes de que o adjetivo “fácil” + sufixo –mente forma um advérbio de modo, mesmo sendo um processo simples de formação. Basilio argumenta que a grande nebulosa das formações de palavras se encontra na aceitação ou não de determinadas formas. Sabe-se que a língua está em constante mudança, e isso incide diretamente nas combinações para formar as palavras.

De fato, não há uma regra sólida que abranja todos os casos, muito do que se tem na língua atual está relacionado com o que se convencionou, cristalizou e está em uso. Como o uso dos sufixos –ÇÃO e –MENTO, que, adicionados aos verbos, formam substantivos, entretanto, não há uma regra para seguir rigorosamente o uso de citação (citar + -ção) e desmatamento (desmatar + -MENTO), é o mais cristalizado, mas seria totalmente compreensível que algum falante falasse ou escrevesse “citamento” ou “desmatação”, pois seguem o paradigma já comentando, verbo + –MENTO ou –ÇÃO, para formar um substantivo. Como comenta a autora, aceitamos facilmente palavras como “convencional” e “religioso”, mas não “convencioso” ou “religional” pelo fato de que o uso de tais unidades já foi convencionado e aceitamos, como padrão, uma forma e não outra.

A necessidade de mudança de classe gramatical é um dos principais motivos para a formação de novas palavras, como no exemplo acima, lança-se mão de um verbo (+ sufixo) para construir um substantivo, no entanto, há outro elemento muito importante para o processo de formação de palavras – o valor semântico. O uso do diminutivo, por exemplo, tem diferentes implicações; serve para referenciar a dimensão pequena de algo como em “mesa” e “mesinha”, para sinalizar uma linguagem afetiva como em “sopa” e “sopinha”, ou para expressar um tom pejorativo, como “carro” e “carrinho”. Além disso, o diminutivo acompanha a classe da palavra à qual se aplica, por exemplo, cachorro “bonito” ou “bonitinho”. Um outro exemplo do acréscimo semântico é o paradigma substantivo + o sufixo –eiro para passar a ideia de “quem exerce tal atividade”, por exemplo: jornal + -eiro.

Além da formação de novas classes gramaticais e de acréscimos semânticos, uma terceira categoria também é muito frequente: a sufixação. A formação de palavra com afixos (prefixos ou sufixos) tem como finalidade formar outra semanticamente relacionada, apresentando uma diferença semântica específica com a palavra base. Por exemplo, o prefixo re- que pode indicar repetição (refazer – fazer novamente) ou anterioridade, como o pré (pré-adolescência – antes da adolescência).

Os processos de composição e derivação são os considerados mais gerais. A derivação junta um afixo (prefixo ou sufixo) a uma base, chama-se de derivada a palavra resultante desta junção. A composição, por sua vez, junta duas bases para formar uma palavra, nomeia-se como

palavra composta, então, palavras formadas a partir de duas bases, por exemplo *guarda-chuva* (guarda + chuva). Para Basilio (1987, p. 27), a derivação e a composição, ainda que fenômenos diferentes, são complementares, pois “em princípio, o processo de derivação obedece às necessidades de expressão de categorias nocionais, com contraparte sintática ou não, mas de caráter fixo” e o processo de composição “obedece à necessidade de expressão de combinações particulares”. Priorizaremos o processo de derivação, mais precisamente o de sufixação, por corresponder ao fenômeno que motiva a presente pesquisa.

Os sufixos têm duas possíveis funções dentro de uma lexia: uma mais estrutural, que foca na variação das classes gramaticais, que geralmente é mais sincrônica; e uma semântica, que trata dos possíveis sentidos de cada sufixo, que ocorre mais diacronicamente. Rio-Torto (1998) categoriza a formação de palavras em dois grupos: aditivas e subtrativas. As subtrativas, também conhecidas como redutivas, abarcam a supressão, redução ou abreviação, e formam a menor parte das palavras na língua portuguesa, por exemplo em Universidade Estadual Paulista, que é abreviado para Unesp. As aditivas, por sua vez, são segmentadas em subgrupos, a saber: (i) afixação, que consiste na junção de um afixo a uma base, pode ser realizada por prefixação e sufixação, como em “recomeçar” e “lealdade”, respectivamente; (ii) reduplicação, (comumente usada na linguagem infantil e familiar), como em “vovô”; (iii) composição, que consiste em juntar ao menos duas bases independentes, como em “guarda-roupa”.

As modalidades mais produtivas na língua portuguesa são as por afixação (prefixação e sufixação) e composição, ambas do grupo das aditivas. Os sufixos podem ou não alterar as classes gramaticais durante o processo de formação de palavras, Rio-Torto (1998, p. 88), a fim de diferenciar as possibilidades, segmenta a sufixação em dois grupos, a isocategorial, na qual o produto tem a mesma classe gramatical da base, e a heterocategorial, na qual o produto e a base têm classes gramaticais diferentes. Um exemplo de sufixação isocategorial é o substantivo “banana” do qual resulta outro substantivo, “bananeira”. Para a sufixação heterocategorial, pode-se mencionar a base “pensar” e o produto “pensamento”, o primeiro é um verbo e o segundo um substantivo. Vale ressaltar que o processo de sufixação heterocategorial é muito amplo e produtivo em língua portuguesa.

No que se refere ao aspecto semântico, nota-se a presença da polissemia, pois o mesmo sufixo pode ter mais de um sentido, sendo o fator histórico fundamental para entender os diversos sentidos atribuídos a um sufixo ao longo da história. Simões (2009) assevera o quão imperativo é analisar seu componente semântico, uma vez que

O sufixo é um elemento operatório importante para valorizar as especificidades funcionais e semânticas nas palavras derivadas, pois diante da mesma base a estrutura de significado do derivado pode variar em função do sufixo usado: validade versus validez; aceitabilidade versus aceitação. Dois vocábulos derivados no mesmo paradigma sistêmico podem não ser equivalentes ou bastante distintos em seus significados (oportunidade versus oportunismo). Por conseguinte, não existem casos facultativos e/ou aleatórios na seleção de dois ou mais constituintes, já que ambos podem ter sido diversamente escolhidos. Isto acontece quando o sistema apresenta duas ou mais unidades equivalentes em termos de seleção (SIMÕES, 2009, p. 36).

Entender e analisar os valores semânticos dos sufixos, além da estrutura interna e suas variações, faz-se necessário para lidar com uma das questões do presente trabalho: a escolha entre, ou substituição de “homossexualismo” por “homossexualidade” e suas possíveis motivações. Uma vez que ambas lexias são frutos de formação aditiva, no caso, por derivação sufixal, quais diferenças estariam implicadas, morfológica e semanticamente, em seus diferentes empregos?

Partimos do entendimento de que as lexias “homossexualismo”, para designar a prática de relação amorosa e/ou sexual entre indivíduos do mesmo sexo, e “heterossexualidade”, para designar relação amorosa e/ou prática sexual entre indivíduos do sexo oposto, vinham sendo empregadas, convencionalmente em língua portuguesa, no lugar de seus sinônimos concorrentes “homossexualidade” e “heterossexualismo”. Como exemplificamos abaixo, a forma “heterossexualismo”, de emprego menos frequente, tem ocorrência no *corpus* desta pesquisa e é também dicionarizada, embora não seja discutida por estabelecermos como escopo desta investigação somente o binômio “homossexualismo” e “homossexualidade”.

Inserimos abaixo, a título de exemplificação, excertos do jornal *Folha de São Paulo* correspondentes a esses usos em três momentos diferentes e o verbete do *Dicionário On-line* em Português:

“Os ataques do primeiro grupo ignoram a originalidade essencial da descoberta freudiana, que separou a sexualidade da reprodução, com isso deixando claro que o **heterossexualismo** não é nem a expressão ‘natural’ do desejo erótico nem uma consequência ‘natural’ da diferença anatômica dos sexos.” (Freud - conflito e cultura, FSP, 10.09.2000, grifo nosso)

“O jornal se refere às leis propostas pelo deputado estadual Édino Fonseca (PSC), entre as quais uma que proíbe a troca de sexo e outra que cria um sistema de ajuda para homossexuais que querem se ‘converter’ ao **heterossexualismo**, e à violência contra travestis e gays da cidade.” (Em 28 minutos, Robinho vira 'salvador' do Real, diz jornal. FSP, 29.08.2005, grifo nosso)

“Em entrevista à coluna Mônica Bergamo publicada pela Folha, a atriz Lucia Veríssimo, 51, em cartaz com a peça ‘Usufruto’ no teatro Faap desconversou sobre um ‘casamento’ com a cantora Gal Costa. ‘Não escondo nada de ninguém, mas não falo sobre isso. Não existe homossexualismo, **heterossexualismo**, bissexualismo, tudo isso é nomenclatura inventada por Freud’, afirmou. Na peça, escrita pela atriz, a personagem de Veríssimo já se relacionou com homem e mulher.” (Para atriz, homossexualidade é termo criado por Freud, FSP, 03.04.2010, grifo nosso)

## HETEROSSEXUALISMO

substantivo masculino: Propensão a se sentir atraído (sexualmente e/ou emocionalmente) por pessoas do sexo oposto. Prática sexual efetivada entre pessoas de sexo oposto.

Etimologia (origem da palavra heterossexualismo). Heterossexual + ismo.

A partir da despatologização da homossexualidade no final do século XX e com a reivindicação do item lexical “homossexualidade” no lugar de “homossexualismo”, a discussão na mídia passou a ser pautada em argumentos de natureza distinta. Trataremos a seguir dos embasamentos que parecem sustentar um dos polos centrais ao debate: o uso do sufixo do ponto de vista linguístico.

No livro *Introdução aos Estudos do Léxico*, Ilari (2002, p. 181) define os sufixos como as unidades significativas, inferiores à palavra, que se acrescentam “à direita de um radical, formando novas palavras”. O autor argumenta, também, que os sufixos podem sofrer flexão de gênero e número, nos substantivos, e de tempo e modo, nos verbos. Gonçalves e Souza (2018) traçam um breve histórico da linguística textual para fazer um estudo colaborativo entre o nível morfológico e o textual, lançando mão de diversos exemplos para defender que a morfologia não está presa apenas no nível morfológico, mas, sim, também trabalha no nível discursivo. Dessa forma, a partir de escolhas lexicais, por exemplo, ou de determinados sufixos, pode-se acentuar um caráter depreciativo ou positivo, tudo dependerá da intencionalidade do falante/emissor.

Após tecer algumas considerações sobre o processo de formação de palavras, argumentaremos, nessa etapa, sobre a história e usos dos sufixos –ISMO e –DADE, respectivamente.

O sufixo –ISMO do português moderno é fruto do sufixo –ISMUS, do latim, que, por sua vez, é fruto do –MÓS, do grego. Gianastácio (2009), argumenta que na língua portuguesa, durante muito tempo, -ISMO não foi incorporado às gramáticas e descrito como sufixo. É

possível notar, a partir de suas análises, que a inserção do –ISMO nas gramáticas foi lenta e não unânime ao longo do tempo. Na mesma perspectiva, é possível afirmar que as abrangências semânticas de –ISMO, diacronicamente, foram se transformando, sendo adicionada ou retirada alguma eventual significação. De acordo com, Gianastacio (2009, p. 36):

Analisar o surgimento do sufixo –ismo, na história das gramáticas de língua portuguesa, é algo que pode ajudar a esclarecer como foi o processo de inserção, a abrangência semântica e as transformações que esse sufixo sofreu, até as gramáticas dos dias atuais. É possível encontrar, nas gramáticas de língua portuguesa, a afirmação de que o sufixo –ismo teve origem na língua grega.

Conforme atesta Gianastácio (2014), –ISMO abarca também muitos outros significados relacionados à: (i) tipicidade (o que é característico de algo, como em “lirismo”); (ii) semelhança (que tem a propriedade de algo, como em “simbolismo”); (iii) atividade (ideologia ou filosofia associada a algo, como em “tropicalismo” ou “cubismo”); (iv) quantidade (indicando coletivo de algo, como em “monossilabismo”); (v) filiação (indicando adepto, simpatizante ou partidário de algo, como em “judaísmo”, “pragmatismo”, “concretismo”).

Na classificação de Gianastacio (2009), é possível ver o caráter multifacetado do sufixo –ISMO, uma vez que ele tem muitos significados. O autor categorizou os significados de –ISMO em classes, a que se refere às doenças, por exemplo, indicados pela marca “DOE”, na sua pesquisa, Gianastacio (2009) mostra a quantidade de palavras formadas por –ISMO com o sentido de doença, bem como sua distribuição ao passar dos séculos e alguns exemplos. No século XVIII, duas palavras com –ISMO para doenças foram documentadas pela primeira vez na língua, “embolismo” e “histerismo”. Já no século XIX, tem-se 18 palavras documentadas, por exemplo “albinismo”. No século XX, foram 13 palavras, dentre elas “botulismo”.

De acordo com dicionário *Houaiss* de elementos mórficos (2009), –ISMO é um sufixo que transitou do grego para o latim, como formador de nome de ação de verbos: “catecismo”, “helenismo”, “ostracismo”. No português, tornou-se expressivo também no sentido inverso, passando a formar verbos a partir de nomes, como em “bolchevismo” (bolchevizar) e “jacobinismo” (jacobinizar). Em formações mais recentes, o sufixo –ISMO foi, primeiro, usado em medicina, para designar uma intoxicação por um agente: “absintismo”, “alcoholismo”, “iodismo”. No curso dos séculos XIX e XX, seu uso se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos, através dos nomes próprios representativos, ou de nomes locativos de origem, e se chegou ao fato concreto de que potencialmente há um significado para cada derivado de –ISMO.

Gianastacio (2009) faz uma classificação sobre a semântica do sufixo –ismo e sua organização em “relacional, ação e avaliativo”. Abaixo, deixaremos alguns exemplos breves sobre a classificação aprofundada do autor. É imperativo ressaltar que usaremos a classificação do autor apenas como exemplo, não entraremos em debates, visto que não é o foco do presente trabalho.

Tipicidade: os vocábulos são relacionados a substantivos abstratos, por exemplo: paralelismo; catecismo, anglicismo, sapequismo, simbolismo e localismo.

Relacional (Atividade): se relacionam com filosofia, sistema e ideologia, por exemplo: islamismo; cristianismo, utopismo, sebastianismo, transformismo, jornalismo e vanguardismo.

Relacional (Quantidade): para indicar coletivos, geralmente formada pelos sufixos “-agem”, “-ada”, “-ame”, “-edo”, “-io”, “-aria” e “-ugem”. Com “-ismo” apenas uma palavra foi encontrada, “colunismo”.

Relacional (Doença): faz relação com doenças associadas a X, por exemplo: vaginismo, embolismo, botulismo, canabismo.

Relacional (Filiação) faz relação com a ideia de “é adepto a X”, por exemplo: legalismo, celtismo, bonapartismo, iberismo.

Ação (transitivo): indica a “ação de X” e “processo de X”, por exemplo: gentilismo, solecismo, magnetismo, surfismo e ilusionismo.

Ação (instrumento): indica o instrumento, a “ação de com que (se) X”. por exemplo: radiojornalismo.

Ação (Resultado): indica resultado, por exemplo: acarofilismo, mutualismo e fotoperiodismo

Avaliativo: pode indicar “que X com frequência”, como em consumismo e assembleísmo; “que tem X grande/intenso”, como em avarismo e emocionalismo”.

É possível notar, pois, que o sufixo –ISMO é explorado em muitos outros contextos, com diferentes possibilidades de sentido, e não só como doença.

Para Sandmann (1989), a pejoratividade não é inerente ao sufixo –ISMO, mas decorrentes de fatores culturais que levaram o traço depreciativo ao sufixo. Como exemplo, o autor diz que –ISMO pode ter também valor neutro e positivo como em “cubismo” e “naturalismo”. Contrapondo ao sufixo –DADE, é possível observar que ele também pode designar sentidos pejorativos, como, por exemplo, em “falsidade”.

O sufixo –DADE, consoante ao sufixo –ISMO, também é muito produtivo na língua portuguesa e, com o passar dos anos, sofreu algumas mudanças, se comparado com o sufixo –TATEM, do latim. De forma análoga ao estudo de Gianastacio (2009), Simões (2009) estudou, diacronicamente, os valores semânticos do sufixo –DADE, usando como *corpus* os dicionários da língua portuguesa, categorizando, também, os diferentes significados e funções do sufixo –DADE, associados à língua portuguesa. Para a atual proposta, falaremos apenas do valor semântico dos sufixos, não entraremos no mérito da função.

De acordo com Simões (2009, p. 60) é possível classificar os significados de sufixo –DADE por paráfrases. Vejamos agora a lista em exemplos: (i) propriedade/qualidade de ser x, como em “criminalidade”; (ii) o fato de ser x, como em “lealdade”; (iii) atitude ou ação de quem é x, como em “moralidade”; (iv) aquele ou aquilo que é x, como em “lealdade”; (v) conjunto do que é x, como em “atualidade”.

Outro fator identificado por Simões (2009), é que há intersecções em algumas formações com o sufixo –DADE, isto é, uma mesma lexia pode ser classificada por mais de uma categoria, como exemplo, a autora traz “antiguidade”. A palavra antiguidade designa o fato de ser antigo; propriedade/qualidade de ser antigo; aquele/aquilo que é antigo; conjunto do que é antigo (p. 72, 2009). Simões (2009) assevera, também, a importância da diacronia para os sufixos, visto que eles podem ganhar, perder e modificar muitos significados ao longo dos anos. Portanto, é relevante observar que

É o levantamento do percurso histórico de inúmeras palavras o fator que representa sua estrutura interna e explica as diferenças entre o seu significado mais antigo e o atual. Muitas das especificações que as palavras apresentam se explicam à luz da progressão de significados que os sufixos sofrem através de sua trajetória histórica (SIMÕES, 2009, p. 74).

Desse modo, pode-se afirmar que os sentidos desses dois sufixos foram se transformando com o passar do tempo, adquirindo ou perdendo matizes de significação. É importante notar que, na discussão do binômio “homossexualismo” e “homossexualidade”, um

dos principais argumentos presentes no debate midiático, como veremos em nosso *corpus* de análise, é que –ISMO carrega um valor de doença e –DADE, por sua vez, seria a forma “neutra” ou dissociada da ideia de doença ou patologia, porém, como vimos anteriormente, essa associação de sentido não é absoluta, podendo tanto um como outro serem empregados para definir eventos ou fatos com matizes semânticos apreciativos ou depreciativos.

Os estudos de Gianastacio (2009) e Simões (2009) demonstram que não é possível taxar necessariamente –ISMO como um sufixo negativo, pois existem muitas palavras formadas por –ISMO que não remetem a doenças, matematicamente analisando, as palavras formadas por –ISMO que remetem a doenças são a minoria. Vale ressaltar, também, que a suposta neutralidade atribuída ao sufixo –DADE pode ser questionada facilmente ao analisarmos palavras como “adversidade”, “agressividade”, “ansiedade”, “bestialidade”, “calamidade”, “deformidade”, “desafabilidade”, “desonestidade”, “destrutividade”, “esterilidade”, “fealdade”, “gravidade”, “hostilidade”, “leviandade”, “lugubridade”, “maldade”, “monstruosidade”, “mortalidade”, “negatividade”, “nocividade”, “odiosidade”, “perversidade”, “precariedade”, “promiscuidade”, “puscilianimidade”, “rivalidade”, “ruindade”, “tenebrosidade”, “verbosidade”, dentre outras, que podem ganhar conotações, em variados contextos de uso, certo matizes de negatividade.

Assim, podemos refletir que, guiados unicamente pelo critério linguístico, isto é, pela natureza semântica e morfológica que caracteriza os sufixos -ISMO e -DADE, não é possível afirmar que o seu acréscimo a uma base possa originar um substantivo neutro ou isento de conotações favoráveis ou desfavoráveis. Trata-se de sufixos complexos que aportam uma gama variada de sentidos e valores, não necessariamente estando atrelados de modo objetivo a uma esfera positiva e negativa de significação. Desse modo, entendemos que a reivindicação de troca de um item lexical por outro, pautado unicamente por critérios linguísticos, sejam eles morfológicos ou semânticos, não se sustenta como um argumento justificável para a proposta de tal alteração, como são apresentados em alguns órgãos, *sites*, manuais de coletivos ou grupos que tentam promover essa substituição, os quais apresentamos a seguir.

## 2 LÉXICO, IDENTIDADE E IDEOLOGIAS

### 2.1 Identidade e identidade homossexual

A identidade, bem como a ideologia, é inerente a todos os indivíduos. Todos recebem, direta ou indiretamente, algum nome que traz, conseqüentemente, algumas etiquetas, que, por sua vez, têm normas, valores e hábitos que devem ser seguidos; muitas vezes, por convenção social, política e histórica, nomeia-se esta identidade como social. Além da identidade que lhe é atribuída a um indivíduo, existe, também, a que ele próprio se atribui, a identidade pessoal, a partir das escolhas dos grupos sociais dos quais fará parte, compartilhando ideologias e representações sobre o mundo.

Segundo Charaudeau (2015), a identidade ajuda o indivíduo a tomar consciência de si mesmo, dentro de determinada sociedade. A identidade colabora, diretamente, para que o indivíduo possa se entender dentro de alguma comunidade e, também, fora de outra. Todo indivíduo é composto por suas identidades, provenientes da esfera discursiva, social ou linguística.

A identidade está relacionada diretamente com o ato de nomear. Segundo Borges e Rocha-Coutinho (2015), tal ato tem o fito de delimitar fronteiras, naturalizar limites, demarcar lugares a serem ocupados e distâncias a serem mantidas. Então, ao nomear alguém, uma identidade está sendo atribuída, o que as autoras chamam de operação social que, somadas a outras operações sociais, geram uma construção social, isto é, quando um sujeito é nomeado, diretamente, são impostas normas que ele deve seguir para com a sociedade da qual faz parte. As autoras argumentam com o exemplo das lexias “masculino” e “feminino”, apresentado a seguir:

Termos como “masculino” e “feminino”, por exemplo, delimitam dois universos fundamentalmente opostos, cujas fronteiras não se baseiam apenas em características biológicas de homens e mulheres, mas também nos comportamentos culturalmente atribuídos a cada sexo. O que se pode ou se deve fazer, sendo homem ou sendo mulher, é incorporado pelos indivíduos e pela sociedade, de um modo geral, a partir dos sentidos historicamente construídos para a masculinidade e a feminilidade. Assim ao dizer homem ou mulher, ocupa-se um lugar na sociedade, compromete-se com uma determinada maneira de agir, reproduz-se uma ordem das coisas que influencia diretamente as formas de cada conduta de cada um dos sexos (ROCHA-COUTINHO, 2015, p. 180).

A construção identitária passa por fatores sociais, históricos e psicológicos. Um fator muito presente é o da diferenciação, pois perceber a diferença identitária de um indivíduo para com o outro faz com que, necessariamente, sua identidade seja constituída, o mesmo ocorre

quando um sujeito se identifica com os traços identitários de outro sujeito ou não. De acordo Charaudeau (2015) são movimentos de rejeição e de atração, respectivamente.

A diferença identitária é frequentemente acompanhada por um julgamento negativo, porque, ao notar as diferenças identitárias, o sujeito, por autodefesa, estabelece a identidade do outro sendo a negativa e a sua, conseqüentemente, a positiva. Assim, a relação “eu sou o que você não é” pode ser entendida como “o que você defende eu rejeito, e vice-versa”. Nessa perspectiva, tem-se uma “guerra” identitária e ideológica entre indivíduos, na qual cabe rejeitar a ideologia e a identidade do próximo, para automaticamente, fazer com que a sua seja constituída.

Ainda na perspectiva da diferença identitária, pode-se entender que o que for diferente de determinado grupo causa ameaça, ou seja, um grupo se sente diretamente atacado quando outro segue outras normas, hábitos e valores. Então, o ato de nomear, de dar identidade para o próximo, com a finalidade de julgar, segue um caminho estrategicamente negativo, pois criam-se os estereótipos, que seriam um ataque contra o outro grupo, por meio de representações negativas. Apesar de os estereótipos serem vistos como algo negativo, numa esfera social, Charaudeau (2015) assevera que, para a análise identitária, eles são importantes, pois quando um grupo ataca outro, por meio de estereótipos e preconceitos, por exemplo, tornam-se evidentes muitas questões sobre ambos os grupos, não apenas sobre o que está sendo atacado. Vejamos a seguir:

Quando esse julgamento se consolida e se generaliza, ele se torna o que chamamos tradicionalmente de estereótipo, clichê, preconceito. Convém não desprezar os estereótipos; eles são uma necessidade. Eles constituem, em primeiro lugar, uma proteção, uma arma de defesa contra a ameaça representada pelo outro na sua diferença e, além disso, eles nos são úteis para estudar os imaginários dos grupos sociais. Evidentemente, esses julgamentos negativos apresentam um inconveniente: ao julgar o outro negativamente, protegemos nossa identidade, mas também caricaturamos a do outro e, por conseguinte, a nossa própria, persuadindo-nos de que temos razão face ao outro. Nesse sentido, o julgamento estereotipado é como o fenômeno da refração/reflexão de um raio luminoso sobre uma superfície líquida: o julgamento que eu faço do outro diz algo sobre o outro, deformando-o (refração); reciprocamente, esse julgamento diz algo sobre mim mesmo (reflexão) (CHARAUDEAU, 2015, p. 19).

Um exemplo de marcas pejorativas (estereótipo e preconceito) acontece com os homossexuais. Resgatando a ideia do ato de nomear, de dar uma identidade, pode-se chegar à identidade homossexual. A depender de quem usa “homossexual” para determinar uma identidade, muitas conotações negativas são colocadas em prática, pautadas, principalmente,

nas diferenças de valores, normas e hábitos, além de fugir da ideia de “normalidade”, para este ou aquele grupo.

Muitos indivíduos reivindicam mudanças de alguns preconceitos criados por outros grupos. Um exemplo é o grupo social “feminista”, que luta pela igualdade tentando desconstruir todos os pilares, históricos, sociais, culturais e políticos da sociedade patriarcal, que historicamente tem o grupo social “homens, héteros, brancos e cisgêneros” como privilegiado. O grupo social dos homossexuais também tem muitas reivindicações, buscando uma igualdade em alguns direitos básicos, como o casamento, que muitas vezes, por conta de crenças religiosas, alguns grupos sociais não aprovam. A luta contra a homofobia também é uma reivindicação dos homossexuais, pois lutam contra o estigma e preconceito que ainda existem.

Outra pauta muito frequente nas reivindicações dos homossexuais era apagar a ideia de doença. Durante muitos anos, o homossexual foi taxado como doente, impuro e, até mesmo, como aberração. No final do século XX, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que a homossexualidade não deveria mais ser tratada como doença. No começo do século XXI, muitas reivindicações se fizeram notar, conscientes dos estigmas atribuídos a tal caracterização.

Nos últimos anos do século XX, aconteceu um fenômeno social que ficou conhecido como “politicamente correto”, que, com o passar do tempo, influenciou muitas áreas do conhecimento, a Linguística é uma delas. A onda do politicamente correto nasceu nos Estados Unidos e paulatinamente se exportou para outros países e outras culturas. O movimento nasce para combater imposições sociais, de diversas ordens e, conseqüentemente, dar voz para os grupos silenciados. Na seção “Ideologias Linguísticas e Escolhas Lexicais: o politicamente correto na mídia”, o politicamente correto será novamente abordado e direcionado para a língua. Em consequência da onda do politicamente correto estadunidense, grupos de representação de comunidades LGBTQIA+ se organizaram e começaram a propor algumas mudanças, uma delas é a do sufixo –ISMO pelo –DADE, defendendo que “homossexualismo” foi a lexia mais usada durante a época em que ser homossexual era visto como algo doentio, além do que, o sufixo –ISMO, na sua essência, colabora com um possível resgate às doenças.

As reivindicações incidem sobre a representação de um determinado grupo, no caso, os homossexuais, que lutam contra a homofobia e pedem transformações, teóricas ou práticas, para desconstruir uma identidade que foi criada pejorativamente, propondo eventuais mudanças que contemplam e fazem sentido para os indivíduos que pertencem ao grupo social. Ao falar de identidade deve-se, também, refletir sobre a importância da língua, uma vez que já foi dito que determinado grupo ataca ou defende, por meio de ideologias e representações.

Hall (2013) diz que os sentidos não são inerentes às palavras, são as pessoas que fixam determinados sentidos nelas, muitas vezes de uma maneira tão firme, que o sentido aparenta ser natural quando, na verdade, é convencionado pela sociedade, em momentos específicos. Hall (2013) assevera que as convenções sociais e linguísticas estão em constante mudança e, por consequência, os sentidos também. Refletindo no tema do presente trabalho, é possível notar que, a partir de mudanças das convenções sociais e linguísticas, um grupo social reivindica para que a lexia “homossexualismo” deixe de ser usada, alegando que um de seus sentidos, especialmente no século XX, remete à doença, o que não é aceito atualmente. Portanto, uma nova convenção linguística e, principalmente, social, está se fixando, momentaneamente, e atribuindo o sentido de “homossexualidade” como “bom” ou “neutro”.

O léxico é, então, um componente que se concretiza no discurso e, por meio de representações, transmite as ideologias, isto é, a língua é um fator imprescindível no processo de nomear, assim como a forma, por quem e em qual contexto, é usada. Em outras palavras, as ideologias são concretizadas na língua por meio das representações. Segundo Hall (2016), a representação é a produção de significado dos conceitos na nossa mente por meio da linguagem. Para o autor, o processo de representação é constituído por dois sistemas representacionais; o primeiro é por meio do mapa mental, isto é, pelas representações mentais que fazemos sobre o mundo, é por esse sistema que referências são feitas dentro ou fora da nossa mente. O segundo sistema de representação é a linguagem que, por meio de signos (palavras, sons, imagens), possibilitam a construção do sentido entre conceitos e mundo real. De acordo com Hall (2016, p. 38):

No cerne do processo da significação na cultura surgem, então, dois ‘sistemas de representação’ relacionados. O primeiro nos permite dar sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondência, ou de uma cadeia de equivalências, entre as coisas – pessoas, objetos, acontecimentos, ideias abstratas etc. – e o nosso sistema de conceitos, os nossos mapas conceituais. O segundo depende da construção de um conjunto de correspondência entre esse nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, dispostos ou organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos. A relação entre ‘coisas’, conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção de sentido na linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de ‘representação’.

Fica evidente, pois, a importância e o papel da língua, usada como ferramenta de ataque ou de defesa. Seguindo na mesma perspectiva que Hall (2013), Charaudeau (2015) assevera:

É evidente que a língua é necessária à constituição de uma identidade coletiva, que ela garante a coesão social de uma comunidade e que constitui o ‘cimento’ dessa comunidade, quanto mais presente se faz. É por meio dela que se dá a integração social

e que se forja a simbólica identitária. É igualmente evidente que a língua nos torna responsáveis pelo passado, com o qual cria uma solidariedade, fazendo com que nossa identidade seja moldada na história e que, conseqüentemente, tenhamos sempre algo a ver com nossa própria filiação por mais longínqua que seja (CHARAUDEAU, 2015, p. 26).

Considerando, portanto, a relação entre língua, cultura e práticas sociais, ressaltamos que determinadas escolhas lexicais podem representar as ideologias de grupos, como é o caso da comunidade LGBTQIA+, cujas identidades também são reafirmadas nas produções discursivas. Discutiremos, nas seções seguintes, questões gerais acerca de ideologias, assim como suas interfaces com a Linguística, o léxico e a mídia.

## 2.2 O que são ideologias?

Para entender o conceito de ideologia que temos hoje, a priori, é necessário balizar sua transformação semântica com o passar dos séculos. Segundo Swiggers (2018), estabelecer uma definição para o termo ideologia é um processo complexo em razão da evolução de seu significado, que sofreu metamorfose desde a primeira vez quando foi criado, em 1796, até os dias atuais. Foram dois os fenômenos que influenciaram a transformação do significado de ideologia.

De acordo com Swiggers (2018), quando criado, em 1796, o termo ideologia designava uma ciência, a origem das ideias, das leis, do seu desenvolvimento e funcionamento, o termo tinha um caráter científico e neutro, sem nenhuma relação com fatores externos. Esse significado começou a mudar ao longo do século XIX, quando ideologia se tornou sinônimo de opiniões, convicções, preconceitos e, principalmente, começou a ser influenciada por fatores externos: sociais, políticos e econômicos.

No início de sua criação, o termo ideologia fazia referência a uma ciência exata, passando posteriormente a ser entendido como um sistema de ideias, até ser vista como todo e qualquer fator que atravessa este sistema de ideias, de ordem política, religiosa, metafísica ou científica. Muitas foram as definições já estabelecidas para o conceito de ideologia, desde ciência exata, corrente filosófica, conjunto de ideias e convicções (religiosas, políticas, sociais, religiosas e filosóficas), até superestrutura intelectual e discurso propagandista.

Van Dijk (2005) define a ideologia como um elemento sociocognitivo, pois é resultado da relação dos grupos sociais com o sistema de crenças. Uma vez que o autor parte da definição

de ideologia atrelada à esfera das ideias, um sistema de crenças, então, ele acredita ser necessário, também, uma teoria cognitiva para fundamentar os estudos ideológicos.

Tal sistema de crenças não é individual, mas, sim compartilhado pelos membros de um grupo. Criar ou desenvolver uma ideologia não é inerente a todos os grupos, já que as ideologias servem para representar socialmente e definir a sua identidade. Há uma gama de tipos de ideologia, que variam a depender dos grupos, por exemplo: movimentos sociais, religião e profissão.

O autor argumenta que as ideologias são crenças compartilhadas socialmente, no entanto, não devem ser generalizadas. O conhecimento sociocultural ou atitudes sociais não são ideologias, já que, para uma crença ser definida como ideológica, faz-se necessário um caráter mais fundamental e explícito, isto é, crenças que controlam e organizam outras crenças compartilhadas socialmente. A título de exemplificação, uma ideologia LGBTQIA+ pode controlar atitudes sobre casamento igualitário, conceito de família, de casa e de defesa contra homofobia.

A ideologia é construída sob dois pilares, o social e o cognitivo, ou sociocognitivo. Em função das experiências e discursos presenciados ao longo da vida, uma pessoa adquire, gradualmente, determinada ideologia, e ela não necessariamente será eterna, porque, a depender do momento da vida, ou de algum período pontual, a ideologia pode parar de existir, dando, ou não, lugar a outra. Um membro pode deixar algum grupo por não se sentir mais contemplado pelas ideologias que o representa. Para Van Dijk (2005), ter bem delimitado o que não são ideologias também é útil, por se tratar de um conceito abstrato. As ideologias não são crenças pessoais ou individuais, não são só estritamente negativas, não são apenas dominantes e não são um tipo de falsa consciência. Assim, do mesmo modo que existe a ideologia do racismo, existe a do antirracismo.

As funções da ideologia são organizar e fundamentar representações sociais compartilhadas entre os membros dos grupos, é a base do discurso e de outras práticas sociais que sustentam e corroboram para que um membro de determinado grupo se identifique como tal. Além do mais, as ideologias permitem que os membros do grupo se organizem para uma finalidade específica e comum. As ideologias, então, podem funcionar para atacar algum grupo ou para defender o seu. Podem ser de dominação ou de resistência, positivas ou negativas, a partir das crenças de determinado grupo.

Van Dijk (2005) defende que a teoria da ideologia é baseada no triângulo, cujos lados são: sociedade, discurso e cognição social. A sociedade é a esfera na qual a ideologia existe, podendo ser dividida em subgrupos, os grupos sociais, que são constituídos por membros. A

cognição social, segundo Van Dijk (2005/1995) “é o sistema de representações mentais e de processos dos membros de grupos”, em outras palavras, são as crenças, opiniões e pontos de vista que cada pessoa é dotada para ver e entender o mundo. O discurso cumpre o papel de instrumento, isto é, a ideologia acontece por meio dele (mas não exclusivamente), seja em textos falados ou textos escritos. O próprio Van Dijk (2005/1995) lapidou sua consideração sobre o discurso, afirmando que, muito embora ele seja a principal ferramenta para as ideologias, estas também ocorrem em outras práticas sociais ou até mesmo em ideologias que não são expressadas, mas existem. A ideologia é, então, instanciada em várias esferas, sendo a do discurso sua principal forma de manifestação. Van Dijk (2005/1995) afirma que é

Claro que as ideologias também são instanciadas noutras formas de ação e de interação e a sua reprodução está frequentemente inserida em contextos organizacionais, e institucionais. Assim, as ideologias racistas podem ser expressadas e reproduzidas na fala racista e em comédias ou filmes nos contextos da mídia, mas também podem ser instanciadas em muitas formas de discriminação e institucionalizadas por partidos racistas da mídia ou das democracias parlamentares ocidentais. No entanto, entre as muitas formas de produção e interação, o discurso desempenha um papel proeminente como espaço preferencial para a formulação verbal explícita e a comunicação persuasiva de proposições ideológicas (p. 117).

Há inúmeras estratégias para transmitir, representar e expressar mais persuasivamente as ideologias dentro do discurso. São denominadas como níveis e propriedades dos discursos as maneiras em que a ideologia pode ser expressada, visando a intencionalidade de quem a expressa. Van Dijk (2005/1995) exemplifica os níveis em estruturas das superfícies, que são formas estratégicas variáveis à fonologia e à grafia, como um tom de voz mais forte ou a fonte da letra maior, no texto escrito, para destacar algo. A sintaxe também pode ser usada como estratégia, lançando mão da voz passiva é possível enfatizar ou não algum fato: ao dizer “um homem gay foi brutalmente assassinado (por um homem hétero)”, a voz passiva suaviza o crime. A semântica pode ser usada estrategicamente de duas maneiras, como local, para representar as ideologias, ou global, para a organização dos tópicos.

A lexicalização, que se relaciona mais diretamente com o presente trabalho e entendida aqui como o processo de escolha dos itens lexicais que comporão um discurso (VAN DIJK, 2005/1995, p. 24), é uma estratégia muito utilizada para a expressão de determinada ideologia, o uso de uma lexia em detrimento de outra diz mais do que muitas vezes aparenta. Rodriguez (2017) relata os resultados de um trabalho que mostra como o jornalismo mexicano lida com o feminicídio. Em seu trabalho, o autor analisa como o jornal de *Ciudad Juarez*, no México, invisibiliza os crimes de feminicídio ao constatar a ausência do termo *feminicídio* nas notícias, apelando para estratégias paralelas como “assassinato de mulheres” e “crime passionai contra

mulher”. Essa estratégia de substituição de um termo que designa uma realidade específica por paráfrases com certo caráter atenuador acaba por generalizar um tipo de crime que, social e juridicamente, é específico. O uso de “assassinato de mulheres”, no lugar do termo *feminicídio*, tanto em português quanto em espanhol, gera, em muitos níveis, possivelmente a minimização ou atenuação da gravidade do fato, em função do apagamento do componente misógino presente no termo.

Kapuscinski (2002, apud Rodriguez, 2017) diz que o que não se nomeia não existe, chamando nossa atenção para o caráter fundamental da representação ao nomear os fatos. Van Dijk (2005/1995) exemplifica a lexicalização com o uso de ‘terrorista’ X ‘libertador’, como apresentamos na sequência:

A lexicalização constitui um domínio maior e sobejamente conhecido da expressão ideológica e persuasão, como sugere bem a dupla conhecida ‘terrorista’ X ‘libertador’. Para fazer referência às mesmas pessoas, grupos, relações sociais ou assuntos sociais, ou utilizadores da linguagem podem geralmente escolher entre várias palavras, dependendo do gênero do discurso, do contexto pessoal (disposição, opinião, perspectiva) do contexto social (formalidade, familiaridade, pertença de grupo, relações de dominância) e do contexto social-cultural (variantes de linguagem, *socioleto*, normas e valores). Muitos desses contextos têm uma base ideológica, como são os casos da representação dos participantes na fala (e das suas relações mútuas nos modelos contextuais) e a representação dos participantes e das ações nos modelos de acontecimentos (VAN DIJK, 2005/1995, p. 125).

Nesse sentido, conforme aponta o autor, as escolhas lexicais devem ser observadas a partir de seus contextos de produção, levando em consideração os sujeitos que as fazem, visto que são processos fundamentos em “bases ideológicas”. Discutiremos, no capítulo de Análise, como se faz relevante observar os autores dos trechos em que se usa *homossexualidade* ou *homossexualismo*, assim como os argumentos expostos pelas escolhas realizadas.

### 2.3 Ideologias linguísticas

Após conceituar o que é ideologia, é pertinente, agora, explanar o conceito para o âmbito da Linguística.

Para Sáiz (2015), os textos são um meio imprescindível para estudar as ideologias linguísticas, tanto do ponto de vista discursivo, quanto do metadiscursivo. A imprensa tem uma grande importância na disseminação das ideologias linguísticas, pois muitas vezes é a partir dela que as pessoas discutem sobre língua, tanto a materna, quanto estrangeiras, e tudo o que as perpassa, como as questões relacionadas à cultura e ao preconceito linguístico. Segundo Sáiz

(2015, p. 198) a imprensa na atualidade é um meio decisivo para a difusão de opiniões dos falantes sobre a linguagem e, inclusive, para a criação de determinadas ideologias linguísticas.

Segundo Swiggers (2018), o campo da ideologia linguística é muito vasto e pode ser usado em outras grandes áreas, como a antropologia e a filosofia. No entanto, a sua definição é mais estrita, já que se trata de um conceito bem amplo sendo aplicado para a língua, a linguagem e a linguística. Swiggers (2018, p. 75) parte de quatro definições, de Silverstein (1979), Irvine (1989), Wooland (1998) e Kroskrity (2000) a fim de delinear melhor o conceito.

Nessas diferentes perspectivas, Silverstein (1979), define a ideologia linguística como um conjunto de ideias e convicções que constituem uma racionalização e justificativa de estrutura e de usos da língua na percepção dos falantes; Irvine (1989) define a ideologia da língua como o sistema cultural de ideias, carregadas de interesses políticos e morais, acerca das relações sociais e linguísticas.

Woolard (1998), atesta que a ideologia linguística trata de representações, explícitas ou implícitas, que constituem a intersecção entre seres humanos e linguagem dentro de um universo social; e, por último, Kroskrity (2000), que define ideologias linguísticas como um conceito agrupado com quatro propriedades: as ideologias representam a percepção da língua e do discurso que convém aos interesses de um grupo sociocultural particular; as ideologias linguísticas são múltiplas (em relação com as diferenças sociais entre grupos socioculturais com suas visões divergentes); as ideologias são compactadas (se usam em lugares específicos); as ideologias são uma mediação entre estruturas sociais e formas de falar.

Swiggers (2018) argumenta sobre a concepção de Woolard (1998), explorando o conceito de ideologia linguística em um nível mais aprofundado. De sua perspectiva, é possível traçar um perfil com cinco características, que contemplariam os conceitos nas diversas áreas em que ele é usado:

- i) Trata-se de um fenômeno de representação/percepção afetiva e subjetiva, que existe a nível coletivo, ainda que nem sempre esteja compartilhada completamente dentro de uma comunidade;
- ii) A ideologia acompanha uma tentativa de racionalização, ainda que não se pode justificar de maneira meramente lógica, por isso, as ideologias sempre usam estratégias retóricas;
- iii) A ideologia linguística supõe uma distinção entre línguas (ou variedades/registros) e entre grupos, e supõe um contexto cultural e ou político de diferenciação;
- iv) A ideologia linguística sempre tem a ver com relações de “força”, trata-se de poder ou de prestígio;

v) A ideologia linguística implica, em certa medida, uma manipulação (de dados, de ideias, de pessoas). E acompanha processos de promoção, de repressão ou marginalização.

O autor segmenta o conceito de ideologias linguísticas em três grandes níveis. A ideologia da linguagem, que trata do que é dito e do que é acreditado sobre a linguagem, se é vista como um simples espelho, reflexo da realidade, se é ferramenta de apreensão e, também, como o sujeito expressa uma visão de mundo por meio da linguagem.

Swiggers (2018) argumenta que a ideologia, no nível da linguagem, faz a relação entre a linguagem, a identidade, do indivíduo, da sociedade e das visões de mundo. No segundo nível, da ideologia da língua, atesta-se sobre o bom uso de uma língua, da propriedade, desde a polidez de um discurso, até o politicamente correto. Por fim, no terceiro nível, o de ideologia linguística, nos deparamos com o caráter científico, na relação das normas e convicções da cientificidade, dos modelos e do sistema.

Segundo Calero Vaquera (2018), nossa língua influencia diretamente a maneira como pensamos e, por consequência, nos serve para defender a identidade social e linguística e as visões de mundo. A ideologia, mais precisamente a ideologia linguística, está ligada diretamente ao uso da língua/linguagem. O indivíduo, por meio da língua, expressa sua visão de mundo, suas opiniões, seus pensamentos, defende a si mesmo, ou a seu grupo e, até mesmo, ataca outros grupos, vide o embate travado pelas ideologias de racismo X antirracismo. Para todas essas ações que se expressam pela língua, a ideologia está presente, consciente ou inconscientemente. Pode-se afirmar, então, que a ideologia se relaciona de maneira intrínseca à língua/linguagem.

Calero Vaquera (2018), na mesma perspectiva de Van Dijk (2005), defende que a ideologia deve ser considerada neutra, não deve haver valoração, não há ideologia boa ou ruim, independentemente de que se tal ideologia contempla ou não determinado grupo. O mesmo se passa com a ideologia linguística, não há crenças certas ou erradas sobre a língua, mas, sim, crenças que contemplam, em maior ou menor escala, algum grupo, ou teoria. Deve-se, então, analisar os indícios que levam grupos a defender alguma eventual ideologia, e não julgá-la.

No campo de conhecimento da Linguística, as ideologias linguísticas foram, e são, fundamentais para a evolução das teorias e de sua cientificidade. Desde os primeiros filósofos que começaram a falar sobre língua/linguagem, Saussure e Chomsky, por exemplo, até os dias atuais, a Linguística, enquanto ciência, foi se desenvolvendo especialmente nos entraves teóricos, nas refutações sobre língua, linguagem e suas funções (ou falta delas) relacionados com a sociedade. As atitudes, falas e posicionamentos sobre a língua também são marcadas

ideologicamente, desde os grandes linguistas citados acima, até indivíduos com menos conhecimento, ou às vezes mais, sobre a língua.

Entendendo a ideologia como algo imprescindível na sociedade, em qualquer que seja o âmbito, é possível, conseqüentemente, entender que não existe posicionamento, visão de mundo, opinião e discurso (fala ou texto) isentos de ideologia, visto que a ideologia é intrínseca à língua que, por sua vez, atua como instrumento para tais realizações discursivas. Ao mesmo tempo que não devem ser valoradas, consideradas boas ou ruins, as ideologias marcam uma posição do sujeito diante do discurso, e refletem uma visão de mundo particular.

As ideologias linguísticas, em síntese, as crenças e os pensamentos acerca da língua, estão interligadas com as ideologias sociais, sendo que a argumentação de uma pode interferir, direta ou indiretamente, na outra. Foi o que, inicialmente, motivou o presente trabalho, observar que argumentações de caráter linguístico, mais pontualmente de morfologia, sufixação e formação de palavras, eram usadas para defender um posicionamento que, possivelmente, deriva de uma ideologia social e não estritamente linguística. As pessoas, ao se manifestarem sobre a língua, estão expressando, direta ou indiretamente, opiniões que vão além do caráter linguístico: o social e o político.

## **2.4 Ideologias linguísticas, léxico e mídia**

Segundo Van Dijk (2008, p. 11), os estudos (críticos) do discurso encontram diferentes maneiras de analisar as estruturas e estratégias da escrita e da fala por meio da análise gramatical (fonológica, léxica, sintática e semântica), da análise pragmática dos atos de fala e dos atos comunicativos, das análises retórica e estilística e das propriedades semióticas e multimodais do discurso e da interação. Tais análises concentram-se nas “relações entre estrutura social e a estrutura discursiva, bem como no modo como as estruturas discursivas podem variar ou serem influenciadas pela estrutura social” (p. 13). Neste trabalho, nosso foco se volta para a análise dos itens lexicais, entendendo-os como um componente importante para a elaboração dos discursos e vemos, na possibilidade de variação desses itens, a viabilidade de manifestação da “posição” e da “ideologia” do falante, uma vez que a seleção de um item lexical pode afetar o “sistema discursivo como um todo” (p. 13). Ressaltamos o caráter de “possibilidade” na oração anterior porque, especificamente sobre as unidades lexicais “homossexualismo”, “homossexualidade” e “heterossexualidade”, repousam mais de uma polarização ideológica, sendo elas mais ou menos explícitas.

No primeiro caso, a unidade “homossexualismo”, como vimos anteriormente, apareceu associada, até o final do século XX, à ideia de patologia, enfermidade ou doença, além de desencadear outras representações negativas como a imoralidade, a prática criminosa, a libertinagem, a promiscuidade. Também o item lexical “homossexualidade” pode ser associado a essa últimas, sendo considerada como prática marginalizada que se opõe à heteronormatividade, isenta apenas do caráter patológico atribuído supostamente ao sufixo -ismo. Já o item lexical “heterossexualidade” se colocaria no polo oposto às duas anteriores, atrelado às representações de naturalidade ou normalidade, associadas ao heteropatriarcado ou cis-heteropatriarcado, que impõe a heterossexualidade cisgênero masculina como padrão sobre as demais formas de identidade de gênero.

Entretanto, na oposição “homossexualismo” e “homossexualidade” cria-se, histórica e socialmente, a partir do final do século XX e início do século XXI, uma nova oposição que não se assenta nos polos citados anteriormente, mas sim na ideia de que “homossexualidade” seria o termo “correto”, ainda que usado para se referir ao grupo que continua sendo estigmatizado socialmente, como uma forma de retirar o caráter patológico da nomeação, uma espécie de purgação linguística, de purificação, por meio da troca do sufixo -ismo por -dade, que libertaria as “impurezas” que o sufixo -ismo poderia denotar. Nessa nova polarização, a unidade “homossexualismo” passa a ser considerada preconceituosa e estigmatizante, ao passo que “homossexualidade”, politicamente correta, ganha o *status* ilusório de “unidade lexical neutra”.

No entanto, entendemos que o léxico não carrega, isoladamente, essa valoração absoluta, assim como consideramos que o falante nem sempre tem consciência sobre os processos de criação lexical por meio da derivação afixal dos itens dos quais se apropria na prática social de interação comunicativa. Dessa forma, entendemos que a apropriação ou uso de uma ou outra unidade lexical pelos falantes em nosso *corpus* pode não estabelecer diretamente essa conexão entre as unidades lexicais e as ideologias polarizadas e fixas que as representam. Isso se dá, porque, conforme atesta Van Dijk (2008, p. 14),

estruturas discursivas polarizadas desempenham um papel crucial na expressão, na aquisição, na confirmação e, portanto, na reprodução da desigualdade social. Note, no entanto, que esse tipo de relação entre estruturas discursivas e estruturas sociais não é uma simples relação causal ou de correlação. Antes, temos que considerar um processo sociocognitivo bastante complexo, envolvendo, por exemplo, os modelos mentais ou outras representações cognitivas dos participantes. Também temos que explicar como esses são influenciados pelas estruturas discursivas, por um lado, e influenciam a interação (e, portanto, os discursos futuros), pelo outro.

Assim, a simples troca ou emprego da forma “homossexualidade” no lugar de “homossexualismo” não revela, isoladamente, a posição ideológica do falante, podendo estar associada a ideologias diferentes e, por vezes, contraditórias, que se manifestam por meio do discurso ou dos argumentos sustentados pelos sujeitos, direta ou indiretamente, com maior ou menor controle.

Por outro lado, pode-se pensar também que a proposta de substituição do item lexical “homossexualismo” por “homossexualidade” passou a caracterizar-se como uma reivindicação “simbólica” de valorização ou visibilização desse grupo minoritário, um gesto de aproximação em direção a um aspecto mais positivo de representação no contexto social. Segundo Van Dijk (2008, p. 23-24), a mídia exerce um “poder simbólico” sobre o discurso público, uma vez que não se vale de coerções para persuadir, seduzir ou manipular as pessoas, isto é, controlam indiretamente os modelos mentais e as emoções (representações) por meio das ideologias. Do mesmo modo, o inverso também não ocorre de forma direta, nas palavras do autor:

não há uma influência direta da estrutura social sobre a escrita ou a fala. Antes, estruturas sociais são observadas, experimentadas, interpretadas e representadas por membros sociais, por exemplo, como parte de sua interação ou comunicação continuada. É essa (subjéctiva) representação, esses modelos mentais de eventos específicos, esse conhecimento, essas atitudes e ideologias que, no fim, influenciam os discursos e outras práticas sociais das pessoas (VAN DIJK, 2008, p. 26).

O autor vê como limitado o entendimento de que o poder midiático seja eminentemente negativo, uma vez que a mídia cumpre um papel social importante quando nos informa, embora não deixe de ressaltar seu caráter negativo quando volta sua dominação discursiva para a “desinformação, manipulação, estereótipos e preconceitos” que pode influenciar interações sociais ilegítimas, “tal como a discriminação” (p. 30). Compreende-se que os preconceitos, bem como as ideologias, sejam adquiridos por meio do discurso e, principalmente os “autores profissionais e as organizações devem ter um entendimento acerca de quais são as possíveis ou prováveis consequências de seus discursos sobre as representações sociais dos seus receptores” (VAN DIJK, 2008, p. 33), em outras palavras, o autor aponta para uma questão importante, a da responsabilidade sobre o discurso produzido nas esferas midiáticas em função de suas consequências na produção e reprodução das ideologias hegemônicas que exercem o poder.

Podemos afirmar que o valor simbólico adquirido pelas unidades lexicais em questão as converte em objetos complexos de valorização e conflito na esfera política e social. Thompson (1995, p. 23) denomina como sendo um “processo de valorização” a atribuição de valor às

formas simbólicas que é transmitido de um produtor para um receptor e argumenta que essa transmissão é amplificada pela mídia,

parte do que constitui as sociedades modernas como ‘modernas’ é o fato de que a troca de formas simbólicas não está mais restrita primariamente a contextos de interação face-a-face, mas é mediada, de maneira sempre mais ampla e crescente, pelas instituições e mecanismos de comunicação de massa (p. 25).

Dessa forma, a valorização de um item lexical, entendido como forma simbólica de identidade de um grupo minoritário, mobiliza sentidos ideológicos que são amplificados pelos meios de comunicação, capazes de afetar pessoas em tempos e espaços diferentes e distantes, transformando “fenômenos ideológicos em fenômenos de massa” (p. 31). Essa apropriação ideológica das formas simbólicas em mensagens veiculadas pela mídia se dá por vias interpretativas nas quais os indivíduos, ao engajarem-se na recepção e no compartilhamento de mensagens por meio da interação social, engajam-se também num processo de “auto-formação e de auto-entendimento”, reformulando, às vezes criticamente, “os limites de suas experiências” e revisando “sua compreensão de mundo e de si mesmas” (p. 37).

Thompson (1995, p. 380) argumenta ainda que o significado das formas simbólicas nem sempre é dado de antemão, com caráter fixo, uma vez que a interpretação se projeta dentre vários significados possíveis que podem ser divergentes ou conflitantes. No caso da ideologia, na qual esses significados estabelecem relações de poder e de dominação entre os sujeitos, a interpretação penetra “no domínio das afirmações e contra-afirmações, da argumentação e contra-argumentação”, pois implica em intervenções e transformações da esfera social.

Na próxima seção apresentaremos algumas considerações sobre a interface entre léxico e ciberjornalismo, além de discutir acerca dos manuais de uso “correto” da língua e, por fim, tecer considerações sobre o politicamente correto. Em face dessas asserções, passaremos à análise do *corpus* a fim de interpretar como essas formas simbólicas lexicais se relacionam com as ideologias linguísticas no contexto das primeiras décadas do século XXI.

### 3 LÉXICO E JORNALISMO

#### 3.1 Ciberjornalismo: a *web* notícia

O advento da internet acarretou várias mudanças, em diversos âmbitos da sociedade. Seguramente, é uma das responsáveis pela quebra das fronteiras, a globalização. Em se tratando da esfera jornalística, a era digital rompeu vários paradigmas, o que resulta, muitas vezes, no contraste do jornalismo (tradicional, o impresso) *versus* o jornalismo digital (ciberjornal). Muitos especialistas vêm discutindo as diferenças, as vantagens e os inconvenientes dessa transição. Existem semelhanças e diferenças pontuáveis entre os dois tipos de jornalismo, o que nos leva a uma indagação, que pode soar um pouco extremista: deve-se encarar o ciberjornal como algo à parte do jornalismo tradicional ou como uma ramificação, uma evolução?

Atualidade, novidade, veracidade, periodicidade e interesse público, isto é, os universais do fazer jornalístico continuam, em teoria, mantidos no ciberjornal. No entanto, há algumas nuances na prática. Muito embora a *web* notícia ainda siga as premissas da atualidade e da novidade, o jornalista deve ser mais cauteloso para sempre relacionar as notícias e os conteúdos com as outras esferas, como política, econômica e social. O mundo e, conseqüentemente, as notícias, atualizam-se de uma maneira muito vertiginosa, o que exige mais do jornalista.

A periodicidade é um ponto muito convergente entre os dois tipos de jornalismo. O jornalismo impresso tinha a sua periodicidade, podendo variar entre matutino ou vespertino. As atualizações eram bem mais lentas, o trabalho interno, as redações, tinham um ritmo de trabalho muito diferente do atual. O ciberjornal, por sua vez, é atualizado diariamente, muitas vezes, até mesmo mais de uma vez por dia. Tendo em vista tal diferença, é sabido que, em se tratando de atualização, o ciberjornal é mais eficiente. Ricardo Nunes (2004, p. 5), argumenta que:

A questão da periodicidade, vê reforçados os elementos que até agora estavam descritos nos manuais de jornalismo. Jornais matutinos e vespertinos, diários e semanais, noticiários horários ou com intervalos de tempo mais reduzidos, são características associadas à imprensa escrita, televisão e rádio da era pré-internet. Com a inclusão do jornalismo na rede, foram estilhaçados os *timings* de edição, pois, o fecho da hora é constante, permanente, ininterrupto, contínuo. A periodicidade jornalística vê-se agora articulada com os ponteiros do relógio, já que a cada segundo, nalgum meio de comunicação do mundo se dão a conhecer as notícias que não precisam de esperar pela hora formal de edição. Característica que perdeu muito da sua razão de ser.

A interação tem um papel muito diferente nos dois tipos de jornalismo. No tradicional, ela se caracteriza por ser mais escassa e atípica, justamente pela lenta atualização. No jornalismo impresso, era possível escrever uma carta, enviar *e-mails* ou, até mesmo, telefonar para as redações, porém, em função da velocidade desse processo ser mais lenta, muitas vezes

não era mais viável e cabível fazer uma mudança, ou marcar alguma errata, por já estar em um momento que, para a notícia, poderia ser ultrapassado ou desatualizado. Vale frisar que alguns jornais eram publicados quinzenalmente. Ademais, destacamos a seguinte afirmação de Canavilhas (1999, p.2):

A máxima ‘nós escrevemos, vocês lêem’ pertence ao passado. Numa sociedade com acesso a múltiplas fontes de informação e com crescente espírito crítico, a possibilidade de interacção directa com o produtor de notícias ou opiniões é um forte trunfo a explorar pelo webjornalismo. Num jornal tradicional o leitor que discorda de uma determinada ideia veiculada pelo jornalista limita-se a enviar uma carta para o jornal e a aguardar a sua publicação numa edição seguinte, tendo habitualmente que invocar a Lei de Imprensa para o conseguir. Por vezes a carta só é publicada dias depois e perde completamente a actualidade. Outras vezes o jornalista não responde, ou fá-lo de forma a encerrar a discussão, fechando a porta a réplicas.

Já o ciberjornal apresenta um modo de interacção muito mais direto e rápido, quase em tempo real. Seja por comentários nas plataformas, por *e-mail* ou até mesmo por ferramentas de sugestões, o leitor consegue apontar algum erro de digitação, alguma informação equivocada ou desatualizada para o jornalista que pode ou não, rapidamente consertar, se julgar necessário. Canavilhas (1999, p. 2) define a interacção no ciberjornal, conforme apresentado a seguir:

No webjornal a relação pode ser imediata. A própria natureza do meio permite que o webleitor interaja no imediato. Para que tal seja possível o jornalista deve assinar a peça com o seu endereço electrónico. Dependendo do tema, as notícias devem incluir um ‘faça o seu comentário’ de forma a poder funcionar como um fórum. No webjornalismo a notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria. Deve funcionar apenas como o ‘tiro de partida’ para uma discussão com os leitores. Para além da introdução de diferentes pontos de vista enriquecer a notícia, um maior número de comentários corresponde a um maior número de visitas, o que é apreciado pelos leitores.

Outra diferença grande entre os dois tipos de jornalismo é a multimídia, ou a falta dela, no caso do jornal tradicional. Por se constituir na internet, o ciberjornal pode lançar mão de muitos recursos da multimídia como vídeos, áudios, fotos, *hiperlinks*, infográficos, denominados hipertextos. Uma notícia pode parecer mais completa para determinado leitor por ser dotada de tais recursos. Um *hiperlink* pode ajudar com um intertexto importante para o leitor, o que é inviável no jornalismo impresso. As plataformas virtuais permitem também a presença de arquivos com áudio de entrevistas que outrora, muitas vezes, causava muita dificuldade para ser descrita, e perdia elementos no que se refere à entonação e à prosódia, por exemplo. Vídeos e fotos podem colaborar para uma melhor sistematização visual de algum fato noticioso.

Alguns traços são muito diferentes em ambos tipos de interação, a depender da perspectiva pode-se preferir um ou outro. Por viver numa era digital, o ciberjornal é visto como uma ótima atualização do jornal impresso, pois permite o acesso a partir de dispositivos portáteis, além do computador, como *tablets* e *smartphones*. No entanto, algumas das características do ciberjornal vêm sendo refutadas, principalmente dentro do entorno jornalístico – teórico e prático. Tal fenômeno é o que Bastos (2013) define como diluição dos pilares do jornalismo, que vão desde recolher o fato da notícia, quais são superestimados, até a vivência sobrecarregada do jornalista.

Para Bastos (2013), o ciberjornalismo demanda um conjunto muito mais técnico do que jornalístico. Não existem mais as práticas tradicionais como ir ao lugar, recolher informações sobre o fato noticioso, escolher o que é pertinente para, então, publicar a notícia. Em função da efemeridade das atualizações, os ciberjornais publicam fotos e vídeos de notícias de outros portais, outras plataformas, deixando o fazer jornalístico, a identidade, em segundo plano. Principalmente em se tratando de notícias internacionais, as viagens são muito mais raras que antigamente, os ciberjornais (re)publicam, traduzem ou adaptam notícias dos grandes portais mundiais. Por exigir muito tempo, o rigor da veracidade dos fatos é algo que se enfraqueceu também. Bastos (2013) afirma que a instantaneidade e o declínio do rigor da veracidade fazem, eventualmente, que notícias percam a credibilidade e gerem o fenômeno que observamos na contemporaneidade denominado *fake news*.

Bastos (2013) coloca em voga a objetividade – uma das bases do jornalismo – por alguns fatores, no ciberjornal:

Os motivos da erosão da objectividade são vários: aumento da desprofissionalização e do amadorismo nas práticas jornalísticas, ou para-jornalísticas; emprego crescente de ‘empacotadores de notícias’ nas edições online; proliferação de novas fontes de informação duvidosas num ambiente de competição veloz na Web, também entre profissionais e amadores. Por vezes, jornalistas e ciberjornalistas são incentivados a terem ‘voz’, a deixarem de se ‘esconder’ por detrás da aparente neutralidade das notícias, para assim poderem ‘competir’ como as vozes, carregadas de subjectividade, que escrevem nos blogues mais influentes (BASTOS, 2013, p. 6).

Bastos (2013) pontua, ainda, a instantaneidade do ciberjornalismo como superestimada. Indubitavelmente a rapidez das (re)atualizações e (re)publicações é um fator muito destacável como positivo para o ciberjornal, principalmente pela globalização, que quebrou as fronteiras (digitais) e acelerou o ritmo da sociedade contemporânea. Em função das contínuas atualizações e publicações das notícias, além da veracidade, da objetividade e da qualidade do jornalismo, a função do jornalista é incerta. O fazer jornalístico, com seus valores, éticas e pilares,

aparentemente, já não se configuram como fatores ímpares para a contratação ou nomeação de um bom jornalista. As redações digitais, com toda sua efemeridade, cobrança de publicações quase em tempo real e as ferramentas multimídias, tornaram-se extremamente importantes para o jornalista, até mesmo mais do que os pilares e éticas do jornalismo, que são historicamente conservadas e lapidadas pela tradição da comunicação.

Outra problemática é que os jornalistas, atualmente, são cobrados no sentido de dominar todas essas ferramentas de multimídia e de se adaptar à nova rotina das redações digitais, mas, em alguns casos, não tiveram formação para tal. Esse novo cenário acarreta em profissionais sobrecarregados e, muitas vezes, que atuam muito mais como técnicos do que como jornalistas, o que no ciberjornalismo, para Bastos (2013), é levado às últimas instâncias e constitui o âmago da crise de diluição do jornalismo, que. Sobre o futuro do jornalismo na sociedade:

O jornalismo encontra-se numa encruzilhada importante na sua história. A via da velocidade e da superficialidade, para não falar da espectacularidade ou da leviandade, conquista terreno todos os dias. O novo ambiente mediático e jornalístico a isso é cada vez mais propício. A Web e outras plataformas impulsionam novos modos de estar e de fazer nas redações. Como em todas as grandes mudanças, algo se perde e algo se ganha. Mas o jornalismo de referência, assente em standards de qualidade, parece estar a sair vencido. Há mesmo quem vaticine o ‘fim do jornalismo tal como o conhecemos’. A questão é que este jornalismo continua a ser indispensável a um funcionamento saudável das sociedades democráticas. Donde, se o jornalismo ‘tal como o conhecemos’ se tornar irreconhecível, talvez seja de arranjar um novo nome para o ofício que lhe suceder (BASTOS, 2013, p. 11).

A internet transformou o mundo, acelerou as demandas e mudou algumas das prioridades da sociedade, até mesmo no âmbito jornalístico. A depender da perspectiva, o ciberjornal é, sim, uma evolução do jornal tradicional, principalmente por atender às necessidades do século XXI, no entanto, alguns fatores clássicos do ramo jornalístico podem estar se diluindo, como consequência de tal mudança vertiginosa, o que causa a dúvida se o mais indicado é entender o ciberjornalismo como uma ramificação e uma evolução do jornalismo tradicional, ou como algo à parte, sem grandes relações entre si, apesar de ambos tratarem de texto jornalístico.

Os fenômenos do ciberjornalismo, que são frutos do advento da internet, na pós-modernidade, são observados quando feita uma análise cronológica no *corpus* usado no presente trabalho. As notícias do início dos anos 2000 são bem simples, com poucos recursos e com uma organização muito distinta da que é encontrada em anos mais recentes, seja em letras, fontes ou estética. Quanto mais recentes são as notícias, mais facilmente é possível observar tais evoluções. Imagens e vídeos que colaboram para o entendimento, *hiperlinks* que

contribuem para tornar possível a interpretação de referências e intertextualidades, as quais podem propiciar uma melhor compreensão de uma notícia e transcrições de entrevistas, são características que no jornal impresso não eram muito comuns, principalmente em função da limitação do espaço físico. Outro fenômeno facilmente notado é o espaço para os comentários, que, além de uma possível interação com o jornalista, na prática, propicia muitos debates entre os próprios leitores, o que faz com que a notícia seja bem dinâmica e não estática.

### **3.2 Perfis editoriais: Folha de S. Paulo**

De acordo com o Manual da Redação da Folha de S. Paulo (2021), A Folha de S. Paulo foi criada em 19 de fevereiro de 1921, a princípio, com o nome Folha da Noite, por jornalistas que trabalhavam no jornal O Estado de S. Paulo. O jornal tinha um estilo mais leve e informativo, o que o diferenciava dos concorrentes na época. Em julho de 1925, em virtude do grande sucesso, deixou de publicar apenas um exemplar por dia, e passou a publicar outro exemplar. Posteriormente, em 1949, foi criado o terceiro periódico, o qual era circulado pela manhã, sendo assim, a Folha trabalhava com três edições diárias, cada uma em um período do dia. Em 1960, as três edições do jornal se unificaram e deram origem ao jornal Folha de S. Paulo.

O jornal Folha de S. Paulo, desde 1980, atualiza seu projeto editorial a fim de realizar as mudanças necessárias de normas e condutas. O projeto editorial é um documento muito usado pela imprensa (revistas e jornais, por exemplo), cuja finalidade é mostrar e unificar suas orientações e diretrizes.

Ainda de acordo com o Manual da Redação (2021), a empresa sustenta alguns pilares para desenvolver seu trabalho, que, segundo o jornal, é feito “com o desafio de fazer prevalecer os valores do jornalismo” (p. 15), com o âmbito jornalístico e seus leitores. Em virtude do mundo globalizado e da ascensão da internet, um dos primeiros desafios, segundo o manual, é seguir fazendo jornalismo com “qualidade e verídico”, visto que a era digital pode causar muitas situações caóticas entre realidade, rumores e, atualmente, as *fakes news*. A Folha assevera que o jornalismo profissional é o que lança mão das regras técnicas e dos padrões de conduta para obter fatos relevantes e fidedignos. Muito embora não seja uma tarefa fácil manter a descrição objetiva como um valor absoluto, o Manual diz que cabe ao jornalista confirmar as veracidades, fazer as conexões entre elas e estabelecer uma hierarquia dentro da eventual notícia.

A versão de 1997 do Manual apresenta alguns pontos que foram reestruturados posteriormente, na versão de 2021, para se alinhar com as tendências contemporâneas do fazer jornalístico. O jornalismo da folha se autodenomina como “um registro crítico, apartidário e pluralista”:

Praticar o pluralismo não significa abrir mão da apuração factual, mas entender que, muitas vezes, existe uma dimensão sujeita a controvérsias a ser contemplada em termos de dosagem, perspectiva e proporção. A diversidade se manifesta também no amplo espectro ideológico do corpo de colunistas, que abriga correntes de opiniões mais representativas da sociedade e faz da Folha um desaguadouro natural de ideias e posições em conflito (p. 22).

Na versão mais recente do Manual da Redação (2021, p. 13-14), são listados os doze princípios editoriais, a partir dos quais a empresa declara seu compromisso com o leitor. São eles:

1. Confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la;
2. Praticar um jornalismo que ofereça resumo criterioso e atualizado do que mais acontece de mais relevante em São Paulo, no Brasil e no mundo, com ênfase na obtenção de informações exclusivas;
3. Priorizar temas que, por afetarem a vida da coletividade ou de parcelas expressivas da população, sejam considerados de interesse público;
4. Promover os valores da democracia representativa, dos direitos humanos, da evolução dos costumes, do conhecimento da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa e da equalização de oportunidades;
5. Abordar os assuntos com disposição crítica e sem tabus, no intuito de iluminar problemas, apontar falhas e contradições, questionar as autoridades públicas e os poderes privados, sem prejuízo de buscar conteúdos proveitosos ou inspiradores;
6. Cultivar a pluralidade na composição da redação e no conteúdo veiculado pelo jornal, seja ao divulgar um amplo espectro de opiniões de diferentes atores sociais, seja ao focalizar mais de um ângulo da notícia, sobretudo quando houver antagonismos entre as partes nela envolvidas; registrar com visibilidade compatível pontos de vista diversos implicados em toda questão controvertida ou inconclusa;
7. Obrigar-se a ponderar os argumentos da parte acusada e, publicando uma acusação, garantir espaço ao contraditório;

8. Manter atitude apartidária, desatrelada de governos, oposições, doutrinas, conglomerados econômicos e grupos de pressão;
9. Preservar o rigor financeiro da empresa como esteio da independência editorial e garantir que a produção jornalística tenha autonomia em relação a interesses de anunciantes; assegurar, na publicação, características que permitam discernir entre conteúdo jornalístico e publicitário;
10. Estabelecer distinção visível entre material noticioso, mesmo que permeado de interpretação analítica, e opinativo;
11. Rechazar censura e outras agressões à liberdade de expressão, reconhecendo, no caso de abuso comprovado dessa liberdade, a responsabilização posterior dos autores, nos termos da lei.
12. Identificar e corrigir com destaque erros de informação cometidos; publicar manifestações de crítica ao próprio jornal; manter mecanismos transparentes de autocontrole e correção.

Após uma procura no Manual da redação da Folha de S. Paulo, sobretudo na parte 4 (p. 267) chamada de “anexos temáticos”, cuja função é trazer e discutir sobre o uso de algumas lexias e, muitas vezes, propor substituições, não foram encontradas as recomendações sobre o emprego de “homossexualismo” e “homossexualidade”. No sumário da parte supracitada, é possível encontrar uma subdivisão que fala sobre algumas lexias relacionadas à religião. Abaixo, deixamos alguns exemplos:

“**Macumba:** Em textos noticiosos, não use o termo como sinônimo de religiões afro-americanas ou de rituais de ofertas a entidades e orixás comumente praticados na umbanda ou no candomblé. Tem conotação pejorativa. Prefira despacho ou oferenda” (p. 355-356).

“**Crente:** Apesar do eventual emprego em tom pejorativo, a palavra é difundida na literatura sociológica como sinônimo de seguidor de religião fiel - e não só em relação a protestantes” (p. 354).

“**Exorcismo:** Rito pelo qual se expulsa um demônio do corpo, na Igreja Católica, só pode ser praticado por padres autorizados, após laudo médico que comprove não haver doença física ou psíquica. Evangélicos evitam o termo devido a seu lastro católico, mas a maioria dos cultos pratica a expulsão de demônios - em vez de fórmulas em latim e água benta, invoca-se apenas o nome de Jesus. Os neopentecostais são os que mais adotam o ritual” (p. 355).

O manual traz também algumas reflexões sobre lexias relacionadas às etnias:

**“Cor/Raça:** Evite a palavra raça para referir-se a subgrupos da espécie humana, salvo em reproduções literais. Há controvérsia científica sobre características físicas representarem uma divisão entre raças” (p. 214).

**“Negro/Pardo/Preto:** A Folha considera negros e pardos duas características distintas. Ao reproduzir pesquisas, estudos e declarações que chamam de negra a população resultante da soma preta e parda, deixem explícito esse critério e informe o total de cada categoria. Exemplo: O pesquisador considera negros todos os que declaram ser preta (8%) ou parda (45%) a cor da própria pele. Admite-se usar o termo preto apenas em declarações e estudos que adotem essa terminologia. Exemplo: Somente 4 alunos se declararam preto entre os 774 matriculados, segundo o pesquisador. Não empregue a expressão de cor e a palavra crioulo” (p. 236).

Apesar de não fazer alusão às lexias “homossexualismo” e “homossexualidade”, o Manual traz o verbete “gay”, fazendo uma breve definição e propondo algumas sugestões, especialmente, sobre o que não usar como sinônimo:

**“Gay:** Sinônimo de homossexual. Em textos noticiosos, não use termos considerados pejorativos, como veado (ou viado) bicha ou boiola” (p. 226).

Algumas recomendações do jornal parecem apresentar um caráter mais ideológico, seja fazendo recomendações de sinônimos que podem — e devem — ser usados, ou, pelo contrário, de lexias que já não devem serem usadas, como o caso de “boiola”. Dessa forma, pode-se dizer que o jornal, de certo modo, alinha seus jornalistas sobre os procedimentos de escrita. É importante ressaltar que muitas lexias polêmicas não são discutidas no Manual, gerando, por consequência, aberturas para possíveis interpretações.

### 3.3 Manuais de uso “correto” da linguagem

O que chamamos genericamente de “manuais”, nesta seção, consiste em variadas fontes de informação de origem impressa e digital. Trata-se de recomendações sobre o uso de determinados itens lexicais, dentre os quais figuram a entrada “homossexualismo” ou “homossexualidade” e as recomendações para o emprego correto da linguagem.

Os sites foram checados em setembro de 2021, período até o qual apresentavam as informações descritas. Entretanto, sabemos que sites podem ser atualizados e não conter mais a mesma informação em momentos posteriores a nossa consulta. Cabe ressaltar que os excertos apresentados são ilustrativos de espaços institucionais nos quais o argumento em questão (uso do item lexical a partir do argumento linguístico) circula e não pretende esgotar ou levantar exaustivamente todas as ocorrências desse tipo de recomendação.

Em 2004 foi lançada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, vinculada à Presidência da República, a cartilha “Politicamente Correto e Direitos Humanos” (QUEIROZ, 2004), [http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a\\_pdf\\_dht/cartilha\\_politicamente\\_correto.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf_dht/cartilha_politicamente_correto.pdf), com tiragem de 5000 exemplares, na qual são apresentadas “expressões pejorativas” comentadas a fim de “incentivar o debate” e “fomentar a reflexão” em torno da linguagem “politicamente correta”. A entrada Homossexualismo apresenta a seguinte definição (grifos nossos):

“É mais adequado utilizar o termo “homossexualidade” em vez de ‘homossexualismo’ para definir a orientação sexual das pessoas que sentem atração ou mantêm relações amorosas ou sexuais com pessoas do próprio sexo. O primeiro termo descreve essa condição de forma **neutra**, enquanto o segundo, **equivocado**, tem uma forte **carga pejorativa ligada à crença de que a orientação homossexual seria uma doença, uma ideologia ou um movimento político a que as pessoas aderem de maneira voluntária.**”

O site da Secretaria de Saúde do Governo do Estado da Bahia (<http://www.saude.ba.gov.br/sobre-a-sesab/transparencia-bahia/>) apresenta um glossário LGBTQIA+ com 23 entradas, nas quais figuram os lexemas 1) Diversidade Sexual; 2) Discriminação; 3) Equidade; 4) Gênero; 5) Identidade de Gênero; 6) Identidade Sexual; 7) Homofobia; 8) Homofobia institucional; 9) **Homossexualidade**; 10) HSH-MSM; 11) Machismo; 12) Preconceito; 13) Processo Transexualizador; 14) Sexismo; 15) Lésbica; 16) Gay; 17) Bissexual; 18) Travesti; 19) Transexual; 20) Homem Trans, Trans Homem ou Homem transexual; 21) Mulher Trans, Trans Mulher ou Mulher Transexual ; 22) Transgênero e 23) Transformista. A entrada “Homossexualidade” apresenta a seguinte recomendação:

“É o termo **correto** a ser usado ao se referir a uma pessoa que é homossexual, indicando ‘modo de ser’. Consiste (sic) uma **inadequação lingüística** e preconceituosa o uso do termo ‘homossexualismo’, visto que o **sufixo ‘ismo’** pode conotar doença, distúrbio, anormalidade.”

A ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), em conjunto com Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids – UNAIDS, a Gale – Aliança Global pela Educação LGBT, a Federação Nacional dos Jornalistas e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, elaboraram o “Manual de Comunicação LGBT”

(<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>) voltado para profissionais, estudantes e professores da área de comunicação (Jornalistas, Radialistas, Publicitários, Relações Públicas, Bibliotecários, entre outras pessoas), com o intuito de “reduzir o uso inadequado e preconceituoso de terminologias que afetam a cidadania e a dignidade” do grupo de LGBTQIA+ no país. O Manual apresenta um histórico no item “Homossexualidade ao invés (sic) de homossexualismo”

O Manual de Comunicação LGBTI+ (<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>), que foi elaborado por um grupo de ativistas e tem como foco argumentar e renomear as problemáticas com a temática LGBTQIA+, diz que “homossexualismo” é um termo incorreto e preconceituoso devido ao sufixo “-ismo”, que denota doença e anormalidade. O termo substitutivo é “homossexualidade”, que se refere na forma correta à orientação sexual do indivíduo, indicando “modo de ser e sentir” (p. 64).

A secretaria da justiça e da cidadania do estado de São Paulo publicou em 2020 a 4ª edição da cartilha “Diversidade Sexual e a Cidadania LGBTI+” ([http://www.recursoshumanos.sp.gov.br/lgbt/cartilha\\_diversidade.pdf](http://www.recursoshumanos.sp.gov.br/lgbt/cartilha_diversidade.pdf)). Logo no começo do documento é desenvolvida a sigla LGBTI+ como “internacionalmente utilizada para se referir aos cidadãos e cidadãs Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Mulheres Transexuais, Homens Trans, Intersexuais e o + significando todas as outras orientações sexuais e identidades de gênero (p. 3). Mais à frente, na página 18, a troca de homossexualismo por homossexualidade também é sugerida:

“Não se utiliza a expressão ‘homossexualismo’, pois, neste caso, o sufixo **‘ismo’ denota doença** e a homossexualidade não é considerada como patologia pela Organização Mundial da Saúde desde 1990, quando modificou a Classificação Internacional de Doenças (CID), declarando que ‘a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão’” (p. 18).

Saindo da esfera LGBTQIA+, o governo do estado do Rio Grande do Sul escreveu um manual chamado “Manual Para o Uso Não Sexista da Linguagem” ([https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod\\_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf)). Escrito apenas por mulheres, nele é discutido muitas questões envolvendo a luta feminista no que se refere às mudanças sociais e linguísticas. Abaixo, para exemplificar, uma passagem do referido manual:

“Estamos plenamente convencidas de que será a **influência social** que fará possível que as palavras representem devidamente a diversidade existente e que **mude a representação das mulheres no mundo** e a **imagem estereotipada**, minimizada ou desvalorizada que ainda hoje reproduzimos ao falar (embora seja sem intenção, sem interesse e sem pensar, ou simplesmente por falta de informação) do mesmo modo que conceitos e ideias evoluíram mediante uma mudança em nossa forma de falar e escrever” (p. 49).

Trouxemos os excertos dos manuais anteriores a fim de exemplificar como, mesmo não sendo uma convenção ortográfica estabelecida por norma, tais recomendações ou sugestões para o emprego de unidades lexicais tidas como “politicamente corretas” passaram a circular amplamente em diferentes meios de comunicação nas primeiras décadas do século XXI. Tal fato, possivelmente, possa justificar o uso de determinados argumentos sobre o emprego das unidades pautados no senso comum.

### 3.4 Ideologias linguísticas e escolhas lexicais: o politicamente correto na mídia

O fenômeno do politicamente correto se perpetua em vários campos do conhecimento, e a linguagem é um deles. Nascido nos Estados Unidos, na década de 1990, o politicamente correto teve por finalidade filtrar atitudes, valorando-as como certas ou erradas, dentro de um conjunto de normas e convenções. No âmbito da linguagem, por exemplo, a onda do politicamente correto está muito presente nos dias atuais, em razão de muitas discussões que perpassam a relação entre língua, sociedade e ideologia. Na contemporaneidade, muitas vozes argumentam sobre palavras ou expressões que são “politicamente incorretas”, uma vez que ferem pessoas ou grupos sociais. Assim, é notório que, a partir do politicamente correto, tem-se, conseqüentemente, o politicamente incorreto. Grupos minoritários estão usando a língua para fazer algumas reivindicações históricas, culturais e sociais.

Sírio Possenti (1995) foi um dos pioneiros em falar sobre o politicamente correto na esfera linguística no Brasil. O autor argumentou que, ao analisar o politicamente correto, a linguagem é vista na forma ideológica, e que embora tenha méritos claros também possui equívocos. Possenti (1995, p. 138) dividiu em três grupos de equívocos: 1) considera simplista e ingênua e não acredita que a forma como nomeamos as coisas por meio da linguagem possa transformar a sociedade; 2) a justificativa com base etimológica não dá conta da relação que se estabelece entre os significados originais e os atuais; 3) a substituição de uma palavra pelo seu eufemismo não muda a perspectiva preconceituosa que se tem dos fatos.

Apesar de ser um texto de 1995, e fazer umas das primeiras considerações acerca do politicamente correto no Brasil, até os dias de hoje esses mesmos três pontos "questionáveis", destacados por Possenti, se fazem presentes e são discutidos.

Fiorin (2008) tece algumas considerações e refuta o argumento da substituição de uma lexia (supostamente negativa) por outra (supostamente neutra), ao argumentar que não é apenas substituindo uma lexia, ou evitar usá-la, que se vai pôr fim à discriminação diante das minorias. Isto é, uma lexia não é, por exemplo, racista por si só, mas, sim, manifesta ideologias racistas ao ser usada em determinados discursos racistas. Para Fiorin (2008), o politicamente correto na linguagem é muito importante, pois fez com que grupos ganhassem visibilidade, no entanto, é imperativo usar argumentos exequíveis que respeitem, sobretudo, o sistema linguístico.

Rajagopalan (2000) afirma que são muitas as críticas direcionadas para a linguagem politicamente correta. O autor argumenta que as críticas são feitas tanto pela direita quanto pela esquerda, no espectro político, o que pode ser interpretado que o politicamente correto não é (ou talvez era, visto que o texto é de 2000) unanimidade em determinado grupo:

A linguagem ‘politicamente correta’ tem sido alvo de críticas acirradas advindas de todos os lados. Tanto isso é verdade que hoje em dia é difícil encontrar alguém que abertamente se disponha a discuti-la se não em tom de desprezo e desconfiança. Ou seja, a prática de optar por uma linguagem politicamente correta ou, ao menos, evitar expressões que carreguem conotações negativas, é hoje em dia bastante divulgada; no entanto, poucas são as pessoas que, mesmo aderindo ao emprego de tais práticas, se sintam à vontade para justificar tal prática (RAJAGOPALAN, 2000, p. 93).

Rajagopalan (2000), ao defender suas proposições sobre o descontento da esquerda e da direita sobre o politicamente correto no início do século XXI, assevera que a esquerda enxerga a linguagem politicamente correta como uma “maquiagem” e “tapa o sol com a peneira”, pois sempre são seguidas do argumento: do que adianta deixar de usar determinadas palavras se o

preconceito está na cabeça das pessoas? A direita também critica a linguagem politicamente correta, mesmo que por outras vias. Rajagopalan (2000, p. 94) cita Luiz Soares para argumentar um pouco sobre o ódio da direita com relação ao politicamente correto:

(1) trata-se de manifestação do histerismo fanático norte-americano, que castra o humor, mata a espontaneidade humana e disciplina todas as relações interpessoais; (2) trata-se de manifestação de intolerância de inspiração puritana e conservadora, que enseja a produção de identidades sociais artificialmente depuradas de qualquer carga de ambivalência, expressando uma cultura fortemente racionalista e autoritária; (3) trata-se do nome dado a uma pretensão equivocada e perigosa, no limite totalitária, de definir uma gramática unívoca do comportamento socialmente aceitável (1999, p. 220).

Para Rajagopalan (2000), o politicamente correto conseguiu fazer algo atípico no Brasil, colocar a esquerda e a direita do mesmo lado sobre um tema, mesmo que por argumentos diferentes. O linguista também pontua o caráter irônico do politicamente correto que, para além de ter unido ambos polos, “está ficando cada vez mais politicamente correto falar com desprezo sobre o politicamente correto” (p. 93).

Após tecer algumas considerações sobre o caráter social da linguagem politicamente correta, Rajagopalan (2000) entra no ponto que julga ser fundamental sobre tal tema: a visão que se tem sobre a linguagem. Para o autor, então, a forma como o falante entende a linguagem pode interferir diretamente na forma como ele enxerga o mundo. O autor argumenta que as pessoas que são severamente contra a linguagem do politicamente correto entendem a língua de uma maneira muito simples e limitada, focando no que ela é, mas esquecendo do que ela pode fazer e transformar. Ao criticar quem enxerga a linguagem inerente ao mundo, o autor argumenta que a linguagem é uma poderosa arma e não uma simples “cortina de fumaça”:

É neste contexto que devemos retomar a discussão acerca da validade ou não de uma linguagem politicamente correta. Deixando de chamar algo de x por sentir uma certa pressão social em prol de chamá-lo de y pode parecer, à primeira vista, um exercício inócuo sem maiores consequências. Contudo, ao refletir sobre essa prática à luz da lição que aprendemos do mundo do marketing, seremos levados a conceder que ao trocar as palavras, estamos trocando também as coisas, pois as coisas não são nada se não produtos produzidos a partir dos objetos que só são apresentados a nós por intermédio da linguagem (RAJAGOPALAN, 2000, p. 101-102).

Rajagopalan (2000) afirma que a linguagem politicamente correta não é um remédio milagroso para combater os preconceitos, além de chamar a atenção para o fato de que a luta contra os preconceitos fortemente arraigados na sociedade não pode ser feita apenas pelo âmbito da linguagem. Contudo, se a linguagem é um dos possíveis recursos, deve-se usá-la em tal luta, visto que ao mudar, ou ao deixar de usar alguma expressão considerada “negativa” ou

preconceituosa”, a comunidade linguística poderá esvaziar esses sentidos. O autor aponta que, ao exercer controle e controlar sua própria fala, o falante estará se conscientizando sobre a existências dos preconceitos. “Intervir na linguagem significa intervir no mundo” (p, 102).

Morato e Bentes (2017), em reflexão mais recente sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem, tecem algumas considerações sobre a linguagem politicamente correta, pautada na relação sociedade, cognição e linguagem.

As autoras definem o politicamente correto como regulador de práticas discursivas e sociais, em dois sentidos: o fraco e o forte. O sentido fraco é pragmático e está associado à tentativa de promover um grau alto de reflexividade dos atores sociais em relação à produção de determinados enunciados ou categorizações. O sentido forte, por sua vez, atua como um sistema normativo, que pode assimilar regimes simbólicos desejáveis da vida em sociedade, atuando como um norteador de situações a serem superadas, como as desigualdades, as injustiças, os preconceitos e as discriminações.

Em outras palavras, o sentido fraco seria o que identifica e propõe algumas reflexões sobre determinada palavra ou expressão e o sentido forte busca a (re)conceitualização. Por exemplo, a lexia “índio” é, atualmente, explorada por seu caráter preconceituoso e eurocêntrico, supostamente “colonizador”. Para tanto, sugerem o uso da lexia “indígena”, a qual, conceitualmente, diz respeito aos povos originários. Então, para além de regras, eufemismos e etiquetas, o politicamente correto pode, em maior ou menor escala, atingir o nível conceitual da sociedade.

Na mesma perspectiva de Rajagopalan (2000), Morato e Bentes (2017) afirmam que, atualmente, o politicamente correto incomoda a todos, nas palavras das autoras: “o politicamente correto incomoda militantes, progressistas e conservadores”. Para as autoras, o politicamente correto foi mudando com o passar dos anos. Hoje, ele não é mais um emaranhado de regras, mas sim, um sistema de pressão, a partir do qual pressupostos ideológicos e evidências empíricas de violência contra determinados grupos sociais são expostos de forma particular. Muito embora as autoras também não considerem o politicamente correto como um conjunto totalmente coerente, elas ressaltam sua importância na sociedade contemporânea:

Para gáudio de poucos que pretendem dominar muitos (sob a forma de deploração de seus estilos, de sua variedade linguística, de seu perfil sociolinguístico, de suas características étnicas, sexuais, culturais ou ideológicas) ou arbitrar como os demais devem se sentir ao serem categorizados de forma social e subjetivamente inaceitável, o politicamente correto, que tem lá seus problemas, como de resto toda e qualquer regulação, socialmente construída, tende a chamar a atenção para uma dimensão de empatia e coesividade intersubjetiva a ser integrada ao nosso capital cooperativo em tempos local e globalmente conturbados (MORATO & BENTES, 2017, p. 18).

De acordo com Morato e Bentes (2017) o advento do politicamente correto foi de extrema importância, pois, a partir dele, evoluímos linguisticamente e socialmente. A linguagem politicamente correta tem seu uso pautado na reflexão e na consciência do falante, conseqüentemente, usos discriminatórios e preconceituosos, que já eram normalizados na linguagem, começam a ser repensados, ressignificados e refutados. Como a língua e a sociedade estão entrelaçadas, as mudanças e fenômenos ocorridos numa, recaem, diretamente, na outra, embora este processo não costume ser instantâneo.

Após as considerações anteriores, é possível notar que, por se tratar de um fenômeno que é fruto da interação entre linguagem e sociedade, gera bastante embates e perspectivas.

Em suma, pode-se entender, então, que a depender da visão que o falante tenha sobre a linguagem, acarretará em diferentes leituras sobre as reivindicações. A língua pode ser vista, nas palavras de Rajagopalan (2000), como “uma roupagem para o mundo” ou como um instrumento de mudança que pode e faz acontecer. Como asseveram Morato e Bentes (2017), a linguagem politicamente correta não é perfeita, mas tem sua função social bem definida. Para finalizar a presente discussão, lançamos mão de uma citação de Fiorin (2008), que define tanto a importância da linguagem politicamente como igualmente a importância de respeitar o sistema linguístico para que, deste modo, seu uso seja mais orgânico:

As palavras ferem e, como diz o poeta Pepe, ‘as lágrimas não cicatrizam’. Por isso, para criar um mundo melhor, é importante usar uma linguagem que não machuque os outros, que não revele preconceitos, que não produza discriminações. É necessário, porém, que, para ter eficácia, esse trabalho sobre a palavra respeite a natureza e o funcionamento da linguagem (FIORIN, 2008, p. 5).

De acordo com o exposto acima, reafirmamos que, neste trabalho, investigar os usos de determinadas unidades lexicais que representam a identidade de um grupo social em textos que circulam na mídia, se faz relevante, visto que são processos que vão além de questões intralinguísticas, pois atingem as relações e as práticas sociais envolvendo a comunidade LGBTQIA+.

Com o fim da seção 3.4, encerramos a parte teórica do trabalho. Os próximos capítulos se centrarão em descrever o desenvolvimento metodológico do trabalho e a apresentação da análise.

## 4 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 Descrição do *corpus* e seleção de dados

O presente capítulo se ocupa da metodologia do trabalho. Dada a natureza qualitativa da pesquisa, serão analisados excertos selecionados tanto a partir da presença do binômio lexical “homossexualismo” e “homossexualidade”, com o intuito de explorar a arbitrariedade presente ou não no uso das duas lexias, bem como a partir da presença do debate em torno da troca do vocábulo “homossexualismo” por “homossexualidade”, a fim de explorar os argumentos linguísticos e ideológicos mobilizados nessa discussão. O *corpus* é composto por textos disponibilizados no modo *on-line* do jornal brasileiro Folha de S. Paulo, em função de ser um jornal de grande circulação no país. Usamos a ferramenta de busca que o próprio jornal disponibiliza em seu site para selecionar notícias que traziam o binômio “homossexualismo” e “homossexualidade”. O recorte temporal foi do ano 2000 até julho de 2019 e foram selecionados 26 textos de um total de 377 resultados. O critério para tal seleção se encontra na seção seguinte, de análise de dados.

A metodologia do trabalho seguiu algumas etapas para ser exequível. A primeira foi usar o buscador da versão *on-line* do jornal Folha de S. Paulo (<https://www.folha.uol.com.br/>), depois, pesquisamos as lexias “homossexualismo” e “homossexualidade”, usando a opção de classificação dos textos mais antigos para os textos mais atuais. Finalizada essa etapa de seleção, realizamos a leitura das notícias a fim de extrair do *corpus* os dados que seriam apresentados na análise. Uma vez que o *corpus* foi selecionado, salvamos em formato pdf todas as notícias, além de salvar, também, seus *links*. Abaixo, deixaremos, a título de exemplificação, as Figuras 1 e 2 do *site* Folha de S. Paulo, a primeira correspondente ao *layout* inicial e a segunda à ferramenta do buscador que utilizamos. No final dessa seção, disponibilizaremos a Tabela 1 com a indicação dos textos que compõem o *corpus*, na qual constam os títulos, anos, *links* e gêneros dos 26 textos que compõem o *corpus* e dos quais foram extraídos os dados para análise. Como somente assinantes têm acesso ilimitado aos textos do jornal, apresentamos no final deste trabalho, na seção “Anexos”, a versão integral dos 26 textos.

### 4.2 Procedimentos de análise

Organizado a partir do levantamento de 26 textos selecionados por meio das palavras-chave “homossexualismo” e “homossexualidade”, durante o período de abril de 2000 a

novembro de 2019, os textos foram extraídos da versão digital do jornal Folha de S. Paulo. A princípio, o critério principal para o levantamento foi a seleção de textos jornalísticos em que a substituição da unidade “homossexualismo” por “homossexualidade” estivesse sendo debatida.

No entanto, ao procedermos uma análise inicial desse levantamento, observamos que o binômio ocorria em textos arbitrariamente, sem que a substituição estivesse, necessariamente, sendo debatida. Como o critério do debate em torno do uso restringia o *corpus* e aniquilava a possibilidade de uma progressão temporal com a presença de ao menos 1 texto no período anual, optamos por incluir os textos em que ambas as lexias (homossexualismo e homossexualidade) eram usadas indistintamente, sem que o debate em torno de seu emprego estivesse presente no conteúdo do texto. Também foram incluídos, nesse momento, textos de outras tipologias e não só notícias, como artigos de opinião, cartas, entrevistas, etc.

Pensamos no critério cronológico como um parâmetro que possibilitasse analisar a evolução do debate sobre o uso das unidades lexicais e também em um possível registro da consolidação de uso de uma unidade lexical sobre outra, o que configuraria também um registro do fenômeno de mudança lexical na mídia.

Conforme indicado na tabela 1, que será apresentada na sequência, o *corpus* foi numerado cronologicamente e, durante a análise, diante de cada excerto, apresentaremos a indicação dessa organização a fim de que o leitor possa se situar com relação aos textos integrais indicados na tabela por meio do *link* de acesso. Assim, a título de organização, diante de cada excerto haverá a indicação, entre parênteses, da fonte de consulta (Folha de São Paulo), por meio da sigla FSP, número do texto em função da organização progressiva cronológica em que são apresentados e o ano de sua publicação. Esses dados serão separados por vírgulas, dessa forma, o sexto texto do nosso *corpus*, por exemplo, receberá a marcação (FSP, 6, 2005). Os excertos que apresentarem fragmentos que não mantiverem relação com o escopo da pesquisa, sofrerão elisões indicadas por colchetes e reticências [...].

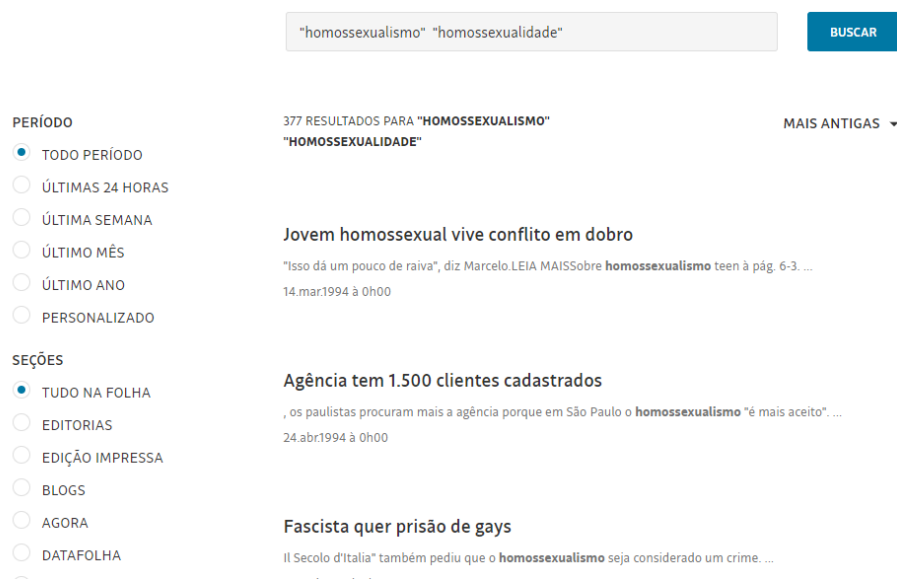
Abaixo, deixamos duas figuras para ilustrar a versão *web* do jornal Folha de S. Paulo e a tabela com o *corpus* organizado:

Figura 1 – Layout inicial do site Folha de S. Paulo



Fonte: Jornal Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 8 jun. 2019

Figura 2 – Buscador do site Folha de S. Paulo



Fonte: Jornal Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://search.folha.uol.com.br/?q=%22homossexualismo%22++%22homossexualidade%22&site=tod> os Acesso em: 10 jun. 2019

Quadro 1 – Organização do *corpus*

|    | Título /link                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | Ano  | Tipologia         |
|----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|-------------------|
| 1  | Revolta geral! Leitores criticam carta de garota que disse que homossexualismo não é normal (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1704200009.htm">https://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1704200009.htm</a> )                                                                                                                                                                 | 2000 | Cartas            |
| 2  | Só 35% dos pobres seguem Igreja Católica (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1207200117.htm">https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1207200117.htm</a> )                                                                                                                                                                                                                        | 2001 | Artigo de opinião |
| 3  | Ambiguidade não é homossexualidade, diz médico (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1608200202.htm">https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1608200202.htm</a> )                                                                                                                                                                                                              | 2002 | Entrevista        |
| 4  | Homossexualismo é o tema da redação (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2012200317.htm">https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2012200317.htm</a> )                                                                                                                                                                                                                         | 2003 | Notícia           |
| 5  | Governo lança programa contra homofobia (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u94785.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u94785.shtml</a> )                                                                                                                                                                                                             | 2004 | Notícia           |
| 6  | Quem tem medo do politicamente incorreto? (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1505200511.htm">https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1505200511.htm</a> )                                                                                                                                                                                                                       | 2005 | Artigo de opinião |
| 7  | Hollywood Gay (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1402200606.htm">https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1402200606.htm</a> )                                                                                                                                                                                                                                               | 2006 | Notícia           |
| 8  | Edson Cordeiro fala grosso; SP abre nova boate; leia destaques GLS (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u69799.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u69799.shtml</a> )                                                                                                                                                                                  | 2007 | Entrevista        |
| 9  | Homossexualidade (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2308200710.htm">https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2308200710.htm</a> )                                                                                                                                                                                                                                              | 2007 | Painel do leitor  |
| 10 | Casais gays podem andar de mãos dadas; ouça Soninha (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/multimedia/podcasts/2008/05/404842-casais-gays-podem-andar-de-maos-dadas-ouca-soninha.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/multimedia/podcasts/2008/05/404842-casais-gays-podem-andar-de-maos-dadas-ouca-soninha.shtml</a> )                                                                             | 2008 | Entrevista        |
| 11 | Homossexualidade é pecado para 58%, aponta pesquisa (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2009/02/500644-homossexualidade-e-pecado-para-58-aponta-pesquisa.shtml?origin=folha">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2009/02/500644-homossexualidade-e-pecado-para-58-aponta-pesquisa.shtml?origin=folha</a> )                                                                         | 2009 | Notícia           |
| 12 | Bissexualidade merece nosso maior respeito, diz Chico Xavier em entrevista histórica (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/728692-bissexualidade-merece-nosso-maior-respeito-diz-chico-xavier-em-entrevista-historica.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/728692-bissexualidade-merece-nosso-maior-respeito-diz-chico-xavier-em-entrevista-historica.shtml</a> )  | 2010 | Entrevista        |
| 13 | Parlamento de Uganda adia debate sobre pena de morte para gays (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/bbc/915351-parlamento-de-uganda-adia-debate-sobre-pena-de-morte-para-gays.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/bbc/915351-parlamento-de-uganda-adia-debate-sobre-pena-de-morte-para-gays.shtml</a> )                                                                                          | 2011 | Notícia           |
| 14 | Kits do PT e PSDB têm itens incômodos para evangélicos (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/poder/2012/10/1170962-kits-de-pt-e-psdb-tem-itens-incomodos-para-evangelicos.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/poder/2012/10/1170962-kits-de-pt-e-psdb-tem-itens-incomodos-para-evangelicos.shtml</a> )                                                                                            | 2012 | Notícia           |
| 15 | Em defesa do homossexualismo (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2013/03/1238745-para-leitora-expressao-homossexualismo-traz-ranco-cultural-pejorativo.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2013/03/1238745-para-leitora-expressao-homossexualismo-traz-ranco-cultural-pejorativo.shtml</a> )                                                                      | 2013 | Crítica           |
| 16 | Para leitora, expressão “homossexualismo” traz ranço cultural pejorativo (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2013/02/1237377-em-defesa-do-homossexualismo.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2013/02/1237377-em-defesa-do-homossexualismo.shtml</a> )                                                                                        | 2013 | Painel do leitor  |
| 17 | Esteira de Eufemismos (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2013/03/1238659-esteira-de-eufemismos.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2013/03/1238659-esteira-de-eufemismos.shtml</a> )                                                                                                                                                         | 2013 | Crítica           |
| 18 | Leia a transcrição da entrevista de Marco Feliciano à folha e à UOL (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/poder/poderepolitica/2013/04/1255829-leia-a-transcricao-da-entrevista-de-marco-feliciano-a-folha-e-ao-uol---parte-2.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/poder/poderepolitica/2013/04/1255829-leia-a-transcricao-da-entrevista-de-marco-feliciano-a-folha-e-ao-uol---parte-2.shtml</a> ) | 2013 | Entrevista        |

|    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |      |                   |
|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|-------------------|
| 19 | Crivella defende manter UPPs' sem hesitação (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/08/1497068-marcelo-crivella-defende-upps-sem-hesitacao-em-sabatina-no-rio.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/08/1497068-marcelo-crivella-defende-upps-sem-hesitacao-em-sabatina-no-rio.shtml</a> )                                                                                | 2014 | Entrevista        |
| 20 | A homossexualidade na vida e na obra de Carlos Drummond de Andrade (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/07/1659927-a-homossexualidade-na-vida-e-na-obra-de-carlos-drummond-de-andrade.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/07/1659927-a-homossexualidade-na-vida-e-na-obra-de-carlos-drummond-de-andrade.shtml</a> )                                   | 2015 | Artigo de opinião |
| 21 | Breves pecados (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartsman/2016/06/1783154-breves-pecados.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartsman/2016/06/1783154-breves-pecados.shtml</a> )                                                                                                                                                                       | 2016 | Crítica           |
| 22 | Globo repórter enaltece respeito a diferença de gênero, mas tropeça em 'homossexualismo' (Link: <a href="https://telepadi.folha.uol.com.br/globo-reporter-enaltece-respeito-diferenca-de-generos-mas-tropeca-em-homossexualismo/">https://telepadi.folha.uol.com.br/globo-reporter-enaltece-respeito-diferenca-de-generos-mas-tropeca-em-homossexualismo/</a> )                                     | 2017 | Notícia           |
| 23 | Aline Barros finge que homofobia é só questão de opinião (Link: <a href="https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2018/04/aline-barros-finge-que-homofobia-e-so-questao-de-opinioao.shtml">https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2018/04/aline-barros-finge-que-homofobia-e-so-questao-de-opinioao.shtml</a> )                                                                     | 2018 | Crítica           |
| 24 | Manual ensina uso correto de termos vinculados à diversidade sexual (Link: <a href="https://close.blogfolha.uol.com.br/2018/05/23/manual-ensina-uso-correto-de-termos-vinculados-a-diversidade-sexual/">https://close.blogfolha.uol.com.br/2018/05/23/manual-ensina-uso-correto-de-termos-vinculados-a-diversidade-sexual/</a> )                                                                    | 2018 | Notícia           |
| 25 | Por que Lulu Santos deveria se esconder no armário? (Link: <a href="https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2018/07/por-que-lulu-santos-deveria-se-esconder-no-armario.shtml">https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2018/07/por-que-lulu-santos-deveria-se-esconder-no-armario.shtml</a> )                                                                                        | 2018 | Notícia           |
| 26 | Escola cristã pergunta em prova 'como evitar homossexualismo' e é acusada de homofobia (Link: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/11/escola-crista-e-acusada-de-homofobia-por-questoes-como-como-evitar-o-homossexualismo.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/11/escola-crista-e-acusada-de-homofobia-por-questoes-como-como-evitar-o-homossexualismo.shtml</a> ) | 2019 | Notícia           |

Fonte: elaborado pelo autor.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

A presente seção se ocupa da análise do *corpus* da pesquisa e está desenvolvida em três partes: primeiramente propomos uma análise dos dados do *corpus* principal, textos extraídos do jornal Folha de S. Paulo, em seguida, traçamos um percurso pelo debate em torno dos usos das unidades lexicais “homossexualismo” e “homossexualidade” em outros jornais digitais, e, por fim, apresentaremos uma proposta lexicográfica de definição para a lexia “homossexualidade”.

O primeiro texto do *corpus*, de 17 de abril de 2000, é um compilado de opiniões de leitores enviado à seção “Cartas” do jornal Folha de S. Paulo, no Caderno Folhateen, em resposta a uma carta que foi publicada na semana anterior a essa publicação (no dia 10 de abril). Na carta, cuja autora é Priscila Ferreira, a unidade lexical “homossexualismo” é utilizada da seguinte forma: “homossexualismo não é uma opção sexual do indivíduo e, sim, uma deturpação grave da sexualidade”. Os fragmentos que citaremos abaixo compõem as manifestações de outros leitores que, em resposta à afirmação de Priscila Ferreira, demonstraram desconforto com a colocação. Podemos observar que em alguns comentários a lexia escolhida é homossexualidade, em outros é homossexualismo, isto é, ambas são usadas pelos leitores arbitrariamente.

Embora todos rechacem a carta de Priscila, em nenhum comentário o uso das unidades lexicais homossexualismo e homossexualidade é trazida para a discussão, embora apareçam nos enunciados. Vejamos:

*(1) É impressionante que, no ano 2000, ainda existam pessoas como Priscila Ferreira (ed. de 10/4), com opiniões infelizes e arcaicas sobre **homossexualidade**. É digna de pena. Está mais do que provado que a atração entre duas pessoas do mesmo sexo não se dá por uma "deturpação da sexualidade" ou por medo do sexo oposto." Marcos Ribeiro (Campinas, SP)". (FSP, 1, 2000)*

*[...] Escrevo também para protestar contra uma leitorazinha que teve seu e-mail publicado (ed. de 10/4). Ela xinga a doutora Rosely Sayão e classifica o **homossexualismo** como "deturpação sexual"(!?!). Isso só prova que somos educados para engolir tudo que nos foi predeterminado, sem parar para pensar no que é "certo ou errado". O que é certo e errado, afinal? Ser gay é errado por quê?? Camila Eleutério, 15 (Santos, SP) (FSP, 1, 2000)*

Embora sejam enunciados produzidos por diferentes enunciadore, pode-se notar nos excertos 1 e 2 que a substituição do sufixo –ISMO pelo –DADE ainda não se impunha como

um debate presente na sociedade no ano 2000, ou pelo menos, não foi manifestado explicitamente pelos leitores que se expressaram no jornal e usaram indistintamente as duas unidades.

Em textos dos anos seguintes, entre 2001 e 2004, também é possível observar o uso do binômio de maneira arbitrária em diferentes gêneros textuais (artigos de opinião, entrevista e notícia) sem nenhuma referência à questão da diferença entre o uso dos dois sufixos, considerados como sinônimos equivalentes. Entretanto, devemos atentar para o fato de que estes enunciados (3, 4, 5 e 6) foram produzidos pelos mesmos enunciadorees, o que torna mais marcada a falta de distinção entre o uso das duas unidades lexicais diferentes:

(2) *Em relação a outros assuntos há uma divisão. É o caso do aborto: 53% acham que a igreja não deveria se envolver (16%) ou poderia orientar, mas sem imposição (37%), contra 37% que acham que ela deve impor sua visão. O mesmo ocorre em relação à **homossexualidade**: embora a maioria concorde com o fato de a igreja condenar o **homossexualismo**, 27% acham que ela não deveria se envolver no assunto, 28%, que poderia orientar sem impor sua conduta, e 33%, que deveria impor sua visão. (FSP, 2, 2001)*

(3) *Ambiguidade não é **homossexualidade**, diz médico*  
*Em pelo menos 30% dos casos de ambiguidade sexual, os médicos não conseguem diagnosticar as causas do problema mesmo com um minucioso rastreamento clínico. O exame físico inclui avaliações do histórico genético e endócrino, das gônadas e das estruturas dos genitais. Segundo Durval Damiani, da Sociedade Brasileira de Pediatria, é fundamental que os pais sejam avisados o quanto antes do problema. Para ele, outra questão que deve ser desmistificada é a opção sexual dessa pessoa. "Ambiguidade sexual não tem nada a ver com **homossexualismo**", afirma. (FSP, 3, 2002)*

(4) ***Homossexualismo** é tema de redação*  
*"A sociedade e a **homossexualidade** nos dias atuais" foi o tema da redação do vestibular da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), aplicado ontem, também com 35 testes de português e 15 de inglês. (FSP, 4, 2003)*

(5) *Embora o Conselho Federal de Medicina tenha retirado o **homossexualismo** da sua relação de doenças em 1985, em Fortaleza (CE), 22% dos professores ainda classificam como patologia esse tipo de comportamento. Em Florianópolis (SC), cidade que registrou o menor percentual para essa pergunta, 7% dos docentes ainda dizem que a **homossexualidade** é uma doença. Em São Paulo, o percentual é de 10%. (FSP, 5, 2004)*

Nos excertos anteriores, pode-se observar em (3) o uso das lexias como sinônimas, visto que em orações seguidas o autor alterna o uso, sem comentar ou indagar nada a respeito. Em (4), por sua vez, a lexia “homossexualidade” aparece no título, cuja autoria é da jornalista, e “homossexualismo” aparece no corpo da entrevista, na citação da fala do médico entrevistado. Como há a presença de dois enunciadores diferentes em um mesmo excerto, não é possível afirmar que o uso seja totalmente arbitrário, no entanto, também não há nenhum indício de discussão sobre a substituição ou de que uma das duas grafias esteja incorreta. Da mesma forma, o excerto (5), apresenta “homossexualismo” no título e “homossexualidade” no corpo do texto, sendo usados como sinônimos produzidos por diferentes enunciadores, e em (6) também há uso das duas lexias indistintamente, porém usadas pelo mesmo enunciador.

Vimos, portanto, nesse período inicial (2000 a 2004) a presença das duas lexias usadas indistintamente nos mesmos textos, sem ter sido levantada nenhuma problematização em torno do seu uso. Em nosso *corpus*, essa distinção entre os dois usos aparece apenas no excerto (6), em que o uso das lexias se apresenta atrelado à discussão sobre o politicamente correto e a possível substituição, como pode-se observar no excerto a seguir:

**(6)** *Revelador dessa troca alargada de termos é o item consagrado ao "homossexualismo". A indicação é para que se passe a usar "homossexualidade", uma vez que este termo descreve a condição de forma neutra, enquanto que o primeiro teria uma carga pejorativa e associaria o homossexual a uma doença. (FSP, 6, 2005)*

O excerto (6), de 2005, em nosso *corpus*, é pioneiro ao apontar o início de um novo tema para debate: a substituição do sufixo –ismo por –dade, instaurando a discussão que antes se centrava apenas no âmbito científico, ou seja, se a orientação sexual era ou não algum tipo de patologia, estendendo-a também para o âmbito linguístico e social, fazendo referência explícita a substituição dos termos.

É importante ressaltar que nesse artigo de opinião, intitulado “Quem tem medo do politicamente incorreto”, a historiadora e antropóloga brasileira Lilian Schwarcz discute a substituição e tece comentários sobre a onda do politicamente correto no Brasil. Ela aborda a questão da importação dessa discussão como sendo originária, de forma “inusitada”, nos Estados Unidos (“Há algum tempo uma polêmica **inusitada** surgiu nas páginas da imprensa norte-americana”) e tece críticas a esse comportamento.

Podemos observar o juízo crítico avaliativo feito por ela por meio das associações lexicais qualificativas apresentadas com relação ao politicamente correto, destacadas a seguir: “**Folclore ou não**, essa história está de volta, agora no Brasil”, “o destino desse pequeno manual [...] seria **igualmente conturbado**”, “chegamos a uma espécie de **beco sem saída**”, “mas a **confusão** é ainda maior”, “nesse caso, a **representação** parece ser **mais forte que a realidade**”, “mais **estranho** ainda é o verbete [...]”, “nessa lógica politicamente correta, ele **perde a história** para ganhar apenas **a tirania do senso comum**”, “em vez de refinar o léxico, [...] seria importante tomar medidas públicas que **realmente beneficiassem** os prejudicados”, “esse parece ser antes um **recurso de maquiagem social**”, “penso apenas que **medidas profiláticas** como essas trazem um lustro civilizacional”, “o resultado é uma espécie de **trava-língua** que **nos deixa tomados por um medo discursivo**”, além de recorrer a citações do historiador Sérgio Buarque de Holanda e do escritor Lewis Carrol para fundamentar seus comentários. (Cf. FSP, 7, 2005).

Esse texto, além de representar um marco de transformação em nosso corpus, traz para o contexto midiático reflexões importantes que passariam a tangenciar as discussões ao longo dos próximos anos, tanto acerca do funcionamento estrutural da linguagem como do caráter ideológico que subjaz ao seu uso. A perspectiva da autora nos faz considerar até que ponto a presença de lexias pejorativas definem um texto ou discurso como sendo iminentemente preconceituoso e também, por outro lado, se a presença de eufemismos não revela igualmente a tentativa de dissimulação em torno dos preconceitos e estereótipos arraigados em uma sociedade. Também nos suscita reflexões em torno da possibilidade de “neutralidade” da linguagem ou do uso “não marcado” que possa refletir ações menos discriminatórias por parte dos falantes.

No próximo excerto o uso das duas lexias aparece indistintamente. A autora, Silvana Arantes, ao discutir sobre a sexualidade de atores de Hollywood, na notícia “Hollywood gay”, apresenta no início a forma “homossexualismo”:

*(7) O filme favorito ao Oscar em 2006, "O Segredo de Brokeback Mountain", acende o debate sobre Hollywood e o **homossexualismo**, ao levar para o faroeste, gênero dos machões por excelência, o amor entre dois homens. O **homossexualismo** como tabu perpassa a história de Hollywood desde suas primeiras décadas.[...] Dos roteiros, afastava-se qualquer referência explícita ao **homossexualismo**.. (FSP,07, 2006)*

Na parte final do texto há, em duas passagens, a forma “homossexualidade”:

*Liberal nos círculos internos, a indústria mentia para o público e tratava a **homossexualidade** como tabu*

- (8) *Mas não há como negar que continua sendo um acontecimento quando um astro de Hollywood decide proclamar sua **homossexualidade**. Mesmo que o assumido não seja da primeira grandeza de estrelas, como no caso da atriz Ellen DeGeneres, cujo anúncio da **homossexualidade** ecoou em todos os cantos.* (FSP, 08, 2006)

Após esses marcos, a discussão em torno dos dois usos se faz cada vez mais presente nos textos, lançando mão de argumentos que exploram tanto o viés linguístico, pautado pelo parâmetro morfológico/patológico quanto o viés ideológico/defesa da identidade do grupo minoritário, como vemos nos excertos FSP, 09, 2007 e FSP, 10, 2008.

- (9) *Recomenda-se que o termo **homossexualismo** não mais seja utilizado, devido à sua conotação preconceituosa, pois o sufixo "ismo" está relacionado a patologias. No Brasil, desde 1985, o Conselho Federal de Medicina não considera **homossexualidade** como desvio sexual.* (FSP, 09, 2007)
- (10) *A colunista diz que a OMS (Organização Mundial da Saúde) já declarou que **homossexualidade** não é doença e não deve ser tratada desse modo. "Por isso, é bom usar o termo **homossexualidade** e não **homossexualismo**, porque o "ismo", em muitos casos, caracteriza doença", explica.* (FSP, 10, 2008)

Apesar dos textos 9 e 10 estarem discutindo sobre a possível substituição das lexias, é possível notar que os locutores lançaram mão de estratégias diferentes. O locutor do texto 9, faz sua recomendação com um tom mais convidativo e cortês, por exemplo por iniciar a oração com o verbo recomendar, em “Recomenda-se”. Já o locutor do texto 10, por sua vez, aparenta uma argumentação mais autoritária, visto que usa uma afirmação da Organização Mundial da Saúde para defender seu argumento.

Ainda assim, nos anos seguintes, o uso arbitrário das duas lexias aparece na imprensa, sem incidir sobre a discussão do uso de uma ou outra unidade:

- (11) *Uma pesquisa sobre sexualidade e homofobia --aversão a homossexuais-- mostrou que 58% dos brasileiros consideram a **homossexualidade** um pecado contra as leis de Deus, conforme mostra reportagem de Márcio Pinho, publicada hoje na Folha (a íntegra está disponível apenas para assinantes do jornal e do UOL).* (FSP, 11, 2009)

*De acordo com o levantamento, 28% dos brasileiros admitem ter preconceito contra homossexuais e 29% apontam o **homossexualismo** como uma doença a ser tratada. (FSP, 11, 2009)*

É interessante notar que, em alguns textos, como no de número 12, de 2010, as duas lexias aparecem integradas ao mesmo discurso e que tal fato se configura como uma reivindicação de “respeito” emitida pelo locutor. Exemplificamos, a seguir, essa reivindicação por meio de uma citação do médium mineiro Chico Xavier, em entrevista publicada por Almyr Guimarães, no dia 30/04/2010. O entrevistado, além de “homossexualidade” e “homossexualismo”, usa as lexias “bissexualidade” e “bissexualismo”. Sem fazer distinção entre elas, associadas, ao longo da entrevista a outras unidades lexicais, com destaques nossos: “**condições** da alma humana”, “**não devem ser interpretados** como fenômenos **espantosos**, como fenômenos **atacáveis pelo ridículo** da humanidade”, “tanto quanto acontece com a maioria que desfruta de uma **sexualidade dita normal**”.

Os excertos da entrevista expostos abaixo, configuram a resposta da pergunta “Como se explica o homossexualismo e **a perturbação no comportamento sexual** à luz da doutrina espírita?” (grifos nossos)

(12) *O **homossexualismo**, tanto quanto a **bissexualidade** ou **bissexualismo** como a assexualidade são condições da alma humana. Não devem ser interpretados como fenômenos espantosos, como fenômenos atacáveis pelo ridículo da humanidade. [...] Aqueles que são portadores de sentimentos de **homossexualidade** ou **bissexualidade** são dignos do nosso maior respeito”, afirmou o médium mineiro Chico Xavier (1910-2002), em uma entrevista histórica concedida à extinta TV Tupi no ano de 1971. Não nos referimos aqui aos problemas do desequilíbrio nem aos problemas da chamada viciação nas relações humanas. Estamos nos referindo a condições da personalidade humana reencarnada, muitas vezes portadora de conflitos que dizem respeito seja à sua condição de alma em prova ou à sua condição de criatura em tarefa específica. (FSP, 12, 2010)*

Podemos observar, dessa forma, que as unidades lexicais homossexualismo/bissexualismo presentes na discussão são usadas em um debate que se instaura em defesa dos direitos e valores homossexuais, reafirmando questões indenitárias que incidem sobre o reconhecimento e respeito a esse grupo, e que o funcionamento dessas unidades estão vinculadas a sua articulação no discurso e não à frequência ou utilização em razões quantitativas na mostra apresentada.

O uso arbitrário dos sufixos –ISMO e -DADE, usados também com “bissexualismo” e “bissexualidade”, pode demonstrar que o falante desconhece as questões ideológicas que se vinculam às unidades lexicais que compõem o seu discurso e que já se instauravam em debates em outros contextos que se focavam no uso de um sufixo em detrimento do outro, ou mesmo que os falantes tivessem consciência sobre tais usos, desconsideravam, até momento, sua relevância. Dessa forma, são usados como sinônimos e, possivelmente, para o falante em questão, Chico Xavier, a carga ideológica não influenciou suas escolhas. Assim, como já foi discutido na seção 1.3, o argumento sobre o fato de que o valor negativo esteja presente exclusivamente por meio do emprego do sufixo –ISMO não se sustenta linguisticamente.

Nos dois anos subsequentes, 2011 e 2012, encontramos as últimas ocorrências, em nosso corpus, arbitrárias do binômio “homossexualismo” e “homossexualidade”.

- (13) *O projeto determina que pessoas consideradas culpadas de "homossexualidade agravada" --quando elas fizerem sexo com um menor de idade ou deficiente físico ou mental, ou quando o acusado for HIV-positivo --possam ser condenadas à morte. O mesmo valeria para pessoas acusadas de estuprar pessoas do mesmo sexo. Além disso, ele prevê criminalizar o aluguel de propriedade a uma pessoa cujo **homossexualismo** seja conhecido e o ato de ajudar uma pessoa a realizar um ato homossexual.* (FSP, 13, 2011)
- (14) *Além das ferramentas audiovisuais, o conjunto montado na gestão Serra inclui uma cartilha. Em um dos trechos do texto, afirma-se que "não se cura a **homossexualidade** em consultórios psiquiátricos ou cultos religiosos". A candidatura tucana tem o apoio de líderes evangélicos cuja pregação inclui a suposta "libertação" do **homossexualismo** via religião.* (FSP, 14, 2012)

Os excertos 13 e 14, ainda que apresentem o uso arbitrário das lexias, dá indícios de algumas diferenças em seu emprego. No excerto de 2011 (texto 13), o uso aparenta ser totalmente arbitrário, uma vez que não disponibiliza vestígios ao usar ambas lexias. O texto de 2012 (14), por sua vez, apresenta um possível dado que poderia ser uma diferenciação entre o uso das lexias, mesmo que de modo inconsciente por parte do emissor. “Homossexualismo” está relacionado com o “grupo evangélico” e “libertação”. No contexto, é evidente que tal grupo entende a homossexualidade como patologia, fator que nos permite, pensar que o uso de “homossexualismo” não tenha sido feito de modo arbitrário.

Em 2013, Hélio Schwartzman, editorialista e colunista da Folha, polemiza ao escrever sobre seu ponto de vista defendendo o uso da lexia “homossexualismo” e não “homossexualidade”.

- (15) *Compreendo que os gays procurem levantar bandeiras, inclusive linguísticas, para mobilizar as pessoas. Em nome da cortesia pública, eu me disporia a adotar a forma "**homossexualidade**", desde que ela fosse defendida como uma simples predileção. Mas, enquanto tentarem justificar essa opção com base em delírios etimológicos, sinto-me no dever de continuar usando a variante em "-ismo". Alguém, afinal, precisa zelar para que preconceitos não invadam e conspurquem o universo de sufixos, prefixos e infixos. A batalha pode ser inglória, mas a causa é justa. (FSP, 15, 2013).*

Hélio defende seu argumento à luz da morfologia, relatando que há muitas palavras que terminam com -ismo e não são pejorativas ou que remetam à patologia. Em suas palavras:

*“Quem estudou um pouquinho de grego sabe que o elemento "-ismós" (que deu origem ao nosso "-ismo") pode ser usado para compor palavras abstratas de qualquer categoria: magnetismo, batismo, ciclismo, realismo, dadaísmo [...]. “De qualquer forma e por qualquer conta, as moléstias são uma minoria. Das 1.663 palavras terminadas em "-ismo" que meu Houaiss eletrônico relaciona, apenas 115 (um pouco menos que 7%) designam doenças ou estados patológicos”.*

O colunista usa estritamente um argumento linguístico para defender seu ponto de vista e, concomitantemente, refuta os argumentos pró substituição dos sufixos. É possível notar que o locutor do texto 15 se apoia em seu conhecimento gramatical, no entanto, fica evidente um posicionamento conservador, no que se refere à polissemia dos sufixos. Além disso, ao usar o argumento de que a grande quantidade de palavras que denotam doenças formadas com -ISMO representem uma minoria na língua e informar que isso seja uma “moléstia”, o colunista revela implicitamente a crença de que as minorias não sejam importantes. Com isso, pode-se notar que Hélio não leva em consideração uma das premissas linguísticas mais importantes: a língua está em constante mudança.

Além disso, podemos agregar a essa ideia que tal mudança não é casual e sem motivação, mas sim, que acompanham os fenômenos sociais, históricos e culturais, o que, por exemplo, ocorre na discussão da substituição de “homossexualismo” por “homossexualidade”. O fato de ser “minorias” ou “maiorias” na língua não deveria ser, de antemão, julgado como “melhor” ou “pior”, de “maior valor ou não”, mais ou menos “digno de consideração”.

Há ainda um último ponto que revela uma perspectiva linguística mais conservadora e tradicional no excerto de Hélio ao afirmar que os falantes “conspurcam” a língua. O uso do verbo “conspurar”, diacronismo que significa “infeccionar, criar ferida ou lesão” e deu origem, por extensão de sentido, às acepções contemporâneas de “recair dúvidas sobre a integridade, macular” reflete, simultaneamente, e, em primeiro lugar, metalinguisticamente, seu conservadorismo ao tentar preservar certa erudição afetada em torno do seu próprio discurso e, em segundo lugar, estereótipos e preconceitos arraigados em nossa sociedade sobre as corrupções dos falares do Brasil.

O texto do colunista foi publicado em 27/02/2013. Após alguns dias, no dia 01/03/2013, alguns leitores, por meio do espaço painel do leitor, se manifestaram contra o texto de Schwartzman.

- (16) *Para nós, gays, a palavra **homossexualismo** é considerada ofensiva, dado o histórico ligado a atividades clínicas. Sugiro ao ilustre jornalista que escreva sobre a falta de garantia jurídica na vida dos homossexuais e nossa luta por leis básicas de cidadania, como a do casamento e a da criminalização da homofobia.* (FSP, 16, 2013)

Nota-se, nessa resposta dos leitores que seus argumentos estão centrados na esfera ideológica, mas não descartam a linguística. Para eles, apesar de o sufixo –ismo ter diversos significados, além de patologia, como exemplificado por Schwartzman, o termo “homossexualismo”, segundo os leitores, deveria ser evitado por alimentar uma carga estritamente negativa e pejorativa, pautando-se no viés ideológico e nas discriminações as quais o grupo minoritário está submetido socialmente. Mesmo o valor ideológico sendo mais forte, ao começar o texto com “a palavra homossexualismo” nos possibilita uma análise de que o locutor tenha um conhecimento linguístico prévio, o que se reflete por meio do argumento sobre a escolha lexical.

Schwartzman, no mesmo dia (01/03/2013) da publicação do painel de leitor em que algumas pessoas se manifestaram rechaçando seu texto “Em defesa do homossexualismo”, manifesta-se novamente para reforçar seus mesmos argumentos “gramaticais”, além de denominar a discussão como infrutífera:

- (17) *Não tenho nada contra a variante **homossexualidade** e me disponho a adotá-la tão logo os militantes parem de denegrir o sufixo “-ismo”, que, ao contrário de “-astro”, não encerra nada de pejorativo. Acredito, porém, que essa substituição de nomes é, muito provavelmente, um exercício fadado ao fracasso.* (FSP, 17, 2013)

O colunista da Folha, novamente, embasa seus argumentos na linguística, tanto na formação de palavra quanto no registro de uso. É possível encontrar mais argumentos pautados pelo mesmo viés ideológico no texto 17, tais como:

*“O pressuposto do patrulhamento linguístico é o de que palavras insidiosamente moldam atitudes, o que torna necessário manter vigilância constante contra formas sutis de ofensa. Embora haja nas humanidades quem ainda sustente essa tese, ela foi já há muito abandonada pelas ciências cognitivas. Nesse modelo, o que ocorre é exatamente o contrário. São as ideias das pessoas, incluindo seus preconceitos, que influenciam a linguagem, originando o fenômeno que o psicólogo Steven Pinker apelidou de “esteira de eufemismos”.*

A expressão “esteira de eufemismos” citada por Hélio Schwartzman faz referência à obra do linguista, psicólogo e escritor canadense Steven Pinker, que cria esse conceito em seu livro intitulado “Tábula Rasa: a negação contemporânea da natureza humana”. Seguindo o conceito de Pinker, Schwartzman assevera que o discurso, ou as escolhas lexicais que fazemos, é moldado pelos comportamentos, e não vice-versa. Assim, os termos preconceituosos existem porque o preconceito existe na sociedade e é expresso por ela por meio do discurso. O argumento de Schwartzman vai na mesma perspectiva que o de Lília Schwarcz, o de que se o preconceito não vai deixar de existir, sempre haverá formas linguísticas para expressá-lo e que a mudança no léxico não gerará a transformação da sociedade, mas sim o contrário, quando a sociedade não tiver mais preconceito, as palavras deixarão de ser empregadas, no fluxo natural de transformação da língua. Para os colunistas, então, impor uma mudança na língua não irá assegurar uma mudança social.

Ainda no ano de 2013, compõe o nosso *corpus* de análise uma entrevista com Marco Feliciano, que foi digitalizada para ser publicada no jornal Folha de S. Paulo.

**(18) Marco Feliciano:** *Se eu falar patologia, amanhã eu vou ser crucificado de novo porque vamos falar de doença. Não, a **homossexualidade**, não posso falar mais **homossexualismo**... Eu posso falar heterossexualismo, mas não posso falar homossexualismo. A homossexualidade, ela não é uma patologia. (FSP, 18, 2013)*

Feliciano faz uma explicitação do controle linguístico imposto ideologicamente com relação ao uso de “homossexualismo”, o que demonstra que ele se corrige, conscientemente, fazendo uso da lexia homossexualidade, para evitar mais indisposições de viés ideológico com grupos de militâncias. Aqui podemos pontuar um marco de transformação também indicado

pelo uso monitorado da língua com relação à substituição das lexias em função das pressões ideológicas do entorno social, diferentemente do que é explorado anteriormente, pelo viés linguístico. Claramente, o falante não é partidário da adoção da lexia "homossexualidade", mas faz uso dela voluntariamente para evitar represálias ou desagravos por pessoas que não reivindicam a troca.

Tomando a posição de Feliciano (texto 18), no contraste das posições observadas nos argumentos de Lilian Schwarcz (texto 6) e de Hélio Schwartzman (textos 15 e 17), é possível argumentarmos que há claramente um efeito social provocado por uma mudança reivindicada para a língua. A relação entre língua e sociedade é articulada por influências mútuas, uma vez que é por meio da linguagem que se participa das estruturas sociais ou, dito de outro modo, é a partir das práticas discursivas que moldamos (e somos moldados em) nossas práticas sociais. Observamos que Feliciano “reorganiza” sua prática em função de uma reivindicação feita para a língua, num movimento de mudança social pelo discurso, assim como ao introduzir-se em determinadas sociedades o casamento gay (prática social) passou a modificar também o teor do interior das certidões de casamento (prática discursiva) para atender a necessidade de explicitar cônjuges do mesmo gênero e, podemos ainda afirmar que a prática social (casamento entre pessoas do mesmo gênero) também deu origem a um novo tipo de documento, uma nova prática discursiva (contrato de união estável). A esse respeito Júnior, Sato e Melo (2018, p. 11) argumentam que:

“Em situações de dominação, dominados e dominantes compartilham a sensação de normalidade da prática, identificados com posições e atividades. A partir da reflexão, surge a vontade de mudança, mas a agência não é um atributo individual e sim das articulações no bojo das práticas. A simples reflexividade não dá ao indivíduo ferramentas para agir, mas sim a consciência de que é possível atuar pela mudança. Para que a agência surja, é preciso haver mudança nas relações de abram espaço para a mudança aflorar. A organização dos eventos, a reunião de elementos favoráveis, a junção de pessoas e a oportunidade histórica, somadas às habilidades pessoais de convencimento e de influência sobre os demais, formam um conjunto favorável para um grupo específico, envolvido em um projeto em torno de uma estratégia no bojo de uma rede de relações sociais através de formas emancipatórias de interação social.

Podemos pensar, desse modo, que a fala de Feliciano é a explicitação que reflete que a pressão articulada em torno de estratégias de mudança sobre a língua de um determinado grupo leva indivíduos a alterarem ou “adequarem” suas práticas discursivas que irão refletir nas práticas sociais daquele e de outros indivíduos.

Em 2014, numa entrevista para o Uol, SBT e a Folha de S. Paulo, o político Crivella, na época candidato a governador do Rio de Janeiro, é questionado sobre o tema da homossexualidade e é colocado em pauta em razão de homofobia, religião e pecado. Também no excerto a seguir, que apresenta um fragmento da sua fala, em nenhum momento a substituição sufixal é colocada em voga.

(19) *Questões sobre a visão pessoal dele e da Igreja a qual é ligado –a Universal– sobre a **homossexualidade** surgiram, a ponto de ele pedir que perguntassem sobre outro assunto, após algumas respostas. Ele negou qualquer ato de homofobia de sua parte e de seus correligionários. "O boato é que por eu ser evangélico, as pessoas acham que eu sou homofóbico ou que os evangélicos sejam homofóbicos. Não tem povo menos homofóbico que os evangélicos. Mas os evangélicos querem o direito de expressar seu pensamento, de que **homossexualismo** é pecado. Não é crime, não é doenças, mas é pecado. Na minha família tem homossexuais, no partido tem homossexuais. Isso é coisa de adversário político. (Homofobia) não existe". (FSP, 19, 2014)*

No texto 19, de 2014, Crivella diz que ele e todos os evangélicos não são homofóbicos. Para defender seu ponto de vista, o político diz que não considera que ser homossexual seja crime e pecado, mas considera doença. Mesmo com uma argumentação contraditória, visto que considerar homossexuais pecadores apenas pelo fato de ser homossexual é socialmente um ato de homofobia, Crivella se mostra a favor dos homossexuais e lança mão da lexia “homossexualismo”, diferentemente de Feliciano (texto 18), Crivella aparenta não conhecer a discussão sobre a substituição das lexias pela reivindicação dos grupos sociais. É possível notar alguma semelhança, com o texto 12, que cita Chico Xavier, uma vez que ambos se posicionam a favor dos homossexuais, mas não entram no mérito do valor semântico dos sufixos, ou por não conhecerem a discussão ou por não julgarem pertinente. Pensando numa possível análise sobre a homofobia de Crivella, em virtude da contradição em considerar homossexualidade “pecado”, continuaríamos com a perspectiva de que o político não entra na esfera linguística para defender seu ponto de vista. Nesse excerto, pode-se notar que em duas possíveis análises o locutor segue um padrão: o do uso lexical alheio às discussões ideológicas, isto é, aparentemente seus posicionamentos não estão relacionados com sua escolha lexical.

Em 2015, o texto 19, é uma matéria de Marcelo Bortoloti, intitulada “Homossexualidade na vida e na obra de Carlos Drummond de Andrade”. O colunista traz algumas citações de Drummond a respeito da homossexualidade

(20) A **homossexualidade** na vida e na obra de Carlos Drummond de Andrade

*"Devo dizer que o **homossexualismo** sempre me causou certa repugnância, que se traduz pelo mal-estar. Nunca me senti à vontade diante de um homossexual. Com o tempo, havendo agora uma abertura imensa com relação ao desvio da homossexualidade, o homossexual não só ficou sendo uma pessoa com autorização para ir e vir como tal, mas chega a ponto de isto ser exaltado como riqueza de experiência, como acrescentamento da experiência masculina". (FSP, 20, 2015)*

Nota-se que em ambos os textos a lexia “homossexualismo” aparece na fala dos entrevistados, na de Crivella (19) e na de Drummond (20), e a lexia “homossexualidade” aparece somente nas opções feitas pelos jornalistas. Tal fato pode indicar, mesmo que não explicitamente, um posicionamento ideológico da abordagem jornalística diante do fenômeno.

Nosso próximo excerto, o texto 21, de 2016, foi publicado três anos após a repercussão polêmica da coluna publicada por Hélio Schwartzman. Nesse fragmento podemos observar que o jornalista mantém sua posição inicial e continua usando o binômio.

(21) *A leitura que se impõe, como indicaram [Clóvis Rossi](#) e [Contardo Calligaris](#), é que Mateen se voltou contra aquilo que não suportava em si próprio. Já que a religião e o pai reprimiam sua **homossexualidade**, ele "solucionou" o conflito cometendo um suicídio no qual levaria consigo o maior número possível de gays. [...]Não discordo dessa interpretação, mas gostaria de frisar que a ambivalência que marcou o gesto de Mateen também está presente nos textos religiosos do islamismo. No mundo terreno, o islã condena com veemência o **homossexualismo**. O Corão conta nada menos do que nove vezes a história de Ló e a pecaminosa cidade de Sodoma. Nas versões mais explícitas, como as das suras 7:80 e 26:165, o ato de homens que se deitam com homens é qualificado como transgressão extrema. Os "ahadith", os ditos e feitos do profeta, que têm força jurisprudencial, vão além e mandam executar os que se comportem como o "povo de Ló" (Abu Dawud 4462). (FSP, 21, 2016)*

Nesse texto em questão, Schwartzman não entra no mérito da substituição, o que nos permite afirmar que Hélio segue usando ambas lexias, justamente para defender seu argumento dos textos de 2013, pautados em critérios linguísticos e não ideológicos. O texto 21 corrobora ainda a ideia que já havia sido levantada nos textos 15 e 17, a do caráter conservador, em se tratando da língua, do colunista. Notamos uma possível contradição, visto que nos textos anteriores, ao mostrar algum conhecimento linguístico para defender seu ponto de vista, Hélio argumentava que deixaria de usar a lexia “homossexualismo/” por um ato de “cortesia”, desde

que o argumento central da substituição não estivesse baseada no valor negativo de -ISMO (texto 15). Se comparado com o texto 15, vemos que no texto 21 ele não manteve o que havia afirmado, pois seguiu usando arbitrariamente ambas lexias, sem entrar mais no mérito ideológico da discussão, o que revela seu descaso ou desinteresse pela reivindicação existente por parte de grupos e coletivos.

Alguns pontos podem ser levantados sobre a postura do colunista, em primeiro lugar, é possível pensar que Schwartzman se contradisse, pois aparentemente não estava muito disposto a mudar sua ideologia linguística. Podemos imaginar, também, que Hélió, quando escreveu o texto 15, já tinha sua concepção decidida sobre o debate da substituição da lexia, mas por uma possível questão editorial e politicamente correta, escreveu argumentando sobre o porquê de não acatar rapidamente a reivindicação da troca sufixal, talvez o colunista tenha lançado mão dos argumentos linguísticos, citando até mesmo a língua grega para “enriquecer” seu ponto de vista, apenas como uma estratégia para esconder o que ele, de fato, pensava “não se deve mexer na língua para consertar problemas sociais”. Mesmo não sabendo objetivamente o que pensava o colunista, é imperativo afirmar que da publicação do texto 15 até a do 21 se passaram três anos (2013-2016) e Schwartzman demonstra não ter mudado nada sobre sua visão sobre o tema da troca das lexias “homossexualismo” e “homossexualidade”, tampouco sua perspectiva sobre a língua.

O texto 22, de 2017, é sobre uma matéria apresentada na emissora Globo sobre diferenças de gênero, no programa Globo Repórter. O problema suscitado na matéria é que o programa fez uso da lexia “homossexualismo” em vez de usar “homossexualidade”, fato que foi percebido pelos telespectadores e que gerou muita polêmica, sendo indicado por eles como um “tropeço” da emissora ou da produção do programa. A priori, é possível notar como o autor do texto lida com a vocábulo “homossexualismo”, usando o argumento da patologia, como na maioria dos textos que defendem a substituição.

(22) *O termo “**homossexualismo**” há muito foi abolido do vocabulário que busca justamente respeito às diferenças, já que “ismo” remete a doença, patologia. O mais adequado seria “**homossexualidade**”, bem mais adotado hoje em dia. (FSP, 22, 2017)*

Diferentemente dos textos 19 e 20, aqui observamos um posicionamento ideológico e claro a respeito do uso da lexia em um meio de comunicação, embora ainda calcado no argumento linguístico e não ideológico para defendê-la..

Os fragmentos apresentados nos excertos a seguir ainda são indicados como 22, porque resultam do debate por parte dos leitores na seção de “comentários” sobre a notícia que trata do equívoco do Globo Repórter. A seção de “comentários” é outra ferramenta de interação presente no ciberjornal que se diferencia do jornal impresso, pois permite a interação com o leitor no mesmo espaço de circulação da notícia. Vejamos os comentários:

*Preciosismo idiota. Se o sufixo "ismo" se referisse apenas a doenças, teríamos muitas novas como jornalismo, automobilismo, hipismo e por aí vai. Respeito não se ganha querendo proibir uma palavra que está correta como se errada fosse, de acordo com interesses pessoais ou de um grupo, não. [...]*  
**Homossexualismo, homossexualidade**, dá no mesmo. (FSP, 22, 2017)

No excerto anterior notamos que, na mesma perspectiva de Schwartzman, o locutor desconhece, ou não julga pertinente, a diferença ideológica que permeia o uso dos sufixos. O mesmo ocorre na sequência da argumentação a seguir:

**Homossexualismo e homossexualidade** são SINÔNIMOS. Leia no dicionário se há menção de um referir-se a doença e o outro não. O seu entendimento joga a palavra como ofensiva, não inventa moda, não. (FSP, 22, 2017)

É interessante notar, no excerto anterior, que o dicionário é usado no argumento como reforço de autoridade. À primeira vista, é um argumento interessante, pois, no nosso *corpus*, é inédito. Contudo, é possível notar a ideologia da autoridade do dicionário sendo evocada pelo locutor, uma vez que para ele o que está no dicionário é a verdade absoluta e irrefutável. É sabido que o dicionário, enquanto uma obra lexicográfica, cuja principal finalidade é a de ser um repositório das palavras de uma comunidade, em um determinado tempo. O dicionário acompanha a evolução da língua (social, cultural, lexical, etc.), então não é uma entidade irrefutável e intocável, já que sempre estará sendo atualizado para acompanhar a língua, embora seja considerado assim pelo senso comum. Outro fato é que há muitos dicionários (*on-line* e impressos), com características diferentes, alguns mais atualizados, especialmente os *on-line*, pois a parte física não é um problema, e outros um pouco menos atualizados, como os impressos, que carecem de espaço para fazer atualizações corriqueiras e, então, são atualizados nas edições seguintes, o que pode levar algum tempo a ser realizado e fazer com que alguma palavra (ou definição) esteja um pouco “desatualizada”. A discussão sobre a questão lexicográfica, embora não seja foco do presente trabalho, será retomada posteriormente, na parte final desta seção, pois evoca questionamentos sobre a suposta neutralidade das obras

lexicográficas e da posição que lexicógrafos ocupam como sujeitos sociais permeados e condicionados ideologicamente, bem como os critérios editoriais que transitam em seu processo de elaboração.

No próximo comentário, ainda sobre o texto 22, o leitor explana a discussão para um entorno histórico e social e, portanto, direciona a discussão para um ponto de vista mais ideológico:

*não estou falando gramaticamente (sic) e sim historicamente e culturalmente...o uso de **homossexualismo** era usado pela psicologia para remeter a uma doença. Gramaticalmente não é errado seu uso mas remete a algo que não existe mais: a ideia de que homossexuais são pessoas com algum tipo de transtorno, quando já se sabe que não é. Não se fala **heterossexualismo**<sup>3</sup>. (FSP, 22, 2017)*

A indisposição criada pelos leitores nos posicionamentos reflete diferentes vieses nos quais se pautam suas argumentações, transitando entre o linguístico e o ideológico, esse segundo marcado pelo ponto de vista histórico e social em torno do fenômeno, sendo que alguns usam a gramática para reforçar seu argumento, mas não consideram o caráter sócio-histórico da questão.

O texto 23 do colunista da Folha de S. Paulo Tony Goes expressa sua reação e apresenta seus comentários a respeito de uma entrevista realizada com a cantora evangélica Aline Barros pela emissora Rede TV. Na mesma perspectiva do evangélico Crivella, texto apresentado anteriormente (texto 19), algumas perguntas foram feitas à cantora sobre os homossexuais às quais Aline Barros responde que “tem contato com vários, mas não concorda”. Tony Goes demonstra seu desconforto com a resposta da cantora gospel durante seu texto, chamando-a de homofóbica.

*(23) O fato é que a cantora não disse absolutamente nada de novo. Muitas celebridades e políticos, ligados ou não à religião evangélica, deram para dizer que “não concordam” com a **homossexualidade** (isto quando não usam o termo errado, “**homossexualismo**”, que remete a doença). (FSP, 23, 2018)*

Seguindo a mesma perspectiva do texto 22, é possível notar que as mídias já se posicionam mais diretamente sobre a polêmica da substituição. No caso de Tony Goes, o tema nem estava pautado diretamente, mas ele resgatou para reforçar seu posicionamento, o que evidencia que nos últimos anos a ideologia que perpassa a substituição já estava mais

---

<sup>3</sup> Uso do negrito é do autor da notícia. Pode-se entender que o recurso foi usado para reforçar seu argumento.

cristalizada, como já havia sido levantado no texto 22, de 2017. Ao se posicionar a favor da lexia “homossexualidade” e contra “homossexualismo”, o colunista aparenta defender a causa dos homossexuais e, também, conhecer os valores ideológicos intrínsecos nas lexias citadas.

O texto 24 é sobre um dos manuais de uso, o Manual de Comunicação LGBTI+ já apresentado na fundamentação teórica, na seção 2.3.3. Como vimos, os “manuais de uso” são ferramentas contendo indicações para as mudanças lexicais em razão de palavras que têm um tom pejorativo e ofensivo para alguns grupos, sobretudo, as minorias. É importante ter aclarado que os manuais de uso não são equivalentes aos manuais de estilo e redação de um jornal, pois a função deste é padronizar, muitas vezes por regras, seu editorial, já o manual de uso, por sua vez, está mais no nível de sugestões de uso, por meio de reivindicações pautadas no caráter ideológico e identitário.

(24) **Homossexualismo.** *O travesti. Opção sexual. Essas expressões podem parecer inofensivas, mas carregam décadas de desinformação que só colaboram para formular conclusões erradas sobre a sexualidade e cujo efeito imediato é a disseminação da homofobia. As versões corretas das palavras são “homossexualidade”, porque o sufixo ismo é geralmente vinculado a doença e ideologia; “a” travesti, em vez do artigo no masculino, porque a identidade é feminina; e “orientação sexual”, pelo simples fato de uma pessoa não optar por sua sexualidade, porque ela é nata. (FSP, 24, 2018)*

Mais uma vez é possível ver o viés social, histórico e cultural sendo usado para defender o ponto de vista. Nesse caso, pela natureza da proposta do manual, fica evidente que o argumento no qual se pauta a troca é de cunho ideológico para propor e defender uma mudança que, a princípio pode parecer apenas linguística. É possível notar que, mesmo o cerne do argumento sendo ideológico, o locutor se mostra consciente do viés linguístico, já que manuseia a lexia “sufixos” e usa o advérbio de modo “geralmente”, isto é, o locutor sabe que o argumento ideológico não está isolado, mas demonstra sua preferência pelo viés ideológico, uma vez que, como já mencionado, a finalidade dos Manuais de uso “correto” da língua é desconstruir e repensar algumas lexias, a partir de reivindicações de grupos sociais e minorias.

O texto 25 também foi escrito pelo colunista Tony Goes, o mesmo autor do texto FSP, 23, 2018. Goes, ao falar sobre a orientação sexual do cantor Lulu Santos, analisa alguns discursos homofóbicos.

(25) *Ninguém quer ser tachado de homofóbico. Nem mesmo quem expressa claramente sua intolerância aos homossexuais. Os preconceituosos tentam se disfarçar usando frases como “não*

*concordo com a prática do **homossexualismo** (sic)”, ou a já clássica “tenho até amigos gays”.* (FSP, 25, 2018)

Uma possível consolidação da ideologia da substituição pautada pelo viés ideológico presente no *corpus* analisado, que apresentou maior frequência à medida que entramos na segunda década do século XXI, é evidenciada, ainda mais, com o uso do recurso (sic) pelo jornalista. Tony Goes não apenas se posiciona taxando o uso da lexia “homossexualismo” como preconceituoso. A expressão latina *sic erat scriptum*, traduzida ao pé da letra como "assim estava escrito", é usada no jornalismo como (sic) para marcar que a citação incorreta está igual do texto de origem, aclarando para o leitor que quaisquer eventuais desvios gramaticais, ortográficos e uso arcaico de linguagem, não tem relação com o autor do texto, e sim com a fonte citada, sendo, portanto, de sua responsabilidade. Tony, ao marcar (sic) em homossexualismo assevera seu posicionamento de que considera o uso inadequado e que deve ser evitado.

O texto 26 é o último do nosso *corpus*. Trata-se de uma notícia sobre uma escola cristã adventista em Belém (PA) que, ao propor aos estudantes questões como "Como evitar o homossexualismo?", "A pessoa nasce ou se torna homossexual?", "A Bíblia condena a relação homossexual?", "Homossexualismo tem perdão?", fez uso da lexia “homossexualismo”. A jornalista, autora da notícia, Anna Virginia Balloussier, se posiciona, ainda que de uma forma mais branda que nos anos de 2017 e 2018, citando que grupos LGBTQIA+ defendem o uso de “homossexualidade” e pauta sua argumentação no tom pejorativo que a unidade lexical homossexualismo contém. Veja abaixo:

(26) *A avaliação proposta pelo colégio paraense usa o termo “**homossexualismo**”, que grupos LGBT+ refutam por carregar em si uma conotação pejorativa de doença para se referir à **homossexualidade**.* (FSP, 26, 2019)

Após percorrer cronologicamente textos que dataram do ano 2000 até 2019 que continham as unidades lexicais “homossexualismo” e “homossexualidade” e analisar também as notícias a fim de observar como essas unidades lexicais se atrelavam aos discursos que as continham, pudemos tecer algumas considerações que traremos a seguir. As duas lexias seguem sendo usadas e estão em disputas pelos falantes, por diferentes vieses, sobretudo o ideológico X o linguístico.

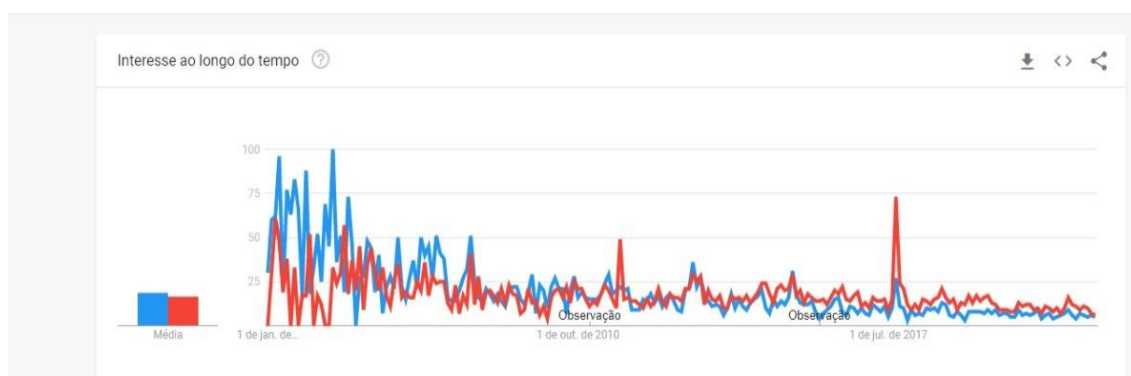
Também é possível pensar que o debate está tomando maiores proporções, visto que os coletivos estão se fortalecendo e isso reflete na mídia, colocando a discussão cada vez mais

presente. Não apenas no texto jornalístico, mas também nas redes sociais, o que contribui para que as pautas sociais de transformações e reivindicações estejam cada vez mais nos canais midiáticos. Em se tratando da internet, nas diferentes plataformas e redes sociais, as reivindicações feitas por grupos sociais e minorias têm alcançado os falantes e é mais debatida, se comparamos com os anos anteriores, em que a internet não era tão acessível a todos.

Para situar o debate de “homossexualismo” x “homossexualidade”, buscamos ambas lexias na ferramenta padrão do site Google, o resultado foi que “homossexualismo” tem trezentos e cinco mil resultados e “homossexualidade” tem três milhões quinhentos e cinquenta e dois resultados.

Utilizando ainda outra ferramenta do Google, o Google Trends, cuja principal função é mostrar a quantidade de vezes que uma palavra foi pesquisada no Google e em quais anos, apresentamos a seguir o gráfico em que o eixo horizontal representa o ano e o vertical representa o volume de buscas. Além disso, é importante ressaltar que a ferramenta disponibiliza dados somente a partir de 2004.

Gráfico 1 – Buscas no Google Trends das lexias “homossexualismo” e “homossexualidade”



**Fonte:** Google Trends. Disponível em: <https://trends.google.com.br/>. Acesso em: 08 de janeiro de 2022

O gráfico 1 compara as pesquisas de homossexualismo (azul) com homossexualidade (vermelha), de 2004 até 2022. Vale ressaltar que o gráfico não diz respeito sobre o uso das lexias, mas sim, de quantas vezes elas foram pesquisadas na ferramenta do Google. É notório que no começo do século 21 a lexia “homossexualismo” foi muito mais pesquisada, após alguns anos as lexias tiveram um equilíbrio. Em 2017 houve um pico de pesquisas de “homossexualidade”, o que pode estar relacionado com algum momento forte de reivindicações na sociedade, além da onda do politicamente correto. Logo depois desse pico, as lexias se equilibraram, com “homossexualidade” sendo ligeiramente mais pesquisada.

Como último exemplo do debate das substituições fora do entorno da Folha de S. Paulo, mostraremos alguns excertos da notícia intitulada “Homossexualismo ou Homossexualidade?”, escrita pelo colunista Sérgio Rodrigues, em julho de 2020.

*Não, a palavra **homossexualismo**, ao longo da história, não ficou presa a essa primeira acepção. O sufixo de origem grega ‘ismo’, além de denotar “condição patológica”, é o mesmo que usamos para indicar “doutrina, escola, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso”; “ato, prática ou resultado”; “peculiaridade”; “ação, conduta, hábito, ou qualidade característica” (Aurélio). Como se vê, o termo homossexualismo pode soar inocente e até positivo, como turismo, patriotismo, lirismo, escotismo etc. o que dizer das conotações negativas de ruindade, fealdade, crueldade, calamidade, orfandade – “parentes” sufixais de **homossexualidade**? Naturalmente, os adversários do uso de “**homossexualismo**” argumentam que nada disso importa, pois o que está em questão é uma luta simbólica. Ao transformar a palavra em ícone de tudo o que é preconceituoso e opressivo contra os gays, tomando-a ao pé da letra de seu pecado original, provoca-se um estranhamento que desperta consciências. Se, em vez de **homossexualidade**, o vocábulo proposto para seu lugar fosse “maracujá”, o efeito seria o mesmo. Para não mencionar que, sendo **homossexualismo** um termo típico do Brasil, pouco usado em Portugal, há quem imagine que só por isso já deve ter algum problema...*

A notícia está disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/homossexualismo-ou-homossexualidade/>.

Há diversos pontos para analisar nos excertos supracitados, a começar pela data, julho de 2020. Nosso *corpus* da Folha de S. Paulo acaba em 2019, o fato de 2020 ainda haver debates na mídia sobre o tema da substituição de “homossexualismo” por “homossexualidade”, reitera a ideia de que os fenômenos sociais se manifestam na língua e podem propor mudanças. É muito provável que o debate sobre a substituição das lexias se manterá por mais algum tempo, até que os falantes “resolvam” usar apenas uma das lexias, o que poderia indicar, por todos os fatores sociais e ideológicos e também pela frequência, que seria “homossexualidade” a lexia que sobreviveria a esse processo social e linguístico, entretanto, apenas será possível afirmar tal análise quando uma das lexias, de fato, seja cristalizada e a outra caia em completo desuso, o que poderia tardar centenas de anos. Além disso, Rodrigues também cita uma passagem do dicionário Aurélio para defender seu ponto de vista, do mesmo modo que o locutor do texto 22 fez, o colunista da Veja usou o dicionário como um argumento de autoridade como “se está no dicionário está certo”, sem problematizar as definições e (des)atualizações que afetam o

dicionário, sobretudo a versão impressa, como já debatido na análise do texto 22, da Folha de S. Paulo.

Outro fato incitador é encontrar reunidos no texto de 2020 vários argumentos que foram encontrados no *corpus* da Folha de S. Paulo. No primeiro excerto, Rodrigues lança mão da etimologia para defender que o sufixo –ISMO não remete apenas às doenças, isto é, segue a mesma estratégia argumentativa que Hélio Schwartsman, aparentando possuir o mesmo desconhecimento sobre a polissemia dos sufixos

No segundo excerto, ao afirmar que no lugar de “homossexualidade” poderia ser a lexia “maracujá” e o efeito continuaria o mesmo, o jornalista esboça um argumento pela arbitrariedade dos signos, de Saussure, no entanto, o argumento é insustentável. A lexia “homossexualidade” não está sendo proposta de maneira arbitrária, como afirmou Rodrigues, mas sim, por meio de uma motivação com a lexia “homossexualismo” e de argumentos de cunho ideológicos.

Após fazer uma análise em outros meios que não fossem o nosso *corpus* (Folha de S. Paulo), notamos que o debate sobre a discussão da possível troca das lexias seguem em curso. Comparando as frequências de uso das lexias no *corpus* e a da ferramenta Google Trends, é possível ensejar uma análise de que quantitativamente, a lexia “homossexualidade” está ganhando força, gradual e lentamente, quando comparada com “homossexualismo”. A notícia da Veja de 2020, corrobora a ideia de que os fenômenos sociais incidem na língua e que, no caso do atual trabalho, o debate sobre a substituição de “homossexualismo” por “homossexualidade”, o processo ainda está em curso e que ele não é explorado apenas pela Folha de S. Paulo, mas também por outros meios midiáticos.

Para finalizar a seção de análise, decidimos propor novas definições para as lexias, partindo do nosso *corpus*, pensamos em definições que sejam consideradas “politicamente corretas”

Há algum tempo discussões foram feitas sobre a reivindicação de grupos sociais para algumas definições de lexias, por exemplo “cigano” e “professora”. Ambas as lexias continham em suas acepções definições que não agradavam grupos sociais. Por meio de reivindicações, as definições foram atualizadas nos dicionários. A princípio, na versão on-line e, depois, nos impressos.

O dicionário deve marcar a língua em uso pelos falantes de uma determinada comunidade e tempo histórico, logo, deve sempre estar em mudanças e atualizações, bem como a própria língua. De forma semelhante ao que ocorreu com as lexias “professora” e “cigano”, vamos propor uma possível definição que reflita os questionamentos que incidem sobre as

lexias “homossexualismo” e “homossexualidade”, na contemporaneidade. Para tanto, vamos sugerir, a seguir, uma definição para as lexias, levando em conta todo o trajeto de ambas na história da língua e do nosso *corpus*.

Para Guerra (p. 131, 2003) “a acepção é o sentido consolidado pelo uso e aceito por uma comunidade de falantes, já a definição é a expressão por meio da qual se descreve um sentido”

Ainda para Guerra (2003) as definições são as principais questões do lexicógrafo, porque, além das imposições editoriais, sistematicidade e coerência, cabe ao lexicógrafo os desafios de não usar a unidade lexical na sua própria definição, não transparecer ideologia na definição e fazer com que as definições participem das características da sua época, por meio de palavras codificadas simples, claras e objetivas.

A autora cita alguns outros estudiosos para tecer algumas considerações sobre a dificuldade de não haver ideologia no dicionário, já que o produto final passa por critérios e normas editoriais, por pessoas que o editam e é pensado no seu possível público-alvo, isto é, consciente ou inconscientemente, deixará transparecer as ideologias dos sujeitos envolvidos nesses processos.

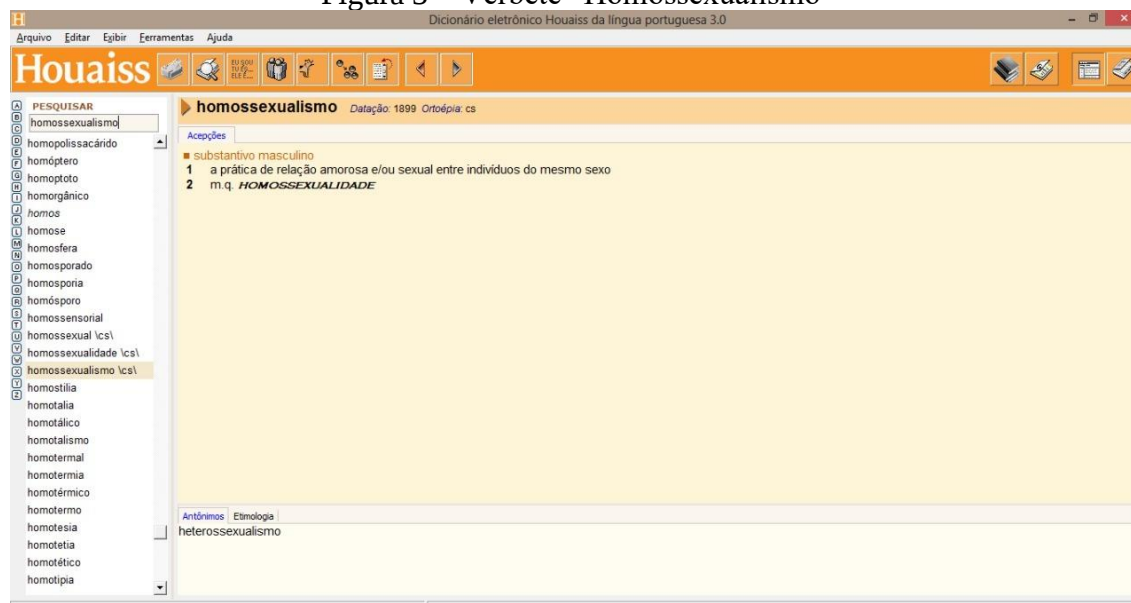
Definitivamente, o dicionário é tudo menos uma obra neutra, pelo que ao lexicógrafo só lhe resta mitigar, pelo menos em parte, esta falta de objetividade a opção de tentar ser respeitoso e tolerante com os demais e, especialmente, deve ser consciente da sua posição de intermédio entre língua e sociedade porque, qualquer que seja sua decisão, nunca será irrelevante, visto que o dicionário, como objeto mítico de cultura, legisla, consagra: o dicionário segue sendo, para muitos usuários, o livro que sabe tudo e nunca erra. (RIVERO ORTIZ, 1999, p. 615 apud, GUERRA, 2003, p. 134)<sup>4</sup>

A seguir, proporemos definições para as lexias “homossexualidade” e “homossexualismo”. Usaremos os verbetes do dicionário Houaiss, mais especificamente da versão *online*. Escolhemos o dicionário Houaiss em virtude da sua magnitude e importância para os dicionários brasileiros

---

<sup>4</sup> “*en definitiva, el diccionario es todo menos una obra neutral, por lo que al lexicografo solo le queda para paliar, al menos en parte, esta falta de objetividad la opción de intentar ser respetuoso y tolerante con los demás. y, sobre todo, ha de ser consciente de su posición de intermediario entre la lengua y la sociedad; porque, sea cual sea su decisión nunca será irrelevante, puesto que el diccionario, como objeto mítico de cultura, legisla, consagra: el diccionario sigue siendo, para muchos de sus usuarios, el libro que lo sabe todo y que nunca se equivoca*”.

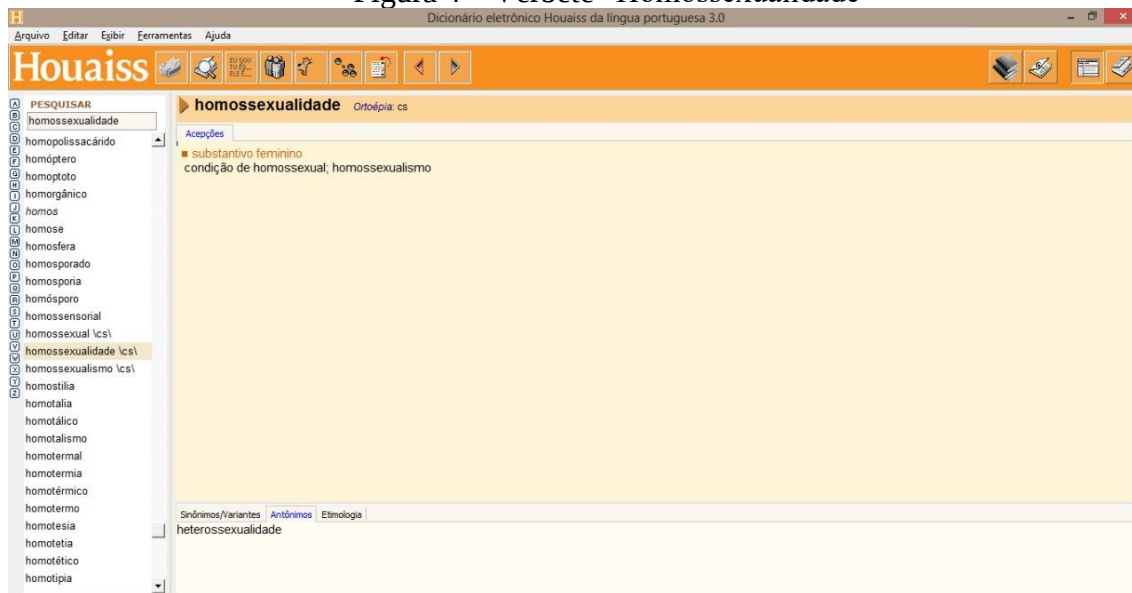
Figura 3 – Verbetes “Homossexualismo”



Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss

**Homossexualismo** s.m. [pejorativo] Prática de relação amorosa ou sexual entre pessoas do mesmo sexo e gênero. Termo em desuso, uma vez que, para alguns grupos sociais relaciona-se a doenças ou patologias. Atualmente, recomenda-se o uso do termo *homossexualidade* ou *homoafetividade*. V. **Homossexualidade**.

Figura 4 – Verbetes “Homossexualidade”



Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss

**Homossexualidade** s.f. Atração amorosa ou sexual entre pessoas do mesmo sexo e gênero. Palavra recomendada por grupos sociais, devido a seu caráter mais politizado. V. **Homossexualismo**.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste trabalho, analisar o processo de mudança ou substituição de duas unidades lexicais que entraram em concorrência no final do século XX e permanecem ainda em competição: as lexias homossexualismo e homossexualidade. Procuramos evidenciar, primeiramente, os fenômenos que motivaram tais mudanças, na nossa perspectiva, de natureza ideológica, porém fundamentados em argumentos não só de caráter político, histórico e social, mas também linguístico (pautados no suposto valor etimológico presente na sufixação -ismo/-dade). O cerne do atual trabalho, foi, então, investigar em quais argumentos se pautaram as ideologias linguísticas usadas para defender a substituição (ou não) do sufixo -ISMO pelo -DADE, tendo como *corpus* textos jornalísticos do jornal Folha de S. Paulo.

Para tecer essa discussão, julgamos pertinente delimitar nosso objeto de estudo, o léxico, e sua relação com os aspectos discursivos e identitários que o situam no nível da representação simbólica. Também discutimos a complexidade do conceito de ideologia para focarmos um fenômeno de grande incidência na atualidade: as ideologias linguísticas decorrentes do processo de correção política presentes em diferentes contextos, nacionais e internacionais, e que se manifestam com destaque na mídia digital.

Para realizar um recorte de análise, recolhemos dados de um *corpus* elaborado a partir de 26 textos do jornal Folha de S. Paulo, que apresentou elementos importantes que ilustraram e suscitaram nossa reflexão, além de identificar também outros fenômenos de difusão das ideologias linguísticas, como manuais e sites institucionais que se valeram dos argumentos citados para referenciar suas sugestões de “uso correto da linguagem” e reivindicar uma posição de representação positiva a respeito de grupos minoritários, mais especificamente acerca da identidade homossexual no Brasil.

Língua e sociedade formam um processo retroalimentado e, muitas vezes, os fenômenos linguísticos e sociais se entrelaçam, isto é, tais fenômenos podem incidir um sobre o outro, do social para o linguístico ou vice-versa. Nesse eventual encontro, muitas pautas sociais e linguísticas nascem a fim de ressignificar e discutir temas que já eram vistos como naturalizados na sociedade. O advento da internet, na sociedade contemporânea, contribuiu para que tais pautas, as quais podem ser entendidas também como reivindicações, ganhassem mais força, velocidade e alcance.

São muitas as reivindicações que estão sendo proposta no âmbito linguístico na atualidade, o presente trabalho centrou-se nas pautas do grupo LGBTQIA+, mais precisamente na substituição da lexia “homossexualismo” por “homossexualidade. O encabeçamento de tal

pauta ocorreu em virtude da onda do politicamente correto, a qual teve origem nos Estados Unidos e, posteriormente, foi se disseminando para os outros países.

Alguns grupos sociais defendiam a substituição de –ISMO por –DADE, pautados no argumento da despatologização, asseverando que o sufixo –ISMO conota um sentido doentio, e que o sufixo –DADE seria “neutro”. Tal argumento se mostra totalmente sustentado no cunho ideológico e identitário da língua, uma vez que, a partir de pesquisas nas gramáticas e dicionários da língua portuguesa, ficou evidente que o sufixo –ISMO denota muitos outros sentidos além do “negativo”, bem como o –DADE também denota, em algumas lexias, um sentido “negativo” e não apenas “neutro” como foi defendido.

Em se tratando da substituição e seus argumentos, evidenciou-se um entrave entre o viés ideológico contra o viés linguístico, em que um grupo lançava mão de argumentos ideológicos para defender sua identidade e o outro argumentava a favor do funcionamento da língua como sistema.

Elucidando tal discussão para o tema do presente trabalho, foi possível notar um entrave entre o cunho ideológico e o linguístico da linguagem, uma vez que as conotações negativas e pejorativas não estariam relacionadas, diretamente, com a lexia em si, mas, sim, com o discurso do qual ela faz parte. Pensando no exemplo de “homossexualismo”, a lexia só seria homofóbica, por fazer parte de um discurso recorrentemente homofóbico. Nem todos os usos de “homossexualismo” serão genuinamente homofóbicos, pois é possível, que “homossexualismo” seja usado sem conotação homofóbica, sem o falante sequer saber da discussão de –ISMO e –DADE. O peso negativo que é dado para determinadas lexias seria fruto, na verdade, do discurso no qual ela está inserida.

A partir de uma análise do presente trabalho, foi possível entender o jornal Folha de S. Paulo como um jornal diversificado, pois no que se refere à temática central, o jornal possibilitou que diversos grupos e ideologias se manifestassem.

Sugestões para contribuições futuras – comparações em nível continental – ou estudos que busquem entender o mesmo fenômeno com o viés comparativo com outras línguas e culturas, uma vez que a língua, na atualidade, demonstra uma gama de possibilidades de pesquisas, como por exemplo, a relação com o âmbito político, histórico e social, os quais estruturaram esta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ABGLT. **Manual de comunicação LGBT**. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- ALIANÇA NACIONAL LGBT. **Manual de comunicação LGBTI+**. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- ANTUNES, I. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BASILIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- BASTOS, H. **A diluição do jornalismo no ciberjornalismo**. 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-2013-a-diluicao-do-jornalismo-no-ciberjornalismo.pdf>. Acesso em 25 jan. 2020
- BATISTA, R. O. **Palavra e a sentença: estudo introdutório**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. **Filologia e Linguística Portuguesa: dimensões da palavra**. São Paulo: UNESP, 1998.
- BIDERMAN, M. T. C. **Léxico e vocabulário fundamental**. Alfa. São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. Martins Fontes, 2001.
- BORBA, F. S. **Léxico e herança social**. In: MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A. (Org.). Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito. 1. ed. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2006, v. 10, p. 81-96.
- BORGES, C. C.; ROCHA-COUTINHO, M. L. **Sentidos para a homossexualidade**. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.) **Discurso e (des)igualdade social**. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015, 179-199.
- CALERO VAQUERA, M. L. **Sobre el concepto de ‘ideología’ y su repercusión en la epistemología lingüística**. Circula: Revue d’Idéologies linguistiques, 8, p. 6-29, 2010. Disponível em: <https://savoirs.usherbrooke.ca/handle/11143/15549>
- CANAVILHAS, J. M. **WEBJORNALISMO: Considerações gerais sobre jornalismo na web**. 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020
- CHARAUDEAU, P. **Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal**. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Org.). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-30.

FIORIN, J. L. **A Linguagem Politicamente Correta**. In: **Linguagem** – Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem, v. 1. São Carlos, Ufscar, p. 1-4, 2008.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual de redação: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país/Folha de S. Paulo**. 22. ed. Barueri, SP: Publifolha, 2021.

GIANASTACIO, V. **A presença do sufixo –ismo nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência dos valores semânticos, a partir do Dicionário da Língua Portuguesa Antônio Houaiss**. 2009. 176 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

GOVERNO DA BAHIA. **Glossário – LGBT**. Disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br/atencao-a-saude/saude-de-todos-nos/saudelgbt/glossario-lgbt/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Manual para o uso não sexista da linguagem**. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod\\_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf). Acesso em: 12 jun. 2020.

HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

GUERRA, A. M. M. **La microestructura do diccionario : la definición**. In: GUERRA, A. M. M. (coord.) **Lexicografía española**. España: Editorial Ariel, S.A., 2003, pp. 127-146

HENRIQUES, C. C. **Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2018.

HETEROSSEXUALISMO. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/homossexualismo/>. Acesso em: 30 set. 2021.

HOUAISS, A. e Villar, M. de S. **Dicionário Houaiss Eletrônico**. Versão 1.0. CD-ROM. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. Editora Contexto, 2002.

LARA, L. F. **Curso de Lexicología**. México D.F.: El Colegio de México, 2006/2015.

LLAMAS SÁIZ, C. **Academia y hablantes frente al sexismo lingüístico: ideologías lingüísticas en la prensa española**. **Circula**: Revue d’Idéologies linguistiques, 1, p. 196-215, 2015. Disponível em: <https://savoirs.usherbrooke.ca/handle/11143/7995>

MORATO, E., & BENTES, A. C. **“O mundo tá chato”: algumas notas sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem**. Revista USP, v. 115, p. 11-28, 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i115p11-28>

NUNES, R. **Notícia digital: em busca de identidade**. 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/nunes-ricardo-noticia-digital.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e Semântica Lexical**: noções fundamentais. São Paulo: Contexto, 2018.

POSSENTI, S. **A Linguagem Politicamente Correta e a Análise do Discurso**. Revista de Estudos da Linguagem, 4 (2). Belo Horizonte, UFMG, p. 23-140, 1995.

QUEIROZ, A. C. **Politicamente correto & Direitos humanos**. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a\\_pdf\\_dht/cartilha\\_politicamente\\_correto.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf_dht/cartilha_politicamente_correto.pdf). Acesso em 10 de jun. 2020

RAJAGOPALAN, K. **Sobre o Porquê de Tanto Ódio Contra a Linguagem “Politicamente Correta”**. In: LOPES DA SILVA, F. L.; MOURA, H. M. M. (Org.). O Direito à Fala – A Questão do Preconceito Linguístico. Florianópolis: Insular, 2000, p. 93-102.

REIS, T. (Org.) **Manual de Comunicação LGBTQ+**, 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/ GAYS LATINOS, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>

REY-DEBOVE, J. **Léxico e dicionário**. Trad. de Clóvis Barleta de Moraes. Alfa, São Paulo, 28 (supl.): 45-69, 1984.

RODRIGUEZ, J. J. **Comunicación, ética y feminicidio: Contextos de una crisis de representación en la prensa de México**. Cuadernos Intercambio sobre Centroamérica y el Caribe. v. 14, n. 2, p.19-30, out./mar. 2017.

SANDMANN, A. J. **A expressão da pejoratividade**. Revista Letras, v. 38, 1989.

SIMÕES, L. **Estudo semântico e diacrônico do sufixo –dade na língua portuguesa**. 2009. 215 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

SECRETARIA DA JUSTIÇA E CIDADANIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Diversidade sexual e a cidadania LGBTI+**. Disponível em: [http://www.recursos humanos.sp.gov.br/lgbt/cartilha\\_diversidade.pdf](http://www.recursos humanos.sp.gov.br/lgbt/cartilha_diversidade.pdf). Acesso em: 12 jun. 2020.

SOUZA, E. F. R.; GONÇALVES, C. A. V. **Linguística Textual e Morfologia**. In: FRANCISCO DE SOUZA, E.; PENHABEL, E.; CINTRA, M. R. (Org.). Linguística textual - Interfaces e delimitações - Homenagem a Ingedore Grunfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2018, v. 1, p. 144-188.

SWIGGERS, P. **De la ideología de la(s) lengua(s) a la(s) ideología(s) de la linguística**. Circula: Revue d’Idéologies linguistiques, 8, p. 70-101, 2018. Disponível em: <https://savoirs.usherbrooke.ca/handle/11143/15552>

THOMPSON, JHON B. **Ideologia e Cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Trad. Rodolfo Ilari. 3a ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do português. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. . **Discurso, notícia e ideología**: estudos na Análise Crítica do Discurso. Porto: Campos da Letras, 2005/1995.

VAN DIJK, T. **Ideologia y análisis del discurso**. Utopia y Praxis Latinoamericana, v. 10, n. 29, p. 9-36 abr./jun., 2005. Disponível em: <https://redalyc.org/articulo.oa?id=27910292>

ZAVAGLIA, C. **Metodologia em Ciências da Linguagem: Lexicografia**. In: Adair Vieira Gonçalves; Marcos Lúcio de Sousa Góis. (Org.). Ciências da Linguagem: O fazer científico. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 231-264.

## **ANEXO A – CORPUS RECOLHIDO NO JORNAL FOLHA DE S. PAULO**

### **1 - Revolta geral! Leitores criticam carta de garota que disse que homossexualismo não é normal**

#### **Gay com orgulho**

"A coluna de Rosely Sayão é uma fonte de esclarecimentos para muitos jovens. Várias vezes me surpreendi com algo que ela disse e que eu pensava ser de outra forma. Mas o legal é a intimidade e simpatia das respostas, sempre em tom descontraído, sem deixar de lado a seriedade. Quando aborda temas com os quais me identifico, como homossexualidade, ela tem o dom de tornar a coisa menos dramática. Confesso que, lendo suas colunas na minha fase teen (hoje tenho 21), comecei a perceber que era alguém como outro qualquer, que não deveria me sentir culpado, que não deveria esperar por uma "cura" e que até tinha outras qualidades por ser um cara gay. Rosely me fez ter orgulho daquilo que eu temia e me condenava por ser. Portanto cartas como a dessa jovem (ed. de 10/4) só reforçam a idéia de que alguns se movimentam contra algo que não conhecem ou não gostam simplesmente por uma fobia incompreensível. Aqui vai meu último recado: continuem publicando colunas e matérias sobre o tema. Afinal, existem milhares de leitores que também se sentirão lembrados e confortados ao se reconhecer no Folhateen. Obrigado, Rosely e Folhateen, por terem me ajudado a superar crises e encanações tão difíceis de resolver. Meu e-mail é okboy@bol.com.br.

Joel Smith, 21 (via e-mail)

#### **Abaixo o preconceito**

"Quero dizer a Priscila (ed. de 10/ 4) que ser gay (ou não) não torna ninguém melhor ou pior. A diversidade sexual só mostra que há várias formas de vivenciar a sexualidade. Priscila, por acaso você escolheu ter nascido mulher? Se é que você é mulher... A sua carta deixa claro somente um fato: quem tem "deturpação grave" é você. E sua deturpação não é só sexual, mas principalmente moral, e se chama ignorância."

Daniela Berwanger (via e-mail)

#### **Quem ela pensa que é?**

"Gostaria de registrar minha indignação com a carta de Priscila Ferreira (ed. de 10/4), que disse que "homossexualismo não é uma opção sexual do indivíduo e, sim, uma deturpação grave da sexualidade". Quem essa garota pensa que é, para julgar uma questão tão pessoal do ser

humano? Mais: como dizer, hoje, com tanta informação, que o normal para o homem é gostar de mulher? Talvez ela devesse rever os conceitos que a fizeram escrever tal afirmação, já que o tal "problema grave" discutido deve ser o preconceito que ela carrega. Até ela se resolver, a única perplexidade é a atitude dela."

Danielle Leonel Sanches, 17 (Osasco, SP)

### **Digna de pena**

"É impressionante que, no ano 2000, ainda existam pessoas como Priscila Ferreira (ed. de 10/4), com opiniões infelizes e arcaicas sobre homossexualidade. É digna de pena. Está mais do que provado que a atração entre duas pessoas do mesmo sexo não se dá por uma "deturpação da sexualidade" ou por medo do sexo oposto. A coisa é bem mais complicada, tanto que merece atenção de muitos ramos da ciência. A leitora deveria se informar melhor ou ler um pouco mais jornal, assim não sairia falando asneiras, comprometendo o seu nome. Uma pessoa como essa não pode ser levada a sério. Um abraço para todo o público GLS do Brasil."

Marcos Ribeiro (Campinas, SP)

### **O que é certo e errado?**

Primeiro, gostaria de parabenizá-los pela reportagem sobre animes. Afinal, me tornei uma "otaku" aos 8 anos, assistindo "Macross", "Honey Honey" e "Zillion". Acho que a matéria poderia ter sido mais completa. Escrevo também para protestar contra uma leitorazinha que teve seu e-mail publicado (ed. de 10/4). Ela xinga a doutora Rosely Sayão e classifica o homossexualismo como "deturpação sexual"(!?!). Isso só prova que somos educados para engolir tudo que nos foi predeterminado, sem parar para pensar no que é "certo ou errado". O que é certo e errado, afinal? Ser gay é errado por quê?? Como você pode determinar o que é melhor para outro ser humano?!? Que droga de país!"

Camila Eleutério, 15 (Santos, SP)

### **Não escolhi ser gay**

"Quanto ao e-mail de Priscila Ferreira (ed. de 10/4), concordo com ela quando diz que "homossexualismo não é uma opção sexual do indivíduo". Eu não optei por ser gay, assim como, acredito, a leitora em questão não optou por ser heterossexual. Todavia, eu optei, isso sim, por não reprimir ou discriminar a mim mesmo. Optei por não ter minha humanidade deturpada pelo preconceito e pela ignorância."

Marcus Avelar (São Paulo, SP)

### **Cadê "Dawson's Creek"?**

"Parece brincadeira o que a Rede Globo faz com os telespectadores. Há cinco semanas, começou a passar "Dawson's Creek". Gostei muito e passei a assistir todo sábado. Agora, li no jornal que não vão mais passá-lo e vão pôr o "Caldeirão do Huck" no lugar. Tudo bem, gostei do novo programa, mas precisava tirar o seriado do ar?"

Vitor Detomini (Guararapes, SP)

### **Quero poesia**

Li e apoiei a posição de Fernando Augusto (ed. de 3/4) de reivindicar um espaço para a poesia. Já que o Folhateen mencionou Carlos Drummond de Andrade em matéria sobre sensibilidade, que tal publicar "Consolo na Praia", do poeta? Apóio também um espaço para jovens poetas."

Rodrigo Arruda (via e-mail)

### **Falo inglês, sim**

"Li a coluna "Escuta Aqui" (ed. de 10/4) e não concordo quando diz "pode apostar que aquele seu amigo que bota banca porque julga ter um bom inglês não seria capaz de perguntar onde passa o ônibus 42 em Londres". Faço inglês na Cultura Inglesa, estive na Austrália e me virei muito bem, falando fluentemente e entendendo o que todos diziam. Apesar de saber que a maioria dos brasileiros não sabe falar inglês mesmo, a generalização foi excessiva. Meu e-mail é queen.beagle@thepetvine.com.

Regina G. José (via e-mail)

## **2 - Só 35% dos pobres seguem Igreja Católica**

**MARCELO BERABA**

DIRETOR DA SUCURSAL DO RIO

Sinal amarelo para a cúpula da Igreja Católica, que se reúne a partir de hoje em Itaici (SP): embora 67% dos adultos brasileiros pobres que moram nas grandes cidades se declarem católicos, apenas 35% fazem profissão de fé em Jesus Cristo, em Maria e nos ensinamentos da igreja e podem ser considerados realmente católicos apostólicos romanos.

Os outros 32%, apesar de se dizerem católicos, professam formas diferenciadas de religiosidade dentro do catolicismo. São os casos dos que se dizem católicos, mas se identificam apenas com Jesus e seus ensinamentos, o que os aproxima dos evangélicos; dos que acreditam apenas em

Deus ou numa força superior, sem vinculação institucional com a igreja; e dos que acreditam num catolicismo sincrético, com influências do espiritismo ou de religiões afro-brasileiras.

Há, portanto, uma diferença muito grande entre os que se declaram católicos e os que realmente seguem as doutrinas do Vaticano. A diferença é ainda maior quando se cruzam os dados de prática religiosa: só 30% dos adultos pobres vão à igreja ao menos uma vez por semana (44% dos que se declaram católicos).

Os dados fazem parte da pesquisa Tendências Atuais do Catolicismo no Brasil, produzida pelo Ceris (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) por solicitação do Instituto Nacional de Pastoral, organismo da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Foram ouvidos 5.218 adultos das classes E (60%), D (31%) e C (9%) em São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife. A pesquisa foi feita entre março e setembro de 99 e só agora está sendo concluída.

O estudo permite dividir a população estudada em três terços: os católicos apostólicos romanos; os que se declaram católicos, mas exercem formas diferenciadas de religiosidade; e os não-católicos (que têm nos evangélicos a maior representação). A última pesquisa oficial sobre religião, realizada pelo IBGE em 1991 durante o Censo, registrou que 83% dos brasileiros se declararam católicos.

### **Adesão**

A pesquisa do Ceris, embora limitada pelo universo pesquisado -adultos pobres-, esmiuça as contradições e diversidades que existem no catolicismo popular.

São Paulo tem o mais alto índice de pessoas que se declaram católicas (75%) e de católicos que comungam integralmente com a igreja (68% dos católicos, o que corresponde a cerca de 51% da população pesquisada).

No Rio, apenas 57% se declaram católicos, e, destes, apenas 56% confirmam a fé nos ensinamentos da igreja, o que significa aproximadamente 32% da população pesquisada. Porto Alegre tem alto índice dos que se declaram católicos (70%), mas baixíssimo de adesão plena aos ensinamentos da igreja (26%).

Em Belo Horizonte, 67% se declaram católicos, mas apenas 39% podem ser chamados de apostólicos romanos. Em Salvador, são, respectivamente, 70% e 30%. Em Recife, 66% e 30%.

### **Moral católica**

A pesquisa mostra ainda uma tendência entre os católicos de buscarem mais autonomia em relação à igreja oficial. Os católicos entrevistados são a favor -e têm, portanto, posição

divergente da Igreja Católica- do uso de métodos contraceptivos no planejamento familiar (73%), do sexo antes do casamento (44%), do divórcio (59%) e da realização de um novo casamento (63%). E concordam com as posições da igreja contrárias ao aborto (72%), à homossexualidade (61%) e ao adultério (80%).

O divórcio entre a Igreja Católica e seus fiéis fica mais patente quando os entrevistados comentam o papel que a instituição deve ter nas suas vidas. Métodos contraceptivos, sexo antes do casamento e divórcio são questões claras para a maioria: a igreja não deveria se envolver ou, no máximo, poderia debater e orientar, mas sem imposição.

Em relação a outros assuntos há uma divisão. É o caso do aborto: 53% acham que a igreja não deveria se envolver (16%) ou poderia orientar, mas sem imposição (37%), contra 37% que acham que ela deve impor sua visão.

O mesmo ocorre em relação à homossexualidade: embora a maioria concorde com o fato de a igreja condenar o homossexualismo, 27% acham que ela não deveria se envolver no assunto, 28%, que poderia orientar sem impor sua conduta, e 33%, que deveria impor sua visão. O adultério repete a divisão: 19% acham que a igreja não deveria se envolver, 31% admitem que ela oriente, mas sem imposição, e 38% concordam que ela imponha sua visão.

### **Casamento de padre**

Há um outro assunto, este mais no âmbito da vida interna da igreja, que divide os católicos entrevistados: o casamento de padres e freiras. O assunto vem provocando, cada vez mais frequentemente, acirradas polêmicas entre padres, bispos e Roma.

Entre os católicos entrevistados, 33% são a favor da liberação do casamento para padres e freiras, 34% são contra, 11% não têm opinião e 17% são indiferentes. Os entrevistados acham, predominantemente, que a igreja não deveria se envolver (23%) ou deveria no máximo orientar, sem imposições (36%). Para 23%, a igreja deve se impor nesse assunto e 18% não souberam se posicionar.

3 - Ambiguidade não é homossexualidade, diz médico

**CLÁUDIA COLLUCCI**

DA REPORTAGEM LOCAL

Em pelo menos 30% dos casos de ambiguidade sexual, os médicos não conseguem diagnosticar as causas do problema mesmo com um minucioso rastreamento clínico. O exame físico inclui avaliações do histórico genético e endócrino, das gônadas e das estruturas dos genitais.

Segundo Durval Damiani, da Sociedade Brasileira de Pediatria, é fundamental que os pais sejam avisados o quanto antes do problema. Para ele, outra questão que deve ser desmistificada é a opção sexual dessa pessoa. "Ambiguidade sexual não tem nada a ver com homossexualismo", afirma.

Ele considera "fundamental" que o diagnóstico seja feito já na maternidade. Segundo ele, muitos pacientes procuram ajuda já adultos, com graves problemas de adequação social. Algumas crianças são criadas como meninos e na verdade são meninas e vice-versa. "O sexo da criação é o que mais pesa. Mas não se pode esquecer a ação dos hormônios."

#### 4 - Homossexualismo é tema de redação (2003)

"A sociedade e a homossexualidade nos dias atuais" foi o tema da redação do vestibular da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), aplicado ontem, também com 35 testes de português e 15 de inglês. Entre os textos que serviam para embasar a dissertação estavam notícias relacionadas ao tema, como a campanha contra a legalização da união civil homossexual. "O tema é bem controverso. Como poderia gerar redações que expressassem preconceitos, é um pouco difícil para o aluno", disse Célia Passoni, do Etapa. Já nos testes de português, Elizabeth Massaranduba, do Objetivo, considerou haver "exageros". Ela citou como exemplo o texto da terceira questão, uma cantiga de escárnio cujo vocabulário era "quase impossível para um aluno de ensino médio". Os testes de inglês tinham textos da área médica. "As perguntas foram pontuais, mas os textos eram muito longos", disse Alahkin de Barros Filho, do Etapa. O exame acaba hoje com 25 questões escritas de conhecimentos específicos. A lista de aprovados será divulgada no dia 3 de fevereiro.

#### 5 - Governo lança programa contra homofobia

**GABRIELA ATHIAS**

da Folha de S.Paulo, em Brasília

O governo federal lançou ontem o programa Brasil sem Homofobia, que tem como principal objetivo combater a violência contra homossexuais. Dez ministérios passam a contar com comissões encarregadas de adaptar as políticas já existentes para atender essa parcela da população.

O ministro Nilmário Miranda (Direitos Humanos) afirmou que a meta mais imediata do programa é reduzir o número de homicídios praticados contra pessoas por elas serem homossexuais.

Dados apresentados pela Secretaria Especial de Direitos Humanos mostram um aumento crescente das denúncias desse tipo de crime nas últimas três décadas. De 1970 a 1979, foram denunciados 41 assassinatos. Entre 1990 e 1999, o número passou para 1.256.

As comissões de inclusão homossexual irão atuar de forma diferenciada nas diversas áreas. No Ministério da Justiça, por exemplo, esse grupo irá capacitar policiais para lidar com travestis que trabalham nas ruas e combater a discriminação e a violência.

Já no Ministério da Saúde, a função do grupo é ampliar as ações de combate às doenças sexualmente transmissíveis e, principalmente, preparar o SUS (Sistema Único de Saúde) para receber os homossexuais.

Na Educação, o governo atuará diretamente sobre os professores para que eles ensinem os alunos a respeitar os homossexuais. Uma pesquisa realizada em 2000 pela Unesco (braço das Nações Unidas para a educação e a cultura) e divulgada em março de 2003 indica que professores e pais de alunos no Brasil tendem a silenciar diante da discriminação contra homossexuais.

Outra pesquisa da Unesco, divulgada anteontem e realizada em 2003, reforça a tese de que o preconceito contra homossexuais está presente nas escolas.

Embora o Conselho Federal de Medicina tenha retirado o homossexualismo da sua relação de doenças em 1985, em Fortaleza (CE), 22% dos professores ainda classificam como patologia esse tipo de comportamento.

Em Florianópolis (SC), cidade que registrou o menor percentual para essa pergunta, 7% dos docentes ainda dizem que a homossexualidade é uma doença. Em São Paulo, o percentual é de 10%.

A cerimônia de lançamento do Brasil sem Homofobia foi marcada pela descontração do ambiente, mas também por gafes. As autoridades bem-vistas pelo movimento gay receberam palmas e até gritos ao serem anunciadas. Vários militantes usaram adereços confeccionados com as cores do arco-íris, símbolo do movimento gay no mundo inteiro.

O secretário-executivo do Ministério da Saúde, Gastão Wagner, ao saudar os militantes, confundiu "transgêneros" (pessoas que mudam de sexo) com "transgênicos" (produtos geneticamente modificados). "Eu queria cumprimentar os gays, as lésbicas e os "transgênicos", disse o ministro.

Wagner, no entanto, logo se desculpou. "Não vou mais falar essa palavra para não errar de novo", disse ele em seguida, tentando corrigir-se.

## **6 - Quem tem medo do politicamente incorreto?**

**LILIA MORITZ SCHWARCZ**

ESPECIAL PARA A FOLHA

Há algum tempo uma polêmica inusitada surgiu nas páginas da imprensa norte-americana. O debate girava em torno do nome da tradicional história infantil, "A Branca de Neve e os Sete Anões". Tomados pela voga do politicamente correto, alguns críticos reclamaram da nomenclatura "sete anões" e acabaram por propor uma saída à altura: "Branca de Neve e os sete verticalmente comprometidos", esquecendo que a própria Branca de Neve também poderia ser entendida como uma ofensa a todos aqueles que não fossem brancos, como a neve.

Folclore ou não, essa história está de volta, agora no Brasil, com a publicação, pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, da cartilha Politicamente Correto & Direitos Humanos. Distribuído pela primeira vez em 2004, na Conferência Nacional de Direitos Humanos, o material voltou à cena no começo do mês de maio, em novo seminário sobre o tema.

O destino desse pequeno manual, composto por 96 expressões e com uma tiragem de 5 mil exemplares, seria igualmente conturbado: o documento foi retirado de circulação, enquanto aguarda nova avaliação.

Mais do que julgar a idéia ou mesmo avaliar a pertinência desse tipo de iniciativa, importa refletir acerca do material e dessa voga do politicamente correto, importada dos EUA.

É possível dizer que a atitude politicamente correta consiste em alterar nomes e termos para que não seja preciso mudar a própria estrutura social. Trata-se de algo à moda de Lampedusa, que em seu livro "O Leopardo" afirmou ser preciso mudar alguma coisa para que tudo ficasse exatamente como estava.

Mas nada como recorrer à própria cartilha e tomar alguns de seus verbetes. Começemos com uma coincidência: o verbete "Anão". Na definição da cartilha ficamos sabendo que "as pessoas afetadas por nanismo são vítimas de um preconceito particular: o de sempre serem consideradas engraçadas. Não há nada de especialmente engraçado em ter baixa estatura, fato que não torna ninguém inválido nem diminui sua dignidade". Ou seja, toma-se a forma pelo conteúdo e chegamos a uma espécie de beco sem saída. Qual seria a conclusão: trocar anão por nanismo ou por "verticalmente comprometido"?

Outro exemplo: é desaconselhável empregar o termo "africano", uma vez que "sua utilização genérica muitas vezes serve para negar a diversidade de países e povos daquele continente ou para discriminá-los [...]". Nesse caso, a cartilha não dá nenhum conselho de como substituir o termo e ficamos, nós, sem solução. Mas a confusão é ainda maior, uma vez que, em março de 2004, o próprio governo aprovou a disciplina "História e Cultura Afro-brasileira e Africana".

O mesmo ocorre com termos que carregam duplo sentido. "Bárbaro", por exemplo, deve ser condenado, pois é sinônimo de cruel, grosseiro, incorreto, malvado, rude e violento... É fato que o etnólogo Claude Lévi Strauss teria uma vez dito que "bárbaro é aquele que acredita na barbárie", mas e o uso oposto? Como incluir na cartilha uma opção para o outro contexto lingüístico, quando bárbaro é aquele que pratica atos, digamos assim, geniais?

E mais, ficamos sabendo que chamar alguém de "barbeiro" é ofensivo, não porque acusa o motorista inábil, mas porque agride o profissional especializado em cortar cabelos. Ainda nessa linha, em nome do "respeito e cuidados médicos que os alcoólicos merecem" -e, sim, merecem-, deve ser evitado o termo "bêbado". A realidade é a mesma, os nomes é que são diferentes.

O termo "cigano" também é considerado pejorativo e em seu lugar somos instados a usar designações étnicas como Rom, Sinti e Calon. Numa versão nacional, o termo "caipira", cuja cultura foi recuperada por Antonio Candido em seu clássico "Parceiros do Rio Bonito", na cartilha surge como sinônimo de rústico e rude. Isso sem esquecer do conceito "peões", recentemente retomado no documentário sensível de Eduardo Coutinho, e que aqui aparece mais uma vez como termo pejorativo.

Termos que denotam conflito político e social, como "classe baixa" ou "pobre", também devem ser evitados, pois justificariam discriminação ou processo de inferiorização. Nesse caso, a representação parece ser mais forte que a realidade. Continuamos a ter uma classe baixa e uma população pobre, mas é melhor não nomeá-los, ao menos dessa maneira.

Mais estranho ainda é o verbete dedicado ao "funcionário público". Deveríamos chamá-los de servidores públicos, para mostrar que sabemos que servem ao público mais do que ao Estado. Por sinal, há também um verbete dedicado ao "político", que traz um alerta: a cartilha lembra que nem "todo político é corrupto", assim como não é verdade que "todos os políticos são farinhas do mesmo saco". Todas essas expressões seriam, apenas, "preconceitos de gente mal informada".

Revelador dessa troca alargada de termos é o item consagrado ao "homossexualismo". A indicação é para que se passe a usar "homossexualidade", uma vez que este termo descreve a condição de forma neutra, enquanto que o primeiro teria uma carga pejorativa e associaria o homossexual a uma doença.

Não parece ficar bem usar o termo "latino-americanos", já que essa nomenclatura geopolítica não indicaria nossa origem comum e majoritariamente ibérica. Nesse sentido, nada como a recomendação de aplicar com cuidado o conceito de "comunista". Nessa lógica politicamente correta, ele perde a história para ganhar apenas a tirania do senso comum e o suposto de que se trata de instrumento de acusação.

Até o termo "minorias" parece estar em questão, mesmo porque pode confundir quando é utilizado sem que se leve em conta o peso demográfico do grupo referido. Afinal, mulheres e negros, segundo a cartilha, não são mais minorias entre nós.

"Aleijado" é também um termo considerado ofensivo e, nesse caso, a saída é referir-se a tais pessoas como "portadoras de deficiência" ou, simplesmente, "pessoas com deficiência". Ora, de que maneira essa nova expressão altera, de fato, a situação de uma pessoa que possui dificuldades físicas e anula a carga de preconceito voltada contra ela em sua rotina? Não seria melhor adotar medidas que visassem facilitar o cotidiano dessa população, com uma política de instalação de rampas em vez de escadas e de entradas especiais em transportes públicos?

Da mesma maneira, não é correto usar o termo "surdo-mudo", uma vez que, acertadamente, nem todo surdo é mudo. Mas a pergunta é ainda a mesma: em vez de refinar o léxico, não seria importante tomar medidas públicas que realmente beneficiassem os prejudicados?

Por fim, o termo "velho" é recusado, assim como "melhor idade". É fato que temos um problema com a temporalidade e que nossa sociedade, cada vez mais neófito, encontra pouco espaço para os idosos. Mas, por que não pensar mais seriamente na questão aviltante da aposentadoria e em mais recursos sociais? A saída, ao contrário, é apostar na "terceira idade" e no poder milagroso dos nomes. De todos os nomes.

Os exemplos são muitos e a cartilha recorre inclusive aos já clássicos: "denegrir", "está russo", "a coisa ficou preta", "farinha do mesmo saco". Não me parece o caso de cansar o leitor com mais nomes e classificações. O problema é que talvez estejamos trocando seis por meia dúzia e supondo que a representação é maior do que a realidade. Pois é, mudam-se os nomes e a situação permanece a mesma.

Esse parece ser antes um recurso de maquiagem social, que alivia tensões imediatas sem investir nos problemas reais. Como dizia o historiador Sérgio Buarque de Holanda: "Muito lastro e pouca vela". E não podemos esquecer que nomes são relações e carregam diferentes sentidos em contextos também diversos.

Não estou sugerindo que não exista preconceito entre nós; justamente o contrário, e muito menos que esses temas não devam ser debatidos. Penso apenas que medidas profiláticas como essas trazem um lustro civilizacional, sem enfrentar a questão em si: a exclusão numa sociedade cada vez mais desigual. O resultado é uma espécie de trava-língua que nos deixa tomados por um medo discursivo: entre dizer e dizer mal, parece melhor omitir. Se a intenção da cartilha não é cercear, mas fazer refletir, seria preciso inserir esses termos em contextos e mostrar como adquirem sempre muitos sentidos. Definitivamente não é hora de nos fiarmos em nomes...

A filosofia da cartilha lembra uma passagem de Lewis Carrol, em "Alice no País das Maravilhas". Alice precisa beber do líquido de uma garrafa para ficar pequena e passar por uma porta ainda mais diminuta. No entanto, em vez de uma garrafa, Alice encontra duas, com um mesmo rótulo que diz "beba-me". Mas o pior é que Alice descobre que seus efeitos serão opostos: enquanto o líquido de uma garrafa a fará crescer, e muito (impossibilitando assim sua passagem), o outro a deixará pequena e com direito a ganhar o passaporte de entrada para seu novo mundo. E é exatamente nesse momento que se trava o seguinte debate:

"Como posso saber qual das garrafas escolher se os rótulos são iguais?", pergunta Alice. Ao que Humpty-Dumpty responde: "Aquele que acredita em rótulos, no mais das vezes se engana". Não estamos para entrar no País das Maravilhas, mas andamos de certa maneira fisgados pelos rótulos e seu poder de encantar.

## **7 - Hollywood GAY**

**SILVANA ARANTES**

DA REPORTAGEM LOCAL

O filme favorito ao Oscar em 2006, "O Segredo de Brokeback Mountain", acende o debate sobre Hollywood e o homossexualismo, ao levar para o faroeste, gênero dos machões por excelência, o amor entre dois homens.

O homossexualismo como tabu perpassa a história de Hollywood desde suas primeiras décadas. Legiões de fãs de Cary Grant (1904-1986), Montgomery Clift (1920-1966), Rock Hudson (1925-1985) e Greta Garbo (1905-1990) nunca souberam que suspiravam em vão por seus ídolos.

Não era a aura de astros de Hollywood que os tornava inalcançáveis. Grant, Clift, Garbo e muitas outras estrelas do cinema não se deixariam fisgar para valer por alguém do sexo oposto. E isso o público não sabia.

Não sabia nem poderia imaginar, até porque diversos astros gays circulavam acintosamente com companhias do outro sexo, casaram-se e tiveram filhos.

O escritor Ruy Castro, um conhecedor da história de Hollywood, cita o caso do ator de origem cubana Cesar Romero (1907-1994), mencionado em sua biografia sobre a cantora Carmem Miranda (1909-55) -figura, aliás, idolatrada por gays.

"Bem-vestido, bonitão, dançava muito bem, adorava aparecer e era fotografado a cada dia com uma estrela diferente. Achavam que era o maior garanhão de Hollywood", descreve Castro.

No entanto, Romero mantinha um romance com "ninguém menos que Tyrone Power [1913-1958]", conta o escritor. Power encantava não apenas as platéias de cinema. As atrizes com quem contracenava se deixavam seduzir e uma delas tornou folclórica a frase "beijar Tyrone Power é como morrer e ir para o céu", lembra Castro, que conclui: "Cesar Romero cansou de ir para o céu".

Os casamentos arranjados e as aparições públicas que sugeriam romances entre astros e estrelas eram parte do esforço de Hollywood para esconder a condição gay ou a bissexualidade de seus astros, como é o caso da diva Marlene Dietrich (1901-92). Dos roteiros, afastava-se qualquer referência explícita ao homossexualismo.

O julgamento que se fazia do amor entre gêneros iguais não era moral. No círculo íntimo dos estúdios e das festas, Hollywood era liberal e avançada. Mas os negócios estavam à parte e, em se tratando de dinheiro, a indústria não brinca. Nem a de filmes.

"Hollywood não é preconceituosa. Mas o público é. E Hollywood tem medo do público", diz o crítico Rubens Ewald Filho.

No "expurgo" do homossexualismo de Hollywood, a imprensa fez a sua parte.

"Os correspondentes de Hollywood não eram cegos. Sabiam quem era [gay] e quem não era. Mas faziam o jogo da indústria cinematográfica", diz Castro.

Esse jogo, do qual a imprensa é uma engrenagem, partia de uma regra: "Não era uma indústria normal, mas uma indústria baseada na ilusão, no sonho. Nessa ilusão e nesse sonho não cabiam homossexuais", afirma o escritor.

Especialista em cinema americano, o professor da PUC-RJ A.C. Gomes de Mattos diz que o grande temor dos executivos no comando de Hollywood era sofrer restrições ao seu oligopólio.

"Cinco grandes estúdios dominavam a produção, a distribuição e a exibição, usando uma série de práticas abusivas. O pavor deles sempre foi existir uma lei antitruste. Então, resolveram se autocensurar, para agradar as entidades religiosas."

Um "código de produção" fixado pelos estúdios estabelecia o que podia e sobretudo o que não podia ser visto nos filmes hollywoodianos. As regras eram rígidas para o sexo de modo geral.

Em hipótese alguma os filmes deveriam sugerir que um homem e uma mulher fizessem sexo, a não ser quando casados. E, às vezes, nem assim. "Chegou ao ridículo de os casais dormirem em camas separadas [nos filmes]", diz o professor Gomes de Mattos.

Mas, com talento e sutileza, roteiristas e diretores conseguiam driblar as regras, incluindo em seus filmes conteúdos proibidos.

A "subversão" era tácita. Ruy Castro diz que "Festim Diabólico" (1948), de Alfred Hitchcock, "tem uma coloração gay nitidamente presente, mas essa palavra nunca foi falada nas centenas de reuniões com Hitch sobre o filme".

Por que não? "Porque muita gente participava daquelas reuniões e, se isso vazasse, talvez o filme não pudesse nem ser exibido. Era absolutamente impraticável em 1948", diz.

A tática de não provocar polêmicas nem contrariar a parcela mais conservadora da sociedade deu certo até certo ponto. A lei antitruste acabou sendo aprovada, e as feições de Hollywood foram mudando com o tempo.

Os artistas deixaram de pertencer aos estúdios e se livraram da imposição dos casamentos de aparência. "Os estúdios não têm mais esse poder. Antes, os artistas eram empregados. Hoje, fazem uma tarefa, prestam um serviço e vão embora", diz Ewald Filho.

O perfil do público também mudou, migrando para o jovem. Público menos conservador, filmes mais ousados -uma nova receita tornou-se possível.

E a história das primeiras décadas de Hollywood começou a ser recontada em livros e filmes, que decidiram tirar do "armário" veteranos astros gays. A morte de Rock Hudson por Aids, no meio da década de 80, chamou atenção para o assunto.

Algumas polêmicas, no entanto, parecem perenes, como a versão do romance de Cary Grant com Randolph Scott (que se casou duas vezes e teve dois filhos), afirmada e negada na mesma medida por entendidos em cinema.

Hoje, a orientação sexual não é necessariamente obstáculo ao triunfo em Hollywood. "Todo mundo sabe que o Kevin Spacey é gay e ele já ganhou dois Oscar", exemplifica Ewald Filho.

Mas não há como negar que continua sendo um acontecimento quando um astro de Hollywood decide proclamar sua homossexualidade. Mesmo que o assumido não seja da primeira grandeza de estrelas, como no caso da atriz Ellen DeGeneres, cujo anúncio da homossexualidade ecoou em todos os cantos.

O barulho também pode ser grande se alguém decidir "enquadrar" na categoria gay um astro indisposto a carregar esse rótulo. Especulações se Keanu Reeves é ou não é abalaram Beverly Hills.

Fã apenas da clássica Hollywood, Castro mantém-se indiferente aos mexericos atuais. "Não vou ao cinema há uns 20 anos", diz, sem pretender abrir exceções.

Pergunte-se: quer dizer que os caubóis gays não te pegam? E Castro responde: "Nem morta!".

## **8 - Edson Cordeiro fala grosso; SP abre nova boate; leia destaques GLS**

### **SÉRGIO RIPARDO**

Editor de Ilustrada da Folha Online

Meninos sempre sofreram com voz fina, aguda. Logo surge alguém na família, no bairro ou na escola, para implicar com seu timbre: "Fala grosso". Desde cedo, essa pressão atormenta os garotos. Superar essa cobrança, sem trauma nem nóia, não é fácil. Mais raro é transformar a voz no seu principal trunfo. Foi o que fez o cantor Edson Cordeiro, 40, que lança novo CD e inicia, em abril, turnê na Europa, até dezembro.

**Folha Online-** Ouvindo o Mika cantar em falsete, lembrei de você.

**Edson Cordeiro-** Ele vai ter de comer muito feijão para não pagar mico. Faltam algumas oitavas para alcançar minha voz.

**Folha Online-** Scissor Sisters também faz sucesso com vocais em falsete.

**Cordeiro-** A voz de contratenor saiu da categoria de "aberração". Não causa mais nenhum estranhamento.

**Folha Online-** Você se arrepende da fase dance music?

**Cordeiro-** Foi uma fase de sucesso. Vendi 200 mil cópias. Trabalhei com a alta-costura da música eletrônica. Estudo muito. Canto ópera, qualquer coisa. Não traí nenhum movimento: eu não era punk e virei mauricinho.

**Folha Online-** Hoje você faz mais sucesso no exterior?

**Cordeiro-** Não preciso me exilar para ter prestígio. Lá fora, estou entrando pela porta da frente, e não pela porta de serviço. Meus shows lotam tanto lá como aqui.

**Folha Online-** O Brasil respeita mais a causa gay?

**Cordeiro-** Sou pessimista, pois conheço o Brasil e seus políticos. Estamos muito longe da igualdade de direitos. Apesar das pequenas conquistas, a hipocrisia ainda impera na sociedade. Dou minha contribuição e sempre darei, participando das paradas. Não quero só enfeitar. Mas a parada não pode virar um Carnaval. Não há o que comemorar. Temos muito o que reivindicar. Participei da parada de Berlim. Lá sim eles têm motivos para festa. Não optei por minha orientação sexual. Falo sem ter medo. Não devo nada a ninguém.

### **Novo point**

O centro de São Paulo ganha uma nova boate gay nesta quarta-feira (28). Chama-se Liberté Club (r. Álvaro de Carvalho, 190, perto da Trash'80) e tem capacidade para 500 pessoas. Com preço único de R\$ 20, vai funcionar das quartas aos sábados, a partir das 23h. Com uma pista e dois bares, terá também show de drags. Antes, o lugar era uma boate hétero (La Bohemio). A nova casa foi montada pela ex-secretária Nazaré Batista Braga e seu marido, o funcionário público Fábio Muller Ernesto. "Somos um casal simpatizante. Para nós, os gays são um público especial", conta Nazaré.

### **Resumo da ópera**

Um cantor de ópera submisso a um garoto de programa. Um cachorro gay vítima da intolerância. Um soropositivo apaixonado por um companheiro mais jovem. Uma trans diagnosticada com câncer de mama. Essas personagens fazem parte da peça "Ópera", do ator e dramaturgo pernambucano Newton Moreno. A montagem, feita pelo Coletivo Angu de Teatro, será encenada neste sábado (31) e domingo (1º), no Teatro José Maria Santos, durante o Festival de Teatro de Curitiba.

### **Rapi10**

Dez perguntas do mundo GLS para o papa, que visita o Brasil, em maio.

1- Se Deus é amor, por que é pecado amar uma pessoa do mesmo sexo?

2- Se Jesus vivesse hoje, ele só escolheria apóstolos homens?

- 3- Se o sr. não fosse papa, adotaria uma criança africana ou judia?
- 4- O que o sr. diria a um casal cujo filho foi batizado por um padre pedófilo?
- 5- Se perguntar não ofende, por que nenhuma igreja tolera ser questionada?
- 6- Que sites o sr. visita na internet e que tipo de e-mail spam o sr. recebe?
- 7- O que um papa faz para se divertir? Só viaja?
- 8- Os seus sapatos são realmente Prada, como especulam os fashionistas?
- 9- O Zé Simão chama o sr. de rottweiler de Deus. O sr. cria algum cachorro?
- 10- E São Sebastião, hein?!

### **Estica, puxa, estira**

O mundo amapô está de cabelo em pé com o caso da "escova assassina". Antes, o medo era só com queda de fios. Agora, a overdose de formol mata. Cabeleireiros temem perder dinheiro. A progressiva é mais lucrativa do que fazer um simples corte. O caminho é esclarecer para evitar o pânico, combater a desinformação. A partir de agora, você vai ouvir muito falar em "salões orgânicos", em que os profissionais prometem usar só produtos naturais nas madeixas das clientes. Nada de formol, de amônia. O preço dos serviços tende a subir. Cuidado só com golpes. O que adianta uma escova que só disfarça o cheiro do produto químico com essências artificiais de chocolate e guaraná?!

### **Aposta**

A "G" quer tirar a roupa do Diego (Alemão). Mas será que ele topa aparecer em fotos de ereção por menos de R\$ 50 mil? Ok, há ainda a comissão proporcional à vendagem. Mas o loiro, se levar mesmo o prêmio de R\$ 1 milhão, vai se submeter a isso por tão pouco, neste momento? Muito difícil.

### **Por que me olham assim?**

Michael Love desceu do salto, ontem, na noite "Tapa na Pantera", na Lôca. Tudo porque, na platéia, fizeram brincadeira com seu estrabismo. "Deus deve ter um bom motivo para ter me feito vesga", disse, no estilo "sou abusada, mas faço sucesso". Ela até se arriscou no jogo de palavras: "Há até uma boate em minha homenagem", afirmou, em referência ao "Vegas" (ou Vesga, para a piada funcionar). Silvetty Montilla apareceu desmontada, no cantinho do palco. Michael Love fez a apresentação, Silvetty fugiu. A noite da terça da Lôca não lota tanto quanto os dias-chaves (quinta e domingo), mas é animada, dá para circular à vontade. No som, muita nostalgia anos 70, 80 e 90, e um Scissor Sisters aqui, um Gnarl Barkley acolá. E o público?

Como dizem as gôndolas de orgânicos: só produtos selecionados, de várias tribos. No dia 3 de abril, rola o tema "Coelhinhos Eróticos".

### **Absolutas no pensar e no existir**

Sem valor científico, o índice "carão" dos principais redutos de ensino superior em São Paulo assim poderia ser hierarquizado, do maior índice para o menor.

- 1- Faap
- 2- USP
- 3- PUC
- 4- Mackenzie
- 5- Cásper
- 6- As outras: Anhembi Morumbi, Panamericana...

### **Araras**

O Mercado Mundo Mix será nos dias 14 e 15 de abril, das 14h às 22h, no Memorial da América Latina. Entre as marcas que confirmaram presença, Cavaleira, V.Rom, Eastpak, Amapô e outras. O valor da entrada é R\$ 2 (com flyer) e R\$ 3 (sem). Pela internet ([www.mercadomundomix.com.br](http://www.mercadomundomix.com.br)) dá para imprimir o flyer, até o dia 10 de abril.

### **Vapor**

A Sauna 269 já marcou data para abertura: 10 de abril. O lugar fica na região da Consolação (r. Bela Cintra, 269), a quase duas quadras da boate Fun House, no sentido centro.

### **Preguiça é...**

...a patrulha para banir do mundo o termo "homossexualismo". Ok, está errado. Não é doença. O correto é homossexualidade. Mas vira chatice focar sua energia e sua vigilância só nisso.

...se cadastrar em sites de relacionamento com esperança de achar o grande amor de sua vida. Há toda uma indústria explorando suas carências e pouco preocupada com sua solidão.

### **Dicas de site**

"A Casa das Sete Micheles" é um blog cheio de textos, alguns hilários, com o jeito de falar das travas e biluzinhas ("Oi, gatchêho!", "meu koo pra você").

"Lokas da Xereca" é um blog viciado em "Big Brother Brasil", em divas, em noite, em música, com forte pitada gay.

### **Dicas de vídeos**

"Cabelo solidário" é um vídeo em que uma amiga decide raspar a cabeça em solidariedade a sua colega diagnosticada com câncer.

"As Arveres Somos Nozes" é um vídeo que fala de Jesus e da cobrança para que se fale e se repita tudo, do mesmo modo, sempre.

## **9 - Homossexualidade**

"Recomenda-se que o termo homossexualismo não mais seja utilizado, devido à sua conotação preconceituosa, pois o sufixo "ismo" está relacionado a patologias. No Brasil, desde 1985, o Conselho Federal de Medicina não considera homossexualidade como desvio sexual. Dom Robinson Cavalcanti (no "Painel do Leitor" de ontem), refratário ao uso da expressão mais adequada, demonstra ignorar aquilo que foi estipulado por importantes instituições -jurídicas ou médicas- que regulam a vida em sociedade, pretendendo legislar em causa própria.

A retirada da homossexualidade do rol das enfermidades foi, evidentemente, resultado de uma decisão científica, por não ser uma doença, o que também aconteceria se entre as doenças, por equívoco, constassem as opções religiosas. Não se colocam em pauta a liberdade que todos têm de defender a família e o direito de educar seus filhos segundo a moral adotada. O que se questiona é a intolerância, o abuso, a perseguição e a violência em relação a quem adota outras formas de pensar e de agir e a inexistência de leis que protejam essas pessoas."

**YARA MONACHESI**, psicóloga e terapeuta sexual (São José do Rio Preto, SP)

### **Discriminação**

"O presidente Lula disse que "a discriminação é a coisa mais nojenta que existe". Eu pergunto: conceder aumento salarial de 139% para os 24 mil "aloprados" seus amigos, nomeados sem concurso público, e somente 3% para os aposentados não é uma enorme discriminação?

Em tempo: o presidente do país mais rico do planeta, George Bush, nomeou somente 4,5 mil pessoas em cargos de confiança."

**ABILIO TEIXEIRA**, sargento do Exército (Brasília, DF)

### **Índios e garimpeiros**

"Sirvo-me desta para esclarecer alguns aspectos da reportagem "Sem laudo, investigação sobre índios pára" (Brasil, 12/8), da jornalista Elvira Lobato, na qual parece ter havido má interpretação de minhas respostas às suas perguntas. Em primeiro lugar, a ABA (Associação Brasileira de Antropologia) e os antropólogos não vêem nenhum tipo de problema em realizar laudos periciais para o Ministério Público, para quem, aliás, já indicamos peritos em várias oportunidades e com quem mantemos excelente relação institucional de nosso ponto de vista. O que eu disse ao telefone, em "off", é que um de nossos associados alegou disponibilidade para fazer laudo apenas para a magistratura, pois achava que, de outra maneira, o laudo não teria o mesmo peso no processo. É fato que a Polícia Federal e o Ministério Público são sempre parte no processo. E, como o juiz também pode solicitar a produção de laudos, o antropólogo em tela achou que seu lado seria melhor recebido se respondesse a uma demanda direta da magistratura.

A ABA é ciente de que o Ministério Público tem o dever constitucional de defender os interesses dos índios e não faz nenhuma restrição à atuação do órgão nesta área. Em segundo lugar, a ABA e os antropólogos consultados não são contrários à realização de laudo sobre os cinta-larga. Ao que me consta, inclusive, pelo menos dois dos antropólogos indicados pela ABA e consultados pela Polícia Federal teriam concordado em fazer o laudo desde que lhes fossem dadas condições adequadas para a realização do trabalho."

**LUIS R. CARDOSO DE OLIVEIRA**, presidente da ABA -Associação Brasileira de Antropologia (Brasília, DF)

### **Cansei**

"Infeliz a colocação do cantor popular Luciano Camargo sobre o movimento "Cansei" quando disse: "Como é que eu vou apoiar um movimento liderado por alguém que promove desfile de cachorros" (coluna de Mônica Bergamo, Ilustrada, 20/8). Ser contra o movimento é um direito dele. Ser contra desfile de cachorros também é de seu direito. Mas usar tal argumento é de uma total falta de raciocínio.

Algum de seus fãs já o questionou sobre a sua participação e apoio no rodeio de Barretos? "Aquilo" é que deveria ser vergonhoso para o senhor Luciano."

**WALKÍRIO SILVA** (Visconde do Rio Branco, MG)

### **Habeas corpus**

"Em seu oportuno e veraz artigo "Que saudade do AI-5!" ("Tendências/Debates", 21/8), sobre a redução do alcance do habeas corpus, o advogado Arnaldo Malheiros Filho retrata com coragem e precisão, como é de seu feitio, uma situação deveras preocupante que reina no país de hoje.

Alguns juízes -uma minoria, felizmente- estão imbuídos da idéia e, para eles, do ideal de combater o crime por meio da aplicação da lei penal. Ledo engano. Nem o juiz é combatente nem o direito penal é instrumento que se presta para tal fim. Juiz não pode ter posicionamentos preconcebidos, sejam de que natureza forem; não pode ter ideologia. Magistrado comprometido ideologicamente perde sua imparcialidade. Juiz sem imparcialidade distribui uma justiça capenga.

Ademais, o direito penal e o direito processual penal têm também por escopo proteger os acusados contra o arbítrio e a vingança. Combate-se o crime agindo-se contra os seus fatores desencadeadores. Quanto à redução do habeas corpus a questões pontuais, causa estupefação ter a proposta partido de um veículo de imprensa.

Creio que nenhum segmento democrático da sociedade teria a coragem de propor a volta da censura à imprensa ou a abolição do sigilo de fonte."

**ANTÔNIO CLÁUDIO MARIZ DE OLIVEIRA**, advogado criminal (São Paulo, SP)

### **Amianto**

"Trabalho na área ambiental e por isso afirmo que achei um absurdo a notícia que li ontem no caderno Dinheiro ("Liminar do TJ suspende a lei que proíbe amianto em São Paulo').

A reportagem tratava da liminar, conseguida pela Fiesp, que libera a utilização do amianto, produto que já foi provado ser cancerígeno.

A Fiesp, como representante das indústrias, deveria apoiar a proibição do uso do amianto, e não brigar na Justiça para que ele possa ser utilizado.

Além dos riscos à saúde dos trabalhadores, atualmente já existem tecnologias de fibrocimento, que não utilizam amianto. Ou seja, não há argumentos que sustentem a liminar concedida."

**JAHNU CLAUDINO** (São Paulo, SP)

### **10 - Casais gays podem andar de mãos dadas; ouça Soninha**

Neste domingo é realizada a 12ª Parada Gay na Avenida Paulista, em São Paulo. O tema desta edição é "Homofobia Mata! Por um Estado Laico de Fato".

Sonia Francine Gaspar Marmo, colunista da Folha e responsável por um blog da Folha Online, diz que a Parada Gay não é só festa, mas também uma manifestação política. Ouça outros podcasts da colunista.

A colunista diz que neste domingo casais gays vão poder andar de mãos dadas nas ruas e as pessoas que não têm preconceito irão curtir o evento com eles.

Soninha fala que nesta época algumas pessoas se espantam com o alto número de homossexuais. "A humanidade sempre teve gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e transgêneros que foram entendidos e aceitos de maneiras diferentes ao longo da história, nos diferentes países e culturas. Talvez, hoje, depois de muito tempo de repressão, eles estejam de fato mais visíveis", declara.

A colunista diz que a OMS (Organização Mundial da Saúde) já declarou que homossexualidade não é doença e não deve ser tratada desse modo. "Por isso, é bom usar o termo homossexualidade e não homossexualismo, porque o "ismo", em muitos casos, caracteriza doença", explica.

Ela também afirma que se relacionar com alguém do mesmo sexo não é uma opção, pois ninguém escolhe se quer ser gay ou hétero, e o recomendável é usar a expressão "orientação sexual".

"Eu gosto da Parada Gay pela farra, porque é legal curtir a Paulista em um domingo à tarde. A Parada gay é uma ação política também, uma ação afirmativa", declara a colunista.

## 11 - Homossexualidade é pecado para 58%, aponta pesquisa

Uma pesquisa sobre sexualidade e homofobia --aversão a homossexuais-- mostrou que 58% dos brasileiros consideram a homossexualidade um pecado contra as leis de Deus, conforme mostra reportagem de **Márcio Pinho**, publicada hoje na **Folha** (a íntegra está disponível apenas para assinantes do jornal e do UOL).

De acordo com o levantamento, 28% dos brasileiros admitem ter preconceito contra homossexuais e 29% apontam o homossexualismo como uma doença a ser tratada. A pesquisa foi conduzida pela Fundação Perseu Abramo e pela fundação alemã Rosa Luxemburgo Stiftung, que entrevistaram 2.014 adultos nas cinco regiões do país, escancarando o preconceito direto ou velado contra os homossexuais.

Um projeto que pretende mudar esse quadro --transformando a homofobia em crime-- tramita no Senado, após ter sido aprovado na Câmara.

Para Gustavo Venturi, um dos coordenadores do estudo e professor de sociologia da USP (Universidade de São Paulo), a cultura "machista no Brasil" favorece este tipo de pensamento. "Há a contribuição das religiões na nossa população de maioria católica e evangélica. Muitas igrejas continuam fechadas para comportamentos que fogem da 'heteronormatividade'."

## **12 - Bissexualidade merece nosso maior respeito, diz Chico Xavier em entrevista histórica**

"Aqueles que são portadores de sentimentos de homossexualidade ou bissexualidade são dignos do nosso maior respeito", afirmou o médium mineiro Chico Xavier (1910-2002), em uma entrevista histórica concedida à extinta TV Tupi no ano de 1971.

O encontro ao vivo --que deveria durar uma hora-- prolongou-se por mais três vezes. A audiência foi estimada em mais de 20 milhões de brasileiros. Chico Xavier foi recebido duas vezes no programa televisivo "Pinga-Fogo", que era apresentado por Almyr Guimarães (1924-1991).

A transcrição das entrevistas está no livro "Pinga-Fogo com Chico Xavier" (Editora Intervidas, 2009), que entrou na lista dos mais vendidos publicada pela **Folha**.

Assuntos importantes são abordados no volume, como família, educação, umbanda, divórcio e homossexualidade. Abaixo, leia um trecho.

\*

### **Homossexualismo e sexo**

**ALMYR GUIMARÃES** Chico, tem aqui uma pergunta de dona Maria Lúcia Silva Gomes. Pergunta: "Como se explica o homossexualismo e a perturbação no comportamento sexual à luz da doutrina espírita?"

**CHICO XAVIER** Temos tido alguns entendimentos com Espíritos amigos e notadamente com Emmanuel a esse respeito.

O homossexualismo, tanto quanto a bissexualidade ou bissexualismo como a assexualidade são condições da alma humana. Não devem ser interpretados como fenômenos espantosos, como fenômenos atacáveis pelo ridículo da humanidade. Tanto quanto acontece com a maioria que desfruta de uma sexualidade dita normal, aqueles que são portadores de sentimentos de homossexualidade ou bissexualidade são dignos do nosso maior respeito. E acreditamos que o comportamento sexual na humanidade sofrerá de futuro revisões muito grandes, porque nós vamos catalogar, do ponto de vista de ciência, todos aqueles que podem cooperar na procriação e todos aqueles que estão numa condição de esterilidade.

A criatura humana não é só chamada à fecundidade física, mas também à fecundidade espiritual. Quando geramos filhos, através da sexualidade dita normal, somos chamados também à fecundidade espiritual, transmitindo aos nossos filhos os valores do espírito de que sejamos portadores.

Não nos referimos aqui aos problemas do desequilíbrio nem aos problemas da chamada viciação nas relações humanas. Estamos nos referindo a condições da personalidade humana reencarnada, muitas vezes portadora de conflitos que dizem respeito seja à sua condição de alma em prova ou à sua condição de criatura em tarefa específica.

De modo que o assunto merecerá muito estudo e poderemos voltar a ele em qualquer tempo que formos convidados. Porque nós temos um problema em matéria de sexo na humanidade, que precisaríamos considerar com bastante segurança e respeito recíproco.

Se as potências do homem na visão, na audição, nos recursos imensos do cérebro nos recursos gustativos, nas mãos, na tatilidade com que as mãos executam trabalhos manuais, nos pés; se todas essas potências foram dadas ao homem para a educação, para o rendimento no bem, isto é, potências consagradas ao bem e à luz em nome de Deus, seria o sexo, em suas várias manifestações, sentenciado às trevas?

### **13 - Parlamento de Uganda adia debate sobre pena de morte para gays**

O Parlamento de Uganda adiou nesta sexta-feira a decisão sobre uma nova lei que previa a pena de morte para alguns tipos de atos homossexuais e que havia sido condenada por líderes ocidentais e grupos de defesa dos direitos humanos.

O presidente do Parlamento, Edward Ssekandi, disse nesta sexta-feira que o tempo havia se esgotado para discutir o tema e que o projeto não voltaria aos debates durante esta legislatura, que acaba na próxima quarta-feira.

Apresentada em 2009, a lei ainda pode voltar à discussões quando tomarem posse os novos parlamentares, eleitos em fevereiro.

O projeto determina que pessoas consideradas culpadas de "homossexualidade agravada" -- quando elas fizerem sexo com um menor de idade ou deficiente físico ou mental, ou quando o acusado for HIV-positivo -- possam ser condenadas à morte. O mesmo valeria para pessoas acusadas de estuprar pessoas do mesmo sexo.

Além disso, ele prevê criminalizar o aluguel de propriedade a uma pessoa cujo homossexualismo seja conhecido e o ato de ajudar uma pessoa a realizar um ato homossexual.

Pessoas que deixarem de denunciar homossexuais às autoridades também estariam sujeitas a processos.

### **ABOMINÁVEL**

No país africano, o homossexualismo já é crime, punido com multas e prisão. O que estava sendo proposto é um endurecimento da legislação, o que causou uma forte reação negativa em vários outros países.

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, descreveu a proposta de "abominável".

O correspondente da BBC para o leste da África Will Ross afirma que, assim como em muitas partes do continente, a homossexualidade é ilegal em Uganda, que tem uma sociedade muito conservadora, na qual a homofobia é comum.

Uma petição online contra a lei, criada pela rede de ativistas Avaaz.org, ganhou 2 milhões de assinaturas --sendo mais de 1 milhão apenas na semana passada, quando aumentaram os temores de que o projeto seria aprovado.

### **LONGA LUTA**

A representante do grupo Human Rights Watch na África Central, Maria Burnett, diz que o assunto não está encerrado, e que ainda existe uma longa luta pela frente para impedir a nova legislação antigay em Uganda.

O deputado David Bahati, que apresentou o projeto de lei, disse à agência AFP que atingiu seu objetivo foi iniciar um debate. "Nós demos passos importantes em levantar a questão e isso vai continuar", afirmou.

Em janeiro, o ativista David Kato, que liderou a campanha contra a lei, foi assassinado depois de processar um jornal que o chamou de homossexual. A polícia negou que a morte tenha sido ligado à sua opção sexual.

Três meses antes do assassinato de Kato, o jornal de Uganda Rolling Stone publicou as fotos de diversas pessoas consideradas gays, ao lado do título: "Enforque-as".

## **14 - Kits de PT e PSDB têm itens incômodos para evangélicos**

Usados agora como artilharia nos fronts tucano e petista, os kits anti-homofobia produzidos pelo Ministério da Educação na gestão Fernando Haddad (PT) e pelo governo do Estado de São Paulo no mandato de José Serra (PSDB) têm fatores de constrangimento para os dois candidatos à prefeitura paulistana.

Um dos cinco vídeos que integram o pacote preparado pelo MEC em 2011, mas vetado pela presidente Dilma Rousseff após forte reação das bancadas evangélica e católica no Congresso, mostra um adolescente que se interessa por garotos e garotas.

Nos instantes finais, o narrador diz que, "gostando dos dois, a probabilidade de ele encontrar alguém por quem sentisse atração era quase 50% maior; tinha duas vezes mais chances de encontrar alguém". Serra viu no filmete uma apologia à bissexualidade e falou em "doutrinação".

Dois dos vídeos que compunham o material do MEC também estavam no kit distribuído em 2009 pelo governo paulista, que dedicava um capítulo à discussão da diversidade sexual e da homofobia em escolas --outros se debruçavam sobre bullying, violência urbana e drogas.

Além das ferramentas audiovisuais, o conjunto montado na gestão Serra inclui uma cartilha. Em um dos trechos do texto, afirma-se que "não se cura a homossexualidade em consultórios psiquiátricos ou cultos religiosos". A candidatura tucana tem o apoio de líderes evangélicos cuja pregação inclui a suposta "libertação" do homossexualismo via religião.

Ontem, durante ato de campanha, Serra se recusou a responder a pergunta sobre a política anti-homofobia que adotaria se eleito: "Não vou entrar nesse tema, senão depois os adversários dizem que fui eu que botei na pauta".

## ESPECIALISTAS

Psicólogos e professores ouvidos pela **Folha** disseram que os kits são oportunos. "Quando se trata de temas fortes, tabus, é importante que a abordagem seja radical, senão você abafa o problema. É preciso causar choque", sustenta a professora de psicologia da educação da PUC-SP Ana Mercês Bock.

Para ela, os vídeos recomendados para uso em sala de aula não têm "grosseira ou exagero". "Não dá para dizer que há incentivo à bissexualidade, até porque [a orientação sexual] não é algo que se resolva de repente", diz ela, sobre o filmete atacado por Serra. "Num conjunto de vídeos em que também há lésbicas e travestis, é válido."

O professor do departamento de psicologia da UFMG Marco Aurélio Prado critica a sazonalidade da discussão sobre os materiais didáticos. "Uma coisa é a sexualidade na escola, outra é a forma como conteúdos sobre ela são interpretados por políticos em períodos eleitorais."

De acordo com Prado, que lamenta o veto da presidente Dilma ao conteúdo feito pelo MEC, "se quer ampliar a democracia, o Estado brasileiro precisa dizer algo sobre a violência causada por intolerância sexual".

## 15 - Em defesa do homossexualismo

**SÃO PAULO** - Alguns membros de comunidades homoafetivas e simpatizantes me recriminaram porque, no sábado passado, numa coluna em que critiquei as declarações do pastor Silas Malafaia sobre gays, eu utilizei o termo "homossexualismo", e não "homossexualidade", como teriam desejado.

Estou ciente dessa preferência, mas receio que ela não tenha o fundamento alegado. Ao contrário do que dizem alguns militantes, simplesmente não é verdade que "-ismo" seja um sufixo que denota patologia. Quem estudou um pouquinho de grego sabe que o elemento "-ismós" (que deu origem ao nosso "-ismo") pode ser usado para compor palavras abstratas de qualquer categoria: magnetismo, batismo, ciclismo, realismo, dadaísmo, otimismo, relativismo, galicismo, teísmo, cristianismo, anarquismo, aforismo e jornalismo. Pensando bem, esta última talvez encerre algo de mórbido, mas não recomendo que, para purificar a atividade, se adote "jornalidade".

De qualquer forma e por qualquer conta, as moléstias são uma minoria. Das 1.663 palavras terminadas em "-ismo" que meu Houaiss eletrônico relaciona, apenas 115 (um pouco menos que 7%) designam doenças ou estados patológicos. E olhem que fui liberal em meus critérios, contabilizando mais de uma dezena de termos que descrevem intoxicações exóticas, como abrinismo e zincalismo.

Compreendo que os gays procurem levantar bandeiras, inclusive linguísticas, para mobilizar as pessoas. Em nome da cortesia pública, eu me disporia a adotar a forma "homossexualidade", desde que ela fosse defendida como uma simples predileção. Mas, enquanto tentarem justificar essa opção com base em delírios etimológicos, sinto-me no dever de continuar usando a variante em "-ismo". Alguém, afinal, precisa zelar para que preconceitos não invadam e conspurquem o universo de sufixos, prefixos e infixos. A batalha pode ser inglória, mas a causa é justa.

## 16 - Para leitora, expressão "homossexualismo" traz ranço cultural pejorativo

Sobre o texto "Em defesa do homossexualismo", de Hélio Schwartsman, nós, homossexuais, acreditamos que a expressão "homossexualismo" traz consigo um ranço cultural pejorativo. Sem dúvida que a palavra homossexualidade é bem menos discriminatória. Melhor seria usar homoafetividade!

Para nós, gays, a palavra homossexualismo é considerada ofensiva, dado o histórico ligado a atividades clínicas. Sugiro ao ilustre jornalista que escreva sobre a falta de garantia jurídica na

vida dos homossexuais e nossa luta por leis básicas de cidadania, como a do casamento e a da criminalização da homofobia.

## **17 - Esteira de eufemismos**

**SÃO PAULO** - Como minha caixa de mensagens continua atulhada de e-mails a propósito da polêmica homossexualismo x homossexualidade, resolvi dedicar mais uma coluna ao tema. Prometo que é a última.

Não tenho nada contra a variante homossexualidade e me disponho a adotá-la tão logo os militantes parem de denegrir o sufixo "-ismo", que, ao contrário de "-astro", não encerra nada de pejorativo. Acredito, porém, que essa substituição de nomes é, muito provavelmente, um exercício fadado ao fracasso.

O pressuposto do patrulhamento linguístico é o de que palavras insidiosamente moldam atitudes, o que torna necessário manter vigilância constante contra formas sutis de ofensa. Embora haja nas humanidades quem ainda sustente essa tese, ela foi já há muito abandonada pelas ciências cognitivas. Nesse modelo, o que ocorre é exatamente o contrário. São as ideias das pessoas, incluindo seus preconceitos, que influenciam a linguagem, originando o fenômeno que o psicólogo Steven Pinker apelidou de "esteira de eufemismos".

A palavra "alcoólatra", por exemplo, foi proposta no início do século 20 para substituir "bêbado" e seus sinônimos mais vulgares, com o objetivo de reduzir um pouco a carga negativa que pesava contra essas pessoas. É óbvio, porém, que a permuta de nomes não fez com que os alcoólatras parassem de beber, de modo que o novo termo logo foi contaminado pelas mesmas mazelas que o fizeram surgir. Em pouco tempo, foi trocado por "etilista", "alcoólico", "dependente químico". A lista é aberta.

Algo parecido aconteceu com o "de cor", que substituiu "crioulo", para depois dar lugar a "preto", "negro" e "afro-brasileiro".

Pinker diz que a esteira de eufemismos é a melhor prova de que são os conceitos --e não as palavras-- que estão no comando. Em vez de combater nomes, deveríamos nos concentrar nas atitudes, que são, afinal, o que se deseja mudar.

## **18 - Leia a transcrição da entrevista de Marco Feliciano à Folha e ao UOL - parte 2**

O pastor evangélico Marco Feliciano, deputado federal (PSC-SP) e presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, participou do "Poder e Política",

projeto do UOL e da **Folha** conduzido pelo jornalista Fernando Rodrigues. A gravação ocorreu em 1º.abr.2013 no estúdio do Grupo Folha em Brasília.

Leia a primeira parte da transcrição da entrevista de Marco Feliciano

**Folha/UOL: Deixe-me fazer outra pergunta agora sobre costumes e suas convicções a respeito de gays. O sr. me corrija, mas até onde eu vi vídeos na internet o sr. sugere que a Aids é uma doença gay. No entanto, há muitos heterossexuais com o vírus da Aids. Por que a Aids seria uma doença gay?**

**Marco Feliciano:** Quando eu citei isso, eu estava em um momento de muita pressão, muita pressão por esse grupo. Eles acabam destruindo a paz de qualquer ser humano. Eles perseguem a minha família, perseguem minhas filhas. Eu tenho crianças. E naquele momento eu falava sobre por que as pessoas não falavam mais de Aids no Brasil. Ora, Aids desapareceu, Fernando? A Aids não desapareceu. Pegue a última declaração do ministro Padilha (Alexandre Padilha, da Saúde) sobre a Aids, ele vai dizer [que] a Aids cresceu no país nos últimos dois anos em 50%. Desses 50% o grupo que corre risco mais mete medo no Ministério da Saúde é o grupo de homossexuais. Eles ainda são o grupo de risco mais perigoso e que acabam passando esse vírus com mais facilidade.

Luiz Mott num programa do Jô Soares disse assim, que ele, em pouco mais de 10 ou 15 anos teve 500 parceiros homossexuais. O estilo de vida homossexual é perigoso. Então, vou continuar dizendo... A princípio, quando ela [a Aids] chegou no nosso pensamento, no nosso Brasil, no ocidente, veio como sendo, e não fui eu quem coloquei esse título, procure na internet e vocês vão encontrar, a Aids era uma doença gay. Sabemos que hoje o grupo aumentou, não são apenas os gays que propagam a Aids, nós temos aí o problema com drogas, os usuários de drogas etc.

**Folha/UOL: Foi um momento de descuido?**

**Marco Feliciano:** Isso. Eu falei ali no fervor do momento, eu estava emocionado, pode pegar as palavras, o vídeo, você vai ver isso. Eu estava tentando dar uma declaração, dizendo que esse movimento, eles se protegem tanto, que ninguém pode falar nada e ninguém mais fala de Aids no país. Porque quando fala de Aids lembra-se de homossexuais.

**Folha/UOL: Deixe-me fazer uma pergunta, deputado, o sr. é um líder religioso. E um líder tem responsabilidade sobre o que fala. Todos têm, mas o sr., que fala para tantas pessoas... O caso daquela frase no Twitter [sobre a África] talvez pudesse ter colocado aquela**

**observação, "continua". O caso, agora da Aids, doença dos gays, talvez pudesse ter sido um pouco mais comedido ao falar. O sr. não se excede com muita frequência?**

**Marco Feliciano:** Veja só, são dois assuntos. Foram dois momentos. O assunto dos gays e o assunto, entre aspas, do racismo. Algumas dessas declarações eu dei há anos atrás.

**Folha/UOL: O sr. não daria mais essas declarações dessa forma hoje?**

**Marco Feliciano:** Hoje pensaria outra forma para falar. Porque hoje eu começo a entender o que é a vida pública. Eu nunca tinha sido nem vereador. Eu tive essa expressão de votos aí. As pessoas que votaram em mim votaram porque sabem que eu sou contundente nos meus posicionamentos, e corajoso. Hoje, usaria outros tipos de palavras. Talvez falaria as mesmas verdades de outra forma.

Existem várias maneiras de dizer uma verdade, né? Seria um pouquinho mais cuidadoso.

**Folha/UOL: O sr. acha que os gays, o homossexual, é alguém que padece de alguma patologia?**

**Marco Feliciano:** Se eu falar patologia, amanhã eu vou ser crucificado de novo porque vamos falar de doença. Não, a homossexualidade, não posso falar mais homossexualismo... Eu posso falar heterossexualismo, mas não posso falar homossexualismo. A homossexualidade, ela não é uma patologia.

**Folha/UOL: Como o sr. a classifica?**

**Marco Feliciano:** Eu a vejo como um fenômeno comportamental. É um fenômeno de comportamento que até alguns anos atrás era tratado à luz da psicologia. E a psicologia estava indo, avançando. Eu conheço muitas pessoas que eram e não são mais. São casados, têm filhos.

**Folha/UOL: O sr. acredita em pessoas que são homossexuais e deixam de ser?**

**Marco Feliciano:** Acredito piamente. Tenho provas disso. Tenho amigos que são. Tenho amigos que hoje têm família e que hoje dão testemunhos pelo mundo. É uma orientação, eles mesmos dizem. E se é uma orientação, a pessoa pode ser reorientada.

**Folha/UOL: Na sua igreja há esse tipo de orientação também, para eventualmente um gay que procura para mudar a orientação?**

**Marco Feliciano:** Não, nós não explicamos isso à pessoa. No culto nós pregamos a palavra. A própria palavra se incumbe de libertar. Jesus disse assim, ó: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará".

**Folha/UOL: Tem casos na sua igreja de ex-gays?**

**Marco Feliciano:** Muitos. Muitos.

**Folha/UOL: Muitos, quantos?**

**Marco Feliciano:** Muitos, seria difícil falar... A minha igreja que você diz é a Assembleia de Deus?

**Folha/UOL: É. E a sua em particular?**

**Marco Feliciano:** A minha igreja [a Catedral do Avivamento] é uma igreja com cinco anos. Nós temos pessoas que frequentam, né. Tem pessoas que chegam na igreja e nós não sabemos se ela é gay ou não. Ninguém chega aqui com uma plaquinha dizendo "eu sou gay". Tem uns que são estereotipados, mas outros não. Então eu não sei dizer ao certo.

**Folha/UOL: Já presenciou, digamos, uma conversão desse tipo?**

**Marco Feliciano:** Muitas, muitas. Muitas, muitas, muitas. Eu, inclusive, eu ministro pelo Brasil inteiro e alguns deles hoje são palestrantes, têm família formada. Sempre estão em programas de televisão inclusive.

**Folha/UOL: O sr. acha que esse tipo de abordagem não o classificaria como homofóbico, como alguns acham que o sr. é?**

**Marco Feliciano:** De maneira nenhuma. Vamos falar o que é homofobia. Homofobia, ao pé da letra, seria medo do homem. Ou medo do homem que tem uma opção sexual diferente. Esse medo se tornaria uma patologia, porque levaria ao ódio. E o ódio, ao crime de assassinar um gay. Eu não sou homofóbico, eu sou um líder religioso, creio na Bíblia Sagrada, meu livro de cabeceira, o livro que me rege, o livro que mudou minha vida. E a Bíblia Sagrada é contrária à prática homossexual. Então, é o meu direito pensar assim. Agora, veja só, você falou sobre um assunto que, se você me der um minutinho, uma pessoa héteros que está com crise de identidade sexual. Um homem, cansou de namorar uma mulher e ele está com problema psicológico. Ele vai ao Conselho Federal de Psicologia ou ao psicólogo e diz: "Olha, eu queria me reorientar. Não sei, de repente eu passei a ter uma paixão por pessoas do mesmo sexo". O

psicólogo está amparado pela lei do Conselho Federal de Psicologia para cuidar da pessoa. Se houver alguém no sentido contrário, um homossexual, ele cansou desse estilo de vida, de repente ele viu que não dá certo, ele quer se reorientar, ele quer procurar um psicólogo e falar assim: "Olha, eu sou homossexual, mas eu quero que você me ajude a voltar como eu era antes quando eu nasci. Eu gostava de mulher, ou eu gostava de homem. Eu quero que você me ajude a me reorientar". Sabe o que o psicólogo vai dizer para ele? "Por favor, saia do meu consultório agora. Porque se alguém souber disso eu vou ser cassado pelo Conselho Federal de Psicologia". É uma desproporcionalidade. Você pode ir para um lado, mas não pode ir para o outro. O movimento GLBT se levanta com uma doutrinação nacional. Eles se levantam nesse nosso país com uma ditadura, uma ditadura gay. E eles forçam as pessoas a pensar o que eles querem. Veja agora, por exemplo, as manifestações contra mim sobre os artistas. Começaram a dar beijos na boca, não foi?. Vários artistas fizeram isso. Você viu algum artista masculino dar algum beijo na boca de outro artista masculino? Não tem. Por quê? Porque eles sabem que isso vai chocar a população. Porque um beijo feminino talvez choque menos.

**Folha/UOL: O sr. acha isso? Que nunca vai haver nessas manifestações dois atores homens se beijando?**

**Marco Feliciano:** Não disse nunca. Eu disse que até agora não aconteceu. Porque eles sabem que, quando colocar dois homens se beijando na boca na televisão, isso vai ferir uma população que é, ainda, conservadora.

**Folha/UOL: Duas mulheres ferem menos?**

**Marco Feliciano:** Ferem menos, ferem menos.

**Folha/UOL: Por quê?**

**Marco Feliciano:** Gostaria de saber. Por causa disso. É uma coisa que não é normal. Eu estava lendo agora um blog de um pastor muito conceituado, já é um vovô. Ele dizia, na semana passada, "eu estava num shopping", dizendo ele, "e na praça de alimentação estava com meus netos". Três ou quatro criancinhas, família, praça de alimentação, domingo, shopping. E do lado deles sentaram-se dois homens, dois homens homossexuais. E eles começaram a se beijar. Não se atendo apenas ao beijo, começaram a se tocar. As famílias que estavam perto começaram a se levantar e a sair de perto deles. Ele, como é uma pessoa esclarecida, conhecedor da lei, chamou o segurança. E disse ao segurança assim: "Aquilo ali é um atentado ao pudor, eles estão se tocando de maneira sexual na frente de todo mundo. Você não vai fazer nada?" O segurança

disse para ele: "Senhor, me desculpe. Se fosse um homem e uma mulher fazendo a mesma coisa eu poderia tomar qualquer providência. Mas como são dois homens, se eu fizer isso, eles vão levantar e vão começar a gritar, e vão começar a dizer aqui que eu sou preconceituoso e vai acontecer comigo o que aconteceu com o último guarda. Foi mandado embora e eu vou perder o meu emprego. Então, por favor, perdoe, eu não posso fazer nada contra isso."

**Folha/UOL: É isso que o sr. chama de ditadura gay?**

**Marco Feliciano:** Ditadura gay. Eles impõem, goela abaixo, o sistema de vida deles, estilo de vida deles. Eu não sou contra...

**Folha/UOL: O sr. é contra que dois homens ou duas mulheres, em praça pública, se beijem?**

**Marco Feliciano:** Sou. Sou porque...

**Folha/UOL: É só um beijo, deputado.**

**Marco Feliciano:** Mas um beijo na boca é um beijo que mostra muita intimidade. Veja um casal héteros se beijando na boca...

**Folha/UOL: Mas há 50 ou 100 anos, vários países e sociedades eram contra homem beijar mulher em praça pública. Daí evoluiu-se. Hoje é normal. O sr. não acha que é normal que, aos poucos, o beijo entre um homem e um homem, uma mulher e uma mulher também vá...**

**Marco Feliciano:** Querido Fernando, querido Fernando, vou citar para você o grande Freud. Freud dizia assim: o que uma criança vê, ouve e sente de zero a sete anos, e depois se estende até os 12, será a base da construção do seu caráter. Quando você coloca isso exposto publicamente e põe uma criança a olhar, isso vai gerar na criança a curiosidade, vai mexer com a mente dela e vai tirar dela a figura que ela tem de casa, ver papai e mamãe.

**Folha/UOL: Se o sr. pudesse, o sr. faria uma lei para proibir beijos entre pessoas do mesmo sexo?**

**Marco Feliciano:** Não, eu não faria uma lei. Eu apelaria para o bom senso. Apelaria para que as pessoas tivessem um pouquinho mais...

**Folha/UOL: Porque hoje não tem uma lei. Então hoje é permitido.**

**Marco Feliciano:** Não tem, não tem e talvez nem vá ter. Não tem e nem vá ter. Até porque alguns deputados até batem no peito. Tem uma deputada aqui do Distrito Federal que diz: agora existem mais beijos em praça pública. Agora existem mais isso e mais aquilo.

Veja a Parada Gay. A Parada do Orgulho Gay. Veja o que acontece nas paradas. Entre no meio deles. Eu lembro que em 2007 saiu, na "Folha de S.Paulo", no órgão de imprensa seu. Os gays distribuíram na Parada Gay uma cartilha ensinando como usar corretamente a cocaína. Não usar nota de dinheiro. Usar o papel assim. Fazer um pito assim ou de outra forma. Ou seja, eles de certa forma dizendo "existe aqui quem vá usar cocaína nessa passeata". Existem pessoas que vão fazer sexo ali no meio. Que isso acontece, tem vídeos na internet sobre isso. Então o estilo de vida deles, a liberdade que eles querem não é uma liberdade de serem, é uma liberdade sexual pública.

**Folha/UOL:** Mas, deputado, paradas gays existem no mundo inteiro. A chance de elas deixarem de existir é zero. Há um clima de mais liberdade sobre esse tipo de manifestação. Como o sr. fica falando isso, para quem o sr. está pregando? Porque não serão banidas as paradas gays.

**Marco Feliciano:** Eu não estou falando para serem banidas. Eu estou falando para as pessoas, ao se manifestarem, pensem duas vezes no que vão fazer. Querem brincar, brinquem. Querem cantar, cantem. Querem dançar, dancem. Mas irem para a parada gay, pegarem a imagem de um santo católico e ficarem se bulinando na frente de todo mundo, isso é um desrespeito, Fernando. Isso é um desrespeito. Pegarem figuras públicas e malharem em praça pública, isso é um desrespeito. Darem gritos e acusarem pessoas, como fazem comigo, isso é desrespeito. Virem ao Congresso Nacional e subirem em cima das cadeiras, isso é desrespeito. Então isso não é democracia. Democracia é a liberdade do contraditório. Podemos conversar, mas em alto nível.

**Folha/UOL:** Homofobia, PL 122. Projeto de Lei 122. O sr. tem restrições a esse projeto.

**Marco Feliciano:** Completamente.

**Folha/UOL:** Ele poderia ser adaptado para criminalizar atos de homofobia de alguma forma que fosse aceitável para o sr. ou não?

**Marco Feliciano:** Veja só, esse pessoal luta tanto por esse tipo de direito que eu não sei o porquê. Já existe no código penal um sem número de crimes que beneficiam inclusive o

homossexual. Toda pessoa que é constrangida, toda pessoa que é humilhada, toda pessoa que sofre violência, já tem no Código Penal os crimes que possam...

**Folha/UOL: O sr. acha desnecessário esse tipo projeto?**

**Marco Feliciano:** Completamente. Porque se formos abrir esse tipo de precedente, vamos criar também a lei que criminaliza quem é contra o índio. A lei que criminaliza quem é contra o caolho. A lei que criminaliza quem é contra o careca. A lei que criminaliza quem é contra o banguelo. Porque todas essas pessoas também sofrem bullying, todas essas pessoas também sofrem. Então o PL 122, do jeito que ele está, ele não passa. Já tentamos, Fernando, já tentamos conversar com os relatores para fazermos um substitutivo. Mas o movimento vem de cima para baixo e diz: tem que ser aprovado do jeito que está. E do jeito que está, acabou a minha liberdade de expressão. Eu estou, hoje, sofrendo o PL 122 sem que tenha sido votado. O que acontece comigo agora vai acontecer com todos os pastores e padres do Brasil inteiro. O que está acontecendo nas portas da minha igreja, entrando eles dentro nos cultos onde eu estou.

**Folha/UOL: Sobre liberdade de expressão e religião, a propósito, o Brasil é um país laico, Estado laico, mas órgãos públicos no Brasil em geral, não todos, mas a maioria, ostentam ícones religiosos, em geral uma cruz. O sr. acha correto.**

**Marco Feliciano:** Laicidade não significa ateísmo. Laicidade significa que o Estado não comanda a igreja e a igreja não comanda o Estado.

**Folha/UOL: Como há uma cruz não há ícones de outras religiões, não é?**

**Marco Feliciano:** Sim, exatamente.

**Folha/UOL: Nesse caso, não há um descompasso?**

**Marco Feliciano:** Ao colocar a cruz ali, não está dizendo que o Estado é cristão, mas que a maioria dos que ali estão lutaram por aquilo. Os outros lutem para colocar os seus ícones.

**Folha/UOL: O sr. acha que o ideal seria o quê?**

**Marco Feliciano:** O ideal, eu sou cristão, não vou fugir à regra, eu fico muito feliz quando começamos a ordem do dia e o presidente, de pé, diz: sob a proteção de Deus. E ao lado esquerdo dele tem uma Bíblia. O nosso país foi fundado ao lado de uma cruz. Se formos começar a falar desse jeito...

**Folha/UOL:** Então o sr. acha que seria necessário um sincretismo maior?

**Marco Feliciano:** Vamos estender aqui o debate. Se isso for acontecer, se é para tirar a cruz de dentro dos espaços públicos...

**Folha/UOL:** O sr. é a favor da cruz no espaço público?

**Marco Feliciano:** Sou a favor porque sou cristão. Quando eu olho para ela eu vejo justiça e vejo piedade. Imagine se formos tirar isso, o que vamos fazer com a metade dos Estados brasileiros que têm nome de santo, com as quase cinco mil cidades do Brasil que têm nome de santo. Então nós temos que abolir tudo isso. Ora, o cristianismo não é ofensivo. O cristianismo cuida de pessoas. Falam tanto das nossas igrejas evangélicas, falam só do dinheiro. Você já imaginou esse país sem uma igreja evangélica que cuida de drogados, que busca curar famílias que se divorciarem e coisas mais. O que aconteceria com esse país. Jesus diz que a igreja é o sal da terra e a luz do mundo.

**Folha/UOL:** Estamos chegando no final aqui, deixe-me correr. O sr. é contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Agora, no caso da união civil, que resolve problema objetivos entre dois homens e duas mulheres que vivem maritalmente, como por exemplo, herança, aposentadoria. Nesse caso, o sr. tem alguma proposta para resolver?

**Marco Feliciano:** Veja só, o meu pensamento é um pensamento, eu acho, da maioria dos brasileiros, só que nem a maioria tem voz para falar como eu falo. Eu não sou tonto. Eu não sou iletrado. É claro que a união estável ela tem que ser vista do ponto de vista jurídico. Duas pessoas constroem um patrimônio, uma morre, a outra tem que ter. Todavia, transformar isso em família é um problema. Porque daqui a pouco três homens vão assumir aí...

**Folha/UOL:** Mas do aspecto básico aí. Homem e outro homem. Uma mulher e outra mulher. Moram juntas, viveram maritalmente. Uma delas morre. Um deles morre.

**Marco Feliciano:** Sim.

**Folha/UOL:** A herança, o direito de herança, de aposentadoria, isso o sr. é a favor?

**Marco Feliciano:** Eu acho que é direito das pessoas. Só que eu gostaria de pensar e falar para o pessoal homossexual pensar um pouquinho mais além. A maioria dos homossexuais é apegada ao papai e à mamãe. Eles criarão problema para eles mesmos. Imagina se os dois vivem juntos aqui, de repente morre um, o bem que ele deveria ter deixado para a mãe, para o pai,

ficará para uma outra pessoa, que conviveu com ele, mas que não é da família. Isso eu tenho ouvido de homossexuais.

**Folha/UOL: Mas como deveria ser?**

**Marco Feliciano:** Deveria continuar do jeito que está. Existem liminares para isso. Existe jurisprudência para isso.

**Folha/UOL: O sr. é a favor de continuar havendo esse direito de herança?**

**Marco Feliciano:** Esse direito não tem como ser negado. É constitucional. O problema, da minha luta, é que, veja só: o artigo 226, parágrafo seis da Constituição diz que toda união estável, ela tem que ser, por lei, transformada em união civil. Uma vez transformada em união civil, se torna em família e aí vem a proteção do Estado. O problema é o que vem depois de tudo isso. O problema é que, depois de união civil, eles podem querer a união religiosa. E se eu, um pastor, e o padre, como padre, não quisermos fazer o casamento, nós podemos ser taxados como homofóbicos, como criminosos e irmos parar na cadeia pelo PL 122. O problema é que depois do casamento religioso, eles podem querer, como já brigam pela adoção de crianças. E nós sabemos, a própria psicologia diz, que a criança criada por dois homens ou criada por duas mulheres tem uma problemática sem tamanho. Tem um caso no Canadá de uma mulher criada por duas mulheres...

**Folha/UOL: Mas há casos também em que não acontece isso.**

**Marco Feliciano:** Sim. Mas veja só: é maior o número de casos em que acontece do que os que não acontece. No Canadá tem o caso de uma mulher criada por dois homens. Ela criou lá, agora, uma associação para cuidar psicologicamente das crianças que foram criadas por pessoas do mesmo sexo. Porque, imagine uma menina criada por dois homens. E, como eu disse aqui, o movimento homossexual... Não há limites, não há muita fidelidade entre eles. Eles trocam de parceiros com muita felicidade e expõem uma criança a isso.

**Folha/UOL: Será que é verdade isso que o sr. está falando? Tem dados científicos sobre isso?**

**Marco Feliciano:** Tem dados provados. Existem instituições que estudam sobre isso. Instituições cristãs. Como tem as instituições deles que dizem o contrário. O que é fato é que isso acontece.

**Folha/UOL: Deputado Marco Feliciano, o sr. vai tentar se reeleger no ano que vem?**

**Marco Feliciano:** Olha, eu estou pensando duas vezes, viu? Eu estou vendo aqui.

**Folha/UOL:** Mas parece que estão dizendo que o sr. vai ter muito mais votos agora do eleitorado evangélico por conta dessa suas exposições todas. O sr. acredita nisso?

**Marco Feliciano:** Olha, eu sou humilde neste tipo de palavra e digo que, se eu for candidato, o suficiente mais um, para mim, já estou de bom grato e agradecerei a Deus. Se houver o que todo mundo está falando, que eu não acredito que isso aconteça, é mais uma fantasia, cria um ícone sem existir, será muito bom para o meu partido e poderemos eleger mais pessoas que têm o mesmo tipo de pensamento e a nossa formação.

**Folha/UOL:** Quem é o seu ídolo na política?

**Marco Feliciano:** Bem, eu não tenho ídolo.

**Folha/UOL:** Na política não? O sr. admira alguém na política?

**Marco Feliciano:** Não. Eu admiro pessoas na política. Eu admiro pensamentos. Eu admiro, por exemplo, ver Eduardo Cunha [PMDB-RJ], na parte regimental. Eu acho o Eduardo fenomenal dentro dos regimentos. Conhece os trâmites da política. Acho interessantíssimo ver alguém que me bate muito, mas, para mim, é um dos políticos que mais discursam com segurança, que é Chico Alencar [PSOL-RJ]. Então, nesses quesitos de tribunos, para mim são eles. Mas, uma figura emblemática que marcou a minha vida desde criança sempre foi Ulysses Guimarães. Ulysses era...

**Folha/UOL:** Por algum motivo específico?

**Marco Feliciano:** Era o cara. Era um homem de um equilíbrio, de uma sabedoria, de uma sagacidade... Eu cresci ouvindo histórias de Ulysses, então eu gosto muito dele.

**Folha/UOL:** Teve um festival de rock muito rumoroso, com muito público em São Paulo, chamado Lollapalooza. Uma das bandas, Pearl Jam, muito famosa dos Estados Unidos, elogiou a cidade porque disse que ali era possível haver união civil entre pessoas do mesmo sexo. O sr. gosta de rock? Conhece essa banda? Acompanha esse tipo de assunto? O que acha disso?

**Marco Feliciano:** Não conheço. Eu li alguma coisa no jornal, essa palavra, que é uma palavra que chama atenção, né? Mas eu desconheço esse tipo de música.

**Folha/UOL: O sr. gosta de rock?**

**Marco Feliciano:** Eu gosto de música. Eu sou cantor.

**Folha/UOL: Eu sei, mas o sr. gosta de rock, especificamente?**

**Marco Feliciano:** Existe, na comunidade cristã, o white metal, que é o rock branco. Então, tem uma banda chamada Petra, uma banda americana, que eu gosto muito de ouvi-la. No rock, o som é estridente...

**Folha/UOL: Mas o rock em geral? O rock tradicional. O sr. acha que ele é uma boa influência para a juventude?**

**Marco Feliciano:** Olha, com as letras que tem, não. Se fossem letras politizadas, como... O nosso Brasil teve muito rock politizado, né? As bandas aqui, de Brasília, encantaram a minha geração, inclusive. Mas o rock...

**Folha/UOL: O sr. gosta de algum em particular?**

**Marco Feliciano:** Não, eu acho interessante só. Eu acho só interessante. O rock americano e algumas bandas como AC/DC e algumas outras bandas pesadas onde eles fazem apologia às drogas, apologia ao sexo livre, apologia ao ateísmo, criticam Deus, batem em Deus, isso, para mim, tem uma influência terrível sobre a juventude.

**Folha/UOL: O sr. deu várias entrevistas nos últimos dias, semanas. O sr. é cantor e falou um pouco sobre os seus hábitos estéticos. O sr. disse que alisa o cabelo, faz as sobrancelhas. É isso mesmo? Que cuidados estéticos o sr. tem com a sua imagem?**

**Marco Feliciano:** Veja só. Eu gosto de olhar no espelho e enxergar uma pessoa de boa aparência. Porque bonito eu sei que eu não sou, eu tenho espelho, eu olho para ele todo dia. O meu cabelo, quando criança... Eu sofri muito bullying na escola.

**Folha/UOL: Por quê?**

**Marco Feliciano:** Porque a minha pele é branquinha e o meu cabelo sarará, bem pixaim. E, para cuidar de um cabelo assim, para pentear, é muito difícil. Eu via os meninos me chamarem de coisas ruins. Me equiparavam ao urso do cabelo duro, me chamavam de Capitão Caverna. E eu fui guarda-mirim, também, na minha cidade. E, por quatro anos, a regra da guarda-mirim era raspar o cabelo. Então, o cabelo, que era crespo, durante quatro anos foi raspado e era extremamente duro. Então, quando eu consegui descobrir esses milagres da ciência, que deixam

o cabelo um pouco melhor, mais macio, eu comecei a me tratar sim. Tive o apoio da minha família, da minha esposa. E estou muito bem.

**Folha/UOL: O sr. é um homem vaidoso?**

**Marco Feliciano:** Eu me considero um homem cuidadoso.

**Folha/UOL: Não é pecado ser vaidoso?**

**Marco Feliciano:** Não. Pecado é quando a sua vaidade se põe acima de Deus. Aí, é. Aí, nesse quesito, disse Salomão: "Vaidade, vaidade. Tudo é vaidade". Então, nesse quesito, sim. Mas se cuidar não. Eu estou cuidando do templo do espírito santo. O meu corpo é o templo do espírito santo e eu acho que uma pessoa bem apresentável passa um pouco mais de respeito.

**Folha/UOL: Muito bem. Deputado Marco Feliciano, muito obrigado por sua entrevista à Folha de S.Paulo e ao UOL.**

**Marco Feliciano:** Eu agradeço você, agradeço todo o seu público e que Deus abençoe toda a nação brasileira.

## **19 - Crivella defende manter UPPs 'sem hesitação'**

O candidato ao governo do Estado do Rio Marcelo Crivella (PRB) defendeu na manhã desta quinta-feira (6) que o programa das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) deve ser mantido "sem hesitação" para evitar que os criminosos gerem qualquer expectativa de retomar o território.

Para suprir as carências de efetivo, Crivella –que tem aparecido nas pesquisas entre os líderes na disputa, dividindo a preferência do eleitorado com Anthony Garotinho (PR)– promete recorrer ao auxílio do governo federal, por suporte do Exército e da Força Nacional.

Crivella foi o convidado desta quinta-feira na série de sabatinas com os candidatos ao governo do Estado do Rio promovida em parceria entre o portal UOL, o SBT e a **Folha**.

"[Para garantir a expansão das UPPs] vou pedir ajuda ao Exército, à Força Nacional de Segurança. De 46 mil policiais, 20 mil estão de folga ou em atividade meio. Ou em gabinete. De deputado, prefeito, juiz e desembargador", afirmou o candidato.

Ao destacar a importância das UPPs, Crivella fez uma crítica velada a Garotinho e a Lindbergh Farias (PT) –dos quatro principais candidatos, os dois são aqueles com maior resistência ao projeto das UPPs.

"[Ao não ser assertivo na defesa das UPPs] Se realimenta esperança de que o sujeito vai ser o dono do morro, o que não pode acontecer. Nesse momento da política, independentemente de quem ganhe, devemos estar firmes. Firmes na decisão de que não vamos permitir a ninguém ser dono da vida das pessoas", afirmou Crivella.

Em paralelo às UPPs, o candidato do PRB defendeu a criação da Zona Franca Social. O objetivo desse projeto seria conceder incentivos fiscais combinados com a preferência a empresas com mão de obra de áreas pacificadas nas compras do próprio Estado.

"Vamos usar o poder de compra do Estado e capacidade de desonerar para gerar pequenos negócios. Se tem que comprar móveis para escolas, roupa de cama para hospital, quero fazer isso nas comunidades pacificadas", explicou.

Um ponto que Crivella destacou diversas vezes durante a conversa é a sua percepção de que "a política está chata", para dizer que os interesses programáticos estão subjugados aos conchavos políticos.

"A política está muito chata. A política não tem bons assuntos", disse o candidato como explicação ao fato de que ele se manifesta pelas redes sociais muito mais sobre religião do que em assuntos relacionados a sua atividade partidária.

## **20 - A homossexualidade na vida e na obra de Carlos Drummond de Andrade**

**RESUMO** Após a morte do amigo Pedro Nava, em 1984, Drummond deu declarações polêmicas em entrevistas considerando atitudes homossexuais como algo repugnante, e foi alvo de críticas. Porém, em poema publicado em livro de 1951, inspirado por mito grego de rapto de jovem por Zeus, o mineiro demonstrava visão tolerante.

Num domingo, dia 13 de maio de 1984, o médico e escritor mineiro Pedro Nava (1903-84) recebeu uma ligação telefônica por volta das dez horas da noite. Quem atendeu foi sua mulher, Antonieta, que identificou uma voz masculina e passou o aparelho ao escritor. Nava tinha 80 anos e, quando desligou, estava transtornado. Disse que nunca ouvira "nada tão aviltante". Retirou às escondidas uma pistola da gaveta e saiu pela porta dos fundos do apartamento. Duas horas depois, se matou com um tiro na cabeça, sentado num banco em frente à sua casa, no bairro da Glória, no Rio de Janeiro.

Na época, os jornais foram informados de que Nava cometera suicídio após ter sido chantageado por um garoto de programa que ameaçava revelar sua bissexualidade. O suposto chantagista foi localizado, mas toda a imprensa silenciou sobre a origem da tragédia, só revelada

anos depois. O que estava em jogo era a honra de um homem que deu cabo da própria vida para não ficar associado a um comportamento que feria os padrões morais do seu grupo. Um ato que mostra o lugar que a homossexualidade ocupava naquele ambiente.

A morte do escritor foi um golpe duro para o amigo Carlos Drummond de Andrade (1902-87), que em sua homenagem escreveu o poema "A Um Ausente".

"Sim, acuso-te porque fizeste/ o não previsto nas leis da amizade e da natureza/ nem nos deixaste sequer o direito de indagar/ porque o fizeste, porque te foste."

## **MUDANÇAS**

O suicídio também ocorreu num momento crítico de tensão entre gays e a sociedade brasileira. Na primeira metade dos anos 1980, houve uma série de conquistas da comunidade homossexual, como o estabelecimento de um Dia do Orgulho Gay e a decisão do Conselho Federal de Medicina de retirar a homossexualidade da classificação de doenças.

Esta conjuntura pode ter sido o estopim para que Drummond exibisse, pela primeira vez, e de maneira direta e virulenta, seus sentimentos em relação ao tema. Exatamente um mês depois da morte do amigo, deu uma entrevista à doutoranda em comunicação Maria Lúcia do Pazo, que fazia uma tese sobre a obra erótica do poeta. Entre outros assuntos, falou sobre gays: "Devo dizer que o homossexualismo sempre me causou certa repugnância, que se traduz pelo mal-estar. Nunca me senti à vontade diante de um homossexual. Com o tempo, havendo agora uma abertura imensa com relação ao desvio da homossexualidade, o homossexual não só ficou sendo uma pessoa com autorização para ir e vir como tal, mas chega a ponto de isto ser exaltado como riqueza de experiência, como acrescentamento da experiência masculina".

No ano seguinte, Drummond voltou ao assunto, desta vez na revista "IstoÉ". Em conversa com Humberto Werneck, reagiu à provocação do entrevistador: "É desvio, é um problema de ordem médica, que pode ser tratado ou não, pode ser remediado ou não, conforme condições peculiares do indivíduo. Não é aquilo que antigamente se chamava pecado. (...) Por mais que se façam essas experiências, a relação homem-mulher é ideal, é a mais perfeita do mundo, não tem substitutivo, não".

Por esta declaração, o Grupo Gay da Bahia lhe enviou um abaixo-assinado, redigido pelo antropólogo Luiz Mott e manifestando repúdio ao discurso do poeta. "Lastimamos profundamente as declarações do nosso Poeta Maior", dizia a missiva. "Não há perfeição em ser branco nem em ser preto. Essas coisas, tipo raça, religião, preferência sexual, são privativas de cada ser humano, nem aos poetas autorizando-se decretar onde está a perfeição." A carta nunca mereceu resposta, mas Drummond a preservou em seu acervo pessoal.

## **NA POESIA**

A revelação do ponto de vista do poeta tem especial significação à luz do que ele escreveu sobre o assunto. Em toda sua obra, Drummond tratou uma única vez da homossexualidade. O poema "Rapto", publicado no livro "Claro Enigma" (leia abaixo), de 1951, apesar de exemplo isolado, é instigante na medida em que demonstra uma fratura entre as crenças morais do autor, reveladas nestas duas entrevistas, e a obra que ele produziu. Neste processo, o escritor sai engrandecido.

Drummond poderia ter fugido do tema que o incomodava ou, debruçando-se sobre ele, despejar seu sentimento de repulsa. O poema "Rapto", no entanto, se não é absolutamente infenso à visão crítica de Drummond, não traz o tom acusatório que vaza de suas entrevistas.

Na mesma conversa com do Pazo, Drummond diz que fez em "Rapto" uma "operação puramente literária". O tema da homossexualidade é resgatado no poema através de um mito grego: o episódio do sequestro de Ganimedes por Zeus.

Segundo a mitologia, Zeus se apaixonou por um belo adolescente chamado Ganimedes. Em algumas versões, o jovem aparece como um príncipe troiano, em outras, como um pastor de ovelhas. Atordoado com sua beleza, Zeus se transformou em águia, desceu do Olimpo, e raptou Ganimedes, possuindo-o em pleno voo. Em seguida, carregou o jovem ao céu e o converteu em seu amante e serviçal.

A imagem do mito é bastante simpática à causa, pois explica o mistério da homossexualidade como um chamado divino que acomete o adolescente desavisado. Ao longo da história da arte, esta cena foi utilizada repetidas vezes, na pintura ou na poesia, com uma tonalidade que varia de acordo com os padrões morais de cada autor.

Por volta de 1530, Michelangelo fez um desenho sobre o tema. O original se perdeu, mas existem pinturas de outros autores feitas a partir desse desenho. Na cena, o jovem Ganimedes aparece nu, com corpo robusto e uma capa nos ombros. A águia gigante agarra com firmeza suas duas pernas. Mas os braços do jovem enlaçam o pescoço e uma das asas da ave, e seu rosto a contempla com uma expressão de ternura. Nesta imagem, o rapaz elevado parece naturalmente corresponder ao desejo do deus.

Outra leitura do mesmo episódio, muito mais dura e crítica, foi feita por Rembrandt em 1635, num óleo que pertence ao acervo da Pinacoteca dos Mestres Antigos, de Dresden, na Alemanha. Na cena, Ganimedes não é representado por um jovem, mas por uma criança pequena. A águia aparece com um olhar ameaçador, segurando seu braço pelo bico, sob um céu de cor chumbo. A criança leva nas mãos um ramo de cerejas, que evidencia inocência, tem cara de choro e se urina de medo no ar. Este último detalhe dá ao quadro uma sensação absolutamente chocante

pela violência perpetrada contra a criatura infantil, que será convertida em amante. Na poderosa leitura de Rembrandt, o sequestro de Ganimedes é um estupro.

Em sua versão na forma de poema, Drummond descreve a passagem mitológica, para em seguida transportá-la aos dias atuais, observando que este tipo de sequestro acontece agora na porta das boates. O que o diferencia das leituras anteriores é a indicação de uma postura a se adotar diante do rapto. Em sua parte final, o poema traz uma mensagem de aceitação e tolerância à diversidade.

Se este tipo de sequestro ocorre desde os tempos mitológicos, pressupõe Drummond, e se ele se repete nos dias de hoje, agora em casas noturnas, o que resta à sociedade é baixar os olhos diante de um desígnio da natureza. Drummond sugere um passo atrás e um inclinar de cabeça em face da alteridade, como um consentimento tácito.

O poema ainda contém certo ranço conservador, já que é matizado com as mesmas cores dramáticas de Rembrandt. Os versos falam de uma águia que desce dos céus e carrega a criatura pura que, subindo, degrada-se e assim recusa o pasto natural aberto aos homens. Segundo o texto, tais raptos "terríveis" se repetem agora na vida noturna das cidades, onde o beijo estéril de dois homens carrega um soluço dissimulado. A cena é descrita sob um céu em brasas, como se o próprio firmamento estivesse atormentado diante do dilema que a mitologia grega explicou como mistério e o pensamento cristão define como pecado.

A solução final, no entanto, é pacificadora. "Baixemos nossos olhos".

A revelação do ponto de vista de Drummond sobre os gays, por ocasião da morte de Pedro Nava, permitiu verificar uma interessante dessincronia entre a posição íntima do autor e sua obra de arte. Inspirado por uma cena da mitologia, o poeta criou uma peça que, ao contrário de ser uma exteriorização pura de seus valores particulares, tende para o universal.

## **RAPTO**

Se uma águia fende os ares e arrebatava  
 esse que é forma pura e que é suspiro  
 de terrenas delícias combinadas;  
 e se essa forma pura, degradando-se,  
 mais perfeita se eleva, pois atinge  
 a tortura do embate, no arremate  
 de uma exaustão suavíssima, tributo  
 com que se paga o vôo mais cortante;  
 se, por amor de uma ave, ei-la recusa

o pasto natural aberto aos homens,  
 e pela via hermética e defesa  
 vai demandando o cândido alimento  
 que a alma faminta implora até o extremo;  
 se esses raptos terríveis se repetem  
 já nos campos e já pelas noturnas  
 portas de pérola dúbia das boates;  
 e se há no beijo estéril um soluço  
 esquivo e refochado, cinza em núpcias,  
 e tudo é triste sob o céu flamante  
 (que o pecado cristão, ora jungido  
 ao mistério pagão, mais o alanceia),  
 baixemos nossos olhos ao desígnio  
 da natureza ambígua e reticente:  
 ela tece, dobrando-lhe o amargor,  
 outra forma de amar no acerbo amor.  
 Carlos Drummond de Andrade,  
 em "Claro Enigma" (Companhia das Letras)

## 21 - Breves pecados

**SÃO PAULO** - Os indícios agora sugerem que Omar Mateen, o autor do atentado contra a boate gay de Orlando, tinha tendências homossexuais. Ele já havia frequentado a casa noturna e era usuário de um aplicativo para marcar encontros gays.

A leitura que se impõe, como indicaram Clóvis Rossi e Contardo Calligaris, é que Mateen se voltou contra aquilo que não suportava em si próprio. Já que a religião e o pai reprimiam sua homossexualidade, ele "solucionou" o conflito cometendo um suicídio no qual levaria consigo o maior número possível de gays.

Não discordo dessa interpretação, mas gostaria de frisar que a ambivalência que marcou o gesto de Mateen também está presente nos textos religiosos do islamismo. No mundo terreno, o islã condena com veemência o homossexualismo. O Corão conta nada menos do que nove vezes a história de Ló e a pecaminosa cidade de Sodoma. Nas versões mais explícitas, como as das suras 7:80 e 26:165, o ato de homens que se deitam com homens é qualificado como

transgressão extrema. Os "ahadith", os ditos e feitos do profeta, que têm força jurisprudencial, vão além e mandam executar os que se comportem como o "povo de Ló" (Abu Dawud 4462). No Paraíso, porém, as regras não são tão rígidas. Ao contrário, coisas proibidas na Terra se tornam permitidas e abundantes. No Jardim das Delícias, poderemos beber vinho (83:25 e 47:15), faltar-nos com carne de porco (52:22) e deliciar-nos com virgens (44:54 e 55:70). Também teremos à disposição "mancebos eternamente jovens", que, de tão belos, são comparados a "pérolas" (56:17, 76:19).

É o velho truque das religiões de tentar controlar as pessoas pedindo que se comportem agora em troca de uma eternidade de prazeres. Não deixa de ser irônico que a arma usada para combater a devassidão seja um hedonismo de segunda ordem. Por essa lógica, o problema com o pecado não é que ele seja intrinsecamente mau, mas que dura pouco.

## **22 - ‘Globo Repórter’ enaltece respeito à diferença de gêneros, mas tropeça em ‘homossexualismo’**

Exibida no horário do “Globo Repórter”, a retrospectiva da Globo para o ano enalteceu ações em respeito à diferença de gêneros, lembrou o caso de Ivana (Carol Duarte), discutindo a questão transexual na novela da casa (“A Força do Querer”), mencionou Pabllo Vittar e até o juiz de Brasília que chegou a autorizar tratamentos para a chamada “cura gay”.

Mas a emissora tropeçou feio no vocabulário equivocado ao lembrar, a poucos minutos de toda essa abordagem, o episódio de Kevin Spacey, acusado de assédio sexual e no programa citado como alguém que “assumiu seu homossexualismo”.

O termo “homossexualismo” há muito foi abolido do vocabulário que busca justamente respeito às diferenças, já que “ismo” remete a doença, patologia. O mais adequado seria “homossexualidade”, bem mais adotado hoje em dia.

## **23 - Aline Barros finge que homofobia é só questão de opinião**

Cantora gospel falou sobre ser 'contra gays' durante entrevista

Aline Barros é simpática, alegre, cativante, articulada e otimista. Um doce de pessoa. Ah, e também é homofóbica.

Na última sexta (30), a cantora gospel foi a convidada do programa “Mariana Godoy Entrevista”, exibido pela RedeTV!. Depois de quase uma hora conversando sobre amenidades,

Aline respondeu à pergunta enviada por uma espectadora: “Por um acaso —e com todo o respeito, é claro— você é contra os gays?”.

Aline deu uma risadinha e respirou fundo, demonstrando já estar acostumada com este tipo de questionamento. Rodeou um pouco, falou em amor e na palavra de Deus, e aí soltou a frase que rendeu manchete aqui no F5.

“Conheço pessoas que são homossexuais, conheço pessoas que... já fizeram meu cabelo, já me maquiaram. São pessoas queridas, que eu tenho um carinho especial, sim. Mas, em relação à prática, àquilo que eles fazem, eu não posso dizer para você que eu concordo.”

Mariana Godoy ainda disse que sonha com uma igreja mais inclusiva, e logo mudou de assunto, ressaltando a fofura de sua entrevistada.

O fato é que a cantora não disse absolutamente nada de novo. Muitas celebridades e políticos, ligados ou não à religião evangélica, deram para dizer que “não concordam” com a homossexualidade (isto quando não usam o termo errado, “homossexualismo”, que remete a doença).

Dizendo desta forma, estas pessoas acham que estão amenizando a própria homofobia. Que “não concordar” é mera questão de opinião —e afinal, em uma democracia, todas as opiniões são válidas. Assim, ninguém pode reclamar dessa “discórdia”, pois estaria violando o sagrado direito à livre expressão.

Acontece que “não concordar” com a homossexualidade é tão ridículo quando não concordar com o cabelo louro de alguém, ou com o nariz adunco, ou com os olhos castanhos.

Aline Barros também cometeu outro deslize sério ao tratar a homossexualidade como “opção”. Não, não é: ninguém escolhe ser gay, assim como ninguém escolhe ser hétero. Até dá para “discordar” da escolha de alguém, mas não de algo que é tão natural quanto um nariz adunco.

No Brasil, alguns setores tentam caracterizar como homofobia apenas a violência física cometida contra a população LGBT. Na verdade, atitudes homofóbicas englobam desde as piadinhas de mau gosto até a recusa de emprego. Passando também, é claro, também pela boca dos famosos que dizem “não concordar” com os gays.

Não espero convencer Aline Barros de nada. Ela é até mais comedida do que sua colega Ana Paula Valadão, que já se indignou até com propaganda de moda unissex.

Mas não adianta Aline dizer que tem Jesus no coração e muito amor para dar. “Não concordar” com a homossexualidade é homofobia. Ponto.

## **24 - Manual ensina uso correto de termos vinculados à diversidade sexual**

**Pedro Diniz**

Homossexualismo. O travesti. Opção sexual. Essas expressões podem parecer inofensivas, mas carregam décadas de desinformação que só colaboram para formular conclusões erradas sobre a sexualidade e cujo efeito imediato é a disseminação da homofobia.

As versões corretas das palavras são “homossexualidade”, porque o sufixo *ismo* é geralmente vinculado a doença e ideologia; “a” travesti, em vez do artigo no masculino, porque a identidade é feminina; e “orientação sexual”, pelo simples fato de uma pessoa não optar por sua sexualidade, porque ela é nata.

Essas e outras expressões estão no primeiro Manual de Comunicação LGBTI+, lançado na terça-feira (22), em São Paulo, pela Aliança Nacional LGBT em parceria com a GayLatino, uma rede de associações latino-americanas que lutam pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros.

Apoiado por diversas entidades ligadas à comunicação, inclusive a Federação Nacional dos Jornalistas, o guia tem como propósito desestimular nos textos e na fala o uso de termos corriqueiros que desrespeitam a dignidade humana e sugerir correções.

Editamos alguns verbetes que põem os pingos nos is desse extenso (e, é verdade, às vezes confuso) vocabulário da diversidade. Confira.

\*\*\*

### **Identidade, orientação e sexo**

São três conceitos básicos para entender a diversidade. A identidade de gênero é a “forma como cada pessoa sente que ela é em relação ao gênero masculino e feminino, lembrando que nem todas as pessoas se enquadram, e nem desejam se enquadrar, na noção binária de homem/mulher, como no caso de pessoas agênero e ‘queer’, por exemplo”.

[...] Orientação é um conceito descolado da identidade, porque é a “inclinação involuntária de cada pessoa em sentir atração sexual, afetiva e emocional por indivíduos de gênero diferente,

de mais de um gênero ou do mesmo gênero”. [...] Por fim, “o sexo biológico é o que existe objetivamente, os órgãos, hormônios e cromossomos.”

### **“Queer”?**

Um adjetivo utilizado por algumas pessoas, em especial mais jovens, cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual. De modo geral, para as pessoas que se identificam como “queer”, os termos lésbica, gay, e bissexual são percebidos como rótulos que restringem a amplitude e a vivência da sexualidade. O termo ‘queer’ também é utilizado por alguns para descrever sua identidade e/ ou expressão de gênero. Quando a letra Q aparece ao final da sigla LGBTI+, geralmente significa queer e, às vezes, ‘questioning’ (questionamento de gêneros).”

### **Nem desvio, nem normalidade**

“No Brasil, a homossexualidade não é considerada ‘desvio sexual’ desde 1985, pelo Conselho Federal de Medicina. É um termo ofensivo e que não deve ser usado por profissionais da comunicação, pois indica a homossexualidade como uma anomalia, algo fora de uma ideia de ‘normalidade’ heterossexual.”

[...] “Ao se tratar de sexualidade, não existe padrão de normalidade ou anormalidade. A manifestação sexual/afetiva é de caráter individual e íntimo dos indivíduos. Falar de ‘normalidade’ de uma identidade ou orientação sexual pressupõe que existe um ‘desvio da norma’ ou uma ‘anormalidade’. Portanto, é uma expressão que deve ser evitada ao referir-se aos segmentos LGBTI+, pois pode reforçar conceitos relacionados ao preconceito e discriminação.”

### **Ninguém muda de sexo**

[...] “A readequação de sexo e gênero é muito mais ampla do que deixa entender o termo ‘mudança de sexo’, que pode reduzir a questão como apenas uma vontade de trocar de sexo. Antes das cirurgias, é realizada uma avaliação e acompanhamento ambulatorial com equipe multiprofissional, com assistência integral no processo de readequação de sexo e gênero (BRASIL, 2015b).”

### **Travesti não é o mesmo que transformista**

Transformista é um “indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas (ABGLT, 2010).” [...] “Uma drag queen não deixa de ser um tipo de ‘transformista’,

pois o uso das roupas está ligado a questões artísticas – a diferença é que a produção necessariamente focaliza o humor, o exagero.”

Portanto, é importante separar a travesti desses dois contextos, porque ela “é a pessoa que nasceu com determinado sexo, ao qual foi atribuído culturalmente o gênero considerado correspondente pela sociedade, mas que passa a se identificar e construir nela mesma o gênero oposto”. [...] “Atualmente, o termo travesti adquiriu um teor político de ressignificação de termo historicamente tido como pejorativo.”

### **Troque “casal homossexual” por “casal homoafetivo”**

“Ao falar sobre homoafetividade ou casamento homoafetivo, o ideal é usar a expressão casal homoafetivo. A palavra homoafetiva é sinônimo de homossexual, mas ressalta a conotação emocional e afetiva envolvida na relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo/gênero.”

### **“Cura gay” não existe!**

O conceito é da idade média, mas como parece que não saímos dela, vale lembrar: “o Conselho Federal de Psicologia, por meio da Resolução 001/99, veda toda e qualquer tentativa de um psicólogo de ‘curar’ o paciente homo ou bissexual. Nesses casos, o profissional que infringir a resolução pode sofrer sanções, inclusive a perda do registro profissional. Também um psiquiatra ou médico pode ser denunciado ao Conselho Regional de Medicina, caso tente ‘tratar’ a homossexualidade.”

### **25 - Por que Lulu Santos deveria se esconder no armário?**

Tem gente que preferia que Lulu Santos ocultasse seu namoro com um rapaz

Ninguém quer ser tachado de homofóbico. Nem mesmo quem expressa claramente sua intolerância aos homossexuais. Os preconceituosos tentam se disfarçar usando frases como “não concordo com a prática do homossexualismo (sic)”, ou a já clássica “tenho até amigos gays”.

Existe uma variante muito em voga quando um artista famoso sai do armário. Ela está sendo usada neste exato momento contra Lulu Santos, e diz mais ou menos assim: “Nada contra o que você faz entre quatro paredes, mas sua vida privada só diz respeito a você mesmo. Poupe-nos dos detalhes”.

Na segunda (23), o cantor postou em seu perfil no Instagram uma foto em que aparece ao lado de Clebson Teixeira, e deu várias pistas de que os dois estariam namorando. Depois ele mesmo confirmou tudo, em dois vídeos de agradecimento às mensagens de carinho enviadas pelos fãs.

Os comentários favoráveis são realmente maioria em todas as reportagens online que eu pesquisei sobre o assunto. Mas claro que Lulu também é alvo da ignorância de alguns. Explícita, em uns poucos casos, ou mais discreta, fazendo a linha “mais do que queríamos saber”.

“Exposição desnecessária.” “Relacionamentos íntimos devem ser realmente íntimos e discretos.” “Eu não tenho nada a ver com a vida sexual alheia. Cada um no seu quadrado!”, e assim por diante.

Também há quem diga que Lulu Santos estaria apenas querendo se promover. Como se fôssemos o país mais avançado do mundo, onde se assumir gay ou lésbica trouxesse sucesso automaticamente.

O curioso de tudo isso é que ninguém reclama quando uma celebridade heterossexual apresenta seu novo amor. Alguns casais chegam a postar fotos bastante íntimas, e todo mundo acha lindo.

A explicação para este critério duplo é simples. Quando um famoso se desvia do padrão heteronormativo, ele ajuda a tirar o estigma da homossexualidade. Está mostrando para o mundo que é perfeitamente possível ser feliz, saudável e bem-sucedido enquanto se relaciona com alguém do mesmo sexo. E dando coragem a milhares de pessoas a assumir suas preferências sexuais.

Exatamente o contrário do que pregam os homofóbicos, que acham que todos os LGBT são doentes, sofredores e marginalizados. E que alguém pode até ter desejos homossexuais, mas deve reprimi-los – ou vivê-los em segredo, como se fosse um crime.

Daniela Mercury, Marco Nanini, Nanda Costa, Luís Fernando Guimarães, Carol Duarte e, agora, Lulu Santos, estão espatifando esse paradigma em mil pedacinhos. Eles e outros artistas que vêm revelando seus pares homoafetivos estão prestando um enorme serviço à sociedade, espalhando uma mensagem de amor e aceitação.

Menos para quem “não concorda com o homossexualismo (sic)”, é claro.

## **26 - Escola cristã pergunta em prova 'como evitar homossexualismo' e é acusada de homofobia**

Colégio diz que perguntas 'davam a cada estudante a oportunidade de expressar livremente sua opinião'

"Como evitar o homossexualismo? A pessoa nasce ou se torna homossexual? A Bíblia condena a relação homossexual? Homossexualismo tem perdão?"

Essas quatro questões compõem uma prova de português aplicada a alunos que cursam o 9º ano do ensino fundamental no Colégio Adventista de Correios, em Belém (PA). O tom discriminatório gerou indignação nas redes sociais, que repercutiram o teste compartilhado pelo irmão de uma estudante.

"Estamos no século 21 e ainda podemos ver homofobia nos livros publicados", tuitou a aluna de 14 anos, a idade média de uma turma do 9º ano.

Instalada a polêmica, o Colégio Adventista, de orientação cristã, divulgou na terça (19) uma "nota de esclarecimento". Nela, afirmam que as perguntas "tinham como objetivo colher as diversas opiniões e sentimentos sobre a temática em estudo e davam a cada estudante a oportunidade de expressar livremente sua opinião".

A escola diz que "um livro serviu como auxílio na tarefa, o que ocorre em várias disciplinas". Trata-se de "De Bem Com Você", título encontrado facilmente em livrarias religiosas.

Na Amazon, ganha a seguinte descrição: "Este livro vai mexer com você. A proposta dos autores é mostrar como é bom viver de bem com Deus, os amigos, o sexo oposto e você mesmo".

Os autores são identificados como uma jornalista, pedagoga e editora de revistas (Sueli Nunes Ferreira) e um pastor, doutor em teologia e editor de obras literárias (Marcos de Benedicto).

Um dos trechos fala sobre a possibilidade de uma "cura" para homossexuais, alternativa amplamente rechaçada pela comunidade científica. Em 1990, a OMS (Organização Mundial de Saúde) banuiu a orientação homossexual da lista oficial de distúrbios mentais, que inclui a pedofilia, por exemplo.

Diz o título sugerido por um professor da escola particular adventista: "A mudança pode ser demorada e difícil, mas acontece. O ideal é contar com a ajuda de um terapeuta".

A avaliação proposta pelo colégio paraense usa o termo "homossexualismo", que grupos LGBT+ refutam por carregar em si uma conotação pejorativa de doença para se referir à homossexualidade.

A escola, que diz se pautar por "valores baseados na Bíblia", afirma respeitar "todos os indivíduos sem qualquer tipo de discriminação sexual, racial, religiosa, ou de outra natureza".

A tarefa, ainda segundo a instituição, "levou em conta o conhecimento prévio do aluno e, com isso, procura proporcionar um debate qualificado a respeito do assunto".